

Tudo
começa
por você

30 anos em 30 contos

 CRESOL

**CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS
CENTRAIS DE CRÉDITO E ECONOMIA FAMILIAR E
SOLIDÁRIA - CRESOL CONFEDERAÇÃO**

Conselho de Administração

Presidente: Cledir Assisio Magri

Vice-presidente: Adriano Michelin

Conselheiros

Alzimiro Thomé

Bráulio Zatti

Carlos Vando Cupercini

Guilherme Henrique Pilatti

Luiz Levi Tomacheski

Nilclesio Gabiatti

Renivaldo Ramos de Souza

Tamires da Silva Ferreira

Diretoria-Executiva

Diretor-Executivo: Marcio André Falcão

Diretor de Negócios: Pablo José Guancino

Diretor de Operações: Jonas Alberto Klein

Diretor de Tecnologia: Maicon Alves Siqueira

FICHA TÉCNICA

Idealizador: Gerência de Comunicação e Marketing do Sistema Cresol

Autoria: Ricardo Callegari e Elisandra Aparecida Callegari Gessi

Coautoria e revisão: Aline Leonardo

Projeto gráfico e diagramação: Marcia Alves de Oliveira

Ilustrações: Sara Oliveira

Fotos: Arquivo Cresol

Impressão: Gráfica Imperial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Callegari, Ricardo

Tudo começa por você : 30 anos em 30 contos /
Ricardo Callegari, Elisandra Aparecida Callegari
Gessi. -- 1. ed. -- Francisco Beltrão, PR :
Ed. dos Autores, 2025.

ISBN 978-65-01-77652-1

1. Contos brasileiros 2. Cooperativismo
3. Economia solidária 4. Histórias de vidas
I. Gessi, Elisandra Aparecida Callegari. II. Título.

25-313169.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

Apresentação	07
Conto 1: Voz da terra	09
Conto 2: A semente que germinou	15
Conto 3: Um novo amanhecer	23
Conto 4: Entre dúvidas e esperanças	31
Conto 5: Contra a correnteza	39
Conto 6: Mapa de oportunidades	46
Conto 7: Calculando o futuro	52
Conto 8: Pequenos gestos para grandes feitos	58
Conto 9: De interesseiros a interessantes	65
Conto 10: O jeito simples de fazer a diferença	72
Conto 11: O valor de cada papel	78
Conto 12: Uma revolução silenciosa	83
Conto 13: Agentes de transformação	89
Conto 14: Construindo pertencimento	95
Conto 15: Um novo chão	101
Conto 16: Palavra em cheque	108
Conto 17: Uma ponte de conhecimentos	114
Conto 18: Um crédito para as inovações	120
Conto 19: Unir para crescer e desenvolver	126
Conto 20: A marca é o que a gente é	132
Conto 21: Falar com o mundo lá fora	140
Conto 22: De pais para filhos	145
Conto 23: Missão compartilhada	150
Conto 24: Continuidade e renovação	156
Conto 25: Valores que ficam	161

Conto 26: Encontrando propósito	167
Conto 27: Cooperação que conecta	173
Conto 28: A força de ser quem somos	178
Conto 29: Tudo começa por você	183
Conto 30: Perguntas para o futuro	188
Linha do tempo	197

APRESENTAÇÃO

Este livro é o registro de parte de uma história que há três décadas vem sendo escrita em diferentes lugares, por muitas mãos. Cada conto e ilustração é resultado de uma imersão em fatos, pessoas e momentos que compõem os 30 anos da Cresol. Uma trajetória construída com coragem, solidariedade e propósito coletivo.

Algumas dessas histórias podem soar familiares. Outras permaneceram guardadas na memória de quem as viveu, nas conversas de comunidade, nos encontros entre colegas, nas lembranças que atravessaram gerações. Agora, reunidas aqui, elas ganham forma e representação e seguem inspirando quem compartilha os valores do cooperativismo.

Para a ludicidade da narrativa, os personagens receberam nomes fictícios e alguns locais não são precisamente identificados. Mas as emoções, os desafios e as conquistas refletem vivências que se conectaram com os caminhos da Cresol ao longo dos anos.

Esta obra é, portanto, uma homenagem a todas e todos que vieram antes, aos que estão hoje e àqueles que conhecerão esse movimento que transforma realidades em todo o Brasil.

Que cada leitor possa encontrar um pouco de si nestas páginas e perceber que o verdadeiro sentido de existir da Cresol está nas pessoas. Foi por elas que tudo começou e é por elas que a história continua sendo escrita.

Boa leitura!

Conto 1

Voz da terra

Os campos começavam a testemunhar a chegada de tratores reluzentes. No entanto, o que parecia o início de uma nova vida ainda guardava desafios.



O Sudoeste do Paraná tem uma história marcada por luta e resiliência. Desde a década de 1940, a região foi intensamente colonizada por agricultores vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Eles buscavam terras para plantar e um bom lugar para viver com suas famílias. Mas a realidade que encontraram estava longe de ser fácil: solos acidentados, que exigiam manejo cuidadoso, isolamento geográfico e uma infraestrutura pública ainda precária.

Já no início dos anos 1970, a realidade dava sinais de transformação e o Sudoeste passou a sentir os primeiros ventos da modernização da agricultura. Os campos, antes cultivados com enxadas e juntas de bois, começavam a testemunhar a chegada de tratores reluzentes como símbolos de um progresso vindouro. No entanto, o que parecia o início de uma nova vida ainda guardava desafios.

No galpão comunitário de uma das muitas comunidades rurais da região, um grupo de agricultores se reunia. Era sábado, dia de discutir as alternativas que se apresentavam para a agricultura e a pecuária.

— Meus amigos, quero começar a falar sobre esse crédito do governo — disse Tadeu, um dos agricultores mais antigos da comunidade. — Parece coisa boa, mas quem tem pouca terra, como a gente, não consegue nem chegar perto de um banco.

Joaquim, vizinho de terras, sentado ao fundo, balançou a cabeça em concordância.

— E sabe o que me disseram no banco? — comentou ele, com indignação. — Que não vale a pena financiar um alqueire quando podem financiar cinquenta. Como se a gente não tivesse o mesmo direito de trabalhar e fazer as coisas!

Os murmúrios de revolta ecoaram pelo galpão. Valmir, outro agricultor experiente, ergueu a mão para falar.

— Concordo, Joaquim. Mas a verdade é que a coisa vai piorar se a gente não se mexer. Estão enfiando esses tratores no campo, mas quem tem pouca terra não vai conseguir acompanhar. Sem terra, sem crédito, pra onde a gente vai?

As palavras de Valmir retratavam a dura realidade dos pequenos produtores rurais. Os tratores, financiados por linhas de crédito subsidiadas, estavam evoluindo a produção. Antes, o plantio e a colheita exigiam o trabalho de famílias inteiras, muitas vezes contando com vizinhos para tarefas pesadas. Agora, uma máquina fazia em horas o que se levava dias para se fazer à mão ou com animais. Mas isso ainda era um privilégio dos poucos que conseguiam acessar o recurso.

Durante a conversa, ficaram sabendo que na propriedade de Evaristo o cenário havia mudado, mas não da forma como imaginavam. O agricultor conseguira financiamento para seu primeiro trator. Embora a máquina tivesse trazido eficiência, mostrava as contradições da dita modernização.

— Veja só, Marisa — dizia Evaristo à esposa, enquanto se dirigiam à lavoura. — Com o trator, consigo plantar e colher mais rápido. Mas olha o preço que estamos pagando, juro alto e a gente fica dependendo das sementes e adubos comprados de fora.

— Mas e os vizinhos, Evaristo? Eles nem conseguem pegar esse crédito. As máquinas estão empurrando eles pra fora da terra — refletia Marisa, sem esconder seu aborrecimento.

Em outra comunidade, Vicente e Darci também discutiam sobre as dificuldades sempre que se encontravam para dividir serviço.

— Darcí, você viu o preço que pagaram pelo nosso milho? Nem cobre o custo dos insumos — indignava-se Vicente, olhando as rodas de sua carroça à procura de rachaduras na madeira.

— Eu vi! — respondeu Darcí, secando o suor da testa. — E agora querem que a gente compre máquina e semente cara. Parece que só quem tem dinheiro vai sobreviver nesse progresso que eles falam.

— A gente precisa fazer alguma coisa — insistiu Vicente. — Se continuar assim, estamos perdidos.

As dificuldades persistiam e a situação se agravou ainda mais na década de 1980. Os preços dos produtos agrícolas despencaram, enquanto os juros dos financiamentos dispararam. Muitos agricultores perderam tudo: terra, máquinas e até a possibilidade de viver de forma digna no campo.

No entanto, para aqueles que ainda tinham esperança, havia resistência. Num dos encontros promovidos pela Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (Assesoar), instituição que articulava projetos nacionais e internacionais para o desenvolvimento dos agricultores no Sudoeste do Paraná, os produtores discutiam soluções que beneficiassem a todos.

— Se o banco não financia a gente, por que não criamos um sistema nosso? — sugeriu Joaquim.

Os olhos dos presentes se iluminaram. A ideia parecia ousada, mas fazia sentido. Construir algo que fosse deles, que respeitasse suas necessidades e a realidade que viviam com suas famílias.

Era o início de uma mobilização exatamente no período em que a crise no meio rural alcançava seu ápice. No final dos anos

80, os pequenos produtores se viram pressionados por dívidas contraídas em financiamentos, pela carência de assistência técnica, pela inexistência de políticas públicas que os atendessem e até mesmo pela falta de acesso a qualquer crédito nos grandes bancos.

Essas e outras dificuldades os impulsionaram a se organizar e construir alternativas. Foi nessa época que as primeiras conversas sobre cooperativismo ganharam força, mesmo sem ainda levar esse nome.

Tadeu, Valmir, Joaquim e outros líderes comunitários decidiram que era hora de agir.

— Chega de depender dos bancos — disse Valmir, batendo na mesa durante mais uma reunião comunitária. — Vamos criar uma entidade que seja nossa, que respeite o pequeno agricultor.

A modernização da agricultura havia gerado eficiência e produtividade, mas também exclusão e dependência. A proposta de uma entidade própria encontrou resistência inicial, alguns não consideravam possível os agricultores administrarem seus próprios recursos.

A ideia, no entanto, foi lançada ao solo e cultivada com determinação e esperança.

Conto 2

A sementē
que germinou

— Vocês pegam o equivalente a 50 sacas de milho, por exemplo, e devolvem 50 sacas, sem juros, sem hipoteca. A gente precisa mostrar que isso é possível.



O sol já havia se posto e a pequena sala do sindicato ainda estava cheia. Ao redor da mesa de madeira, agricultores e lideranças debatiam com intensidade. Os temas já eram familiares: dificuldades com o crédito, dívidas, o preço dos produtos, o medo de não conseguir mais sobreviver no interior.

Luiz, um dos produtores mais conhecidos da região Sudoeste do Paraná, segurava uma folha de papel com um esboço das ideias. A luz fraca da lâmpada refletia a preocupação daqueles rostos marcados pelo trabalho no campo.

— A questão é clara, gente — começou Luiz, ajeitando os óculos. — Temos ideias pra trabalhar com adubação verde, construir moinhos, bancos de sementes, fazer financiamentos. Queremos criar um fundo de crédito que todo mundo pode pegar empréstimo, digamos assim. Mas, sem dinheiro pra começar, nada disso sai do papel.

Danilo, um jovem agricultor recém-assentado, pediu a palavra, hesitante.

— Mas de onde vamos tirar dinheiro, seu Luiz? Já fizemos vaquinha na comunidade e só conseguimos comprar uma trilhadeira velha.

Joana, uma agricultora pragmática e que também contribuía com a Assesoar, respondeu antes que Luiz pudesse falar:

— A Misereor¹ tem interesse no nosso trabalho, Danilo. Eles são uma organização lá da Alemanha que ajuda a desenvolver alguns projetos. Vieram aqui em oitenta e quatro e ficaram muito

¹Misereor é a obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento. Desde 1958, a instituição está comprometida com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina, incluindo apoio e subsídio para e na agricultura a partir de formação e organização de agricultores.

felizes com a nossa alternativa pra agricultura. Talvez seja nossa chance.

— Isso mesmo, Joana — continuou Luiz, animado. — Estamos em contato com eles e com outras organizações, tem a Trias² também, que atende mais pros lados do Pinhão, Guarapuava. Mas precisamos escrever um bom projeto. E, mais do que isso, decidir juntos como organizar esse fundo. Não vai ser um banco, mas também não pode ser um bolo de dinheiro sem controle.

O falatório dos presentes cresceu. Alguns ficaram preocupados com a burocracia, com o risco de administrar o dinheiro; outros viam uma oportunidade de ouro para desenvolver a agricultura da região.

Adroaldo, técnico da Assesoar, exemplificou:

— A ideia de um fundo de crédito é justamente essa: facilitar para os pequenos. Vocês pegam o equivalente a 50 sacas de milho, por exemplo, e devolvem 50 sacas, sem juros, sem hipoteca. A gente precisa mostrar que isso é possível.

— Mas como garantir que ninguém vai fugir com o dinheiro? — questionou outro agricultor. — Sem ofensa, mas já vi gente furar compromisso e não honrar o bigode.

— É aí que entra o conselho, que vai cuidar da administração — explicou Adroaldo. — Vamos criar esse conselho com agricultores, técnicos e lideranças para avaliar os projetos. Todo mundo vai saber quem ficou com o recurso, o que vai fazer com ele e quando vai devolver.

²Trias é uma organização belga sem fins lucrativos que apoia o fortalecimento e o desenvolvimento de pequenos produtores e produtoras, empreendedores e empreendedoras. Seu foco está na agricultura familiar e camponesa, bem como na produção de alimentos sob modelos e sistemas de produção sustentáveis e inclusivos, com especial ênfase na inclusão de jovens e mulheres.

O jovem Danilo ainda estava cético.

— E o governo? Eles não vão olhar isso e achar que a gente tá brincando de ser banco?

Joana deu um sorriso irônico.

— Danilo, tem muitas pessoas que acham que a gente só serve pra plantar soja e milho pros grandes. Se não fizermos nada, vamos continuar com as dívidas, sem crédito e sem futuro.

Luiz colocou sobre a mesa uma das folhas de papel que segurava. Ele havia anotado as sugestões e dúvidas que surgiram. Ao falar, impostou a voz, para ser ouvido com clareza pelos presentes.

— Gente, isso não é só por dinheiro. É sobre a nossa autonomia. Se esse fundo der certo, ninguém mais vai precisar se ajoelhar nos bancos, vamos ter o recurso aqui. Estamos mostrando que podemos decidir o que é melhor pra nossa terra e pra nós mesmos.

O silêncio tomou conta da sala por um momento. Cada rosto trazia uma mistura de esperança e medo, mas a ideia parecia ganhar corpo. Joana foi quem retomou a conversa:

— Podem contar comigo. Vamos tentar. Não temos muito a perder, né?

Danilo suspirou e concordou.

— Tudo bem. Mas vamos fazer isso direito. Quero ver todas essas regras.

— É isso que precisamos! — respondeu Luiz, sorrindo. — E temos que correr. Em breve, eu vou pra Alemanha levar nosso projeto. Não vai ser fácil, mas estamos cuidando de uma semente que pode mudar tudo.

Algumas semanas depois daquela reunião, o pequeno escritório da Assesoar em Francisco Beltrão fervilhava. Pilhas de papéis ocupavam mesas improvisadas, vozes se misturavam no ar abafado. Luiz tinha voltado da Alemanha, estava exausto, mas animado. O convênio com a Misereor fora aprovado e o Fundo de Crédito Rotativo para os pequenos agricultores estava prestes a virar realidade.

Adroaldo folheava os rascunhos do regulamento recém-criado.

— A questão agora, Luiz, é como vamos fazer isso funcionar na prática. Tem que ser algo que as famílias entendam e confiem. E, mais importante, a gente precisa garantir que o dinheiro realmente volte para o fundo.

Luiz olhou para o quadro no qual foram anotadas as prioridades de financiamento: trilhadeiras, motores para moinhos e sementes crioulas. Era um desafio imenso e ele precisava de apoio:

— O conselho vai ser fundamental. Todo mundo tem que saber que quem decide são os próprios agricultores, pra não pensarem que isso é coisa de um técnico ou da Assesoar. Eles vão apenas apoiar.

Joana entrou na sala com uma pasta cheia de pedidos de financiamento.

— Tá aqui a lista do primeiro grupo da comunidade lá de Capanema. Eles querem montar um moinho. Dizem que vai atender pelo menos cinco comunidades vizinhas.

— É um bom começo — respondeu Adroaldo, examinando a papelada. — Mas eles sabem que têm que devolver o equivalente

em sacos de milho? Isso ainda é um ponto delicado.

— Eles entenderam — afirmou Joana. — Mas tem gente com medo. Estão acostumados com os bancos e acham que, se atrasarem um pagamento, vão perder as terras.

Luiz cruzou os braços, pensativo.

— Vamos repetir várias vezes nas reuniões que aqui não tem hipoteca nem juros. O compromisso é comunitário. Se um grupo não paga, prejudica todos os outros. Eles precisam sentir que esse negócio é deles.

— Fácil falar. O pessoal compreender é outra história — ironizou Joana. — Tem gente que não acredita em nada que não venha com contrato registrado no cartório.

— Então vamos fazer uma visita para essas pessoas — sugeriu Adroaldo. — Eu, você e o Luiz. A gente explica tudo de novo e, se não convencer, paciência. O fundo vai ser feito por quem acreditar.

Nas semanas seguintes, Luiz, Joana e Adroaldo passaram de comunidade em comunidade explicando o funcionamento do fundo de crédito e respondendo a dúvidas e temores dos agricultores. As reuniões eram longas e, muitas vezes, tensas.

Em setembro de 1989, o Fundo de Crédito Rotativo realizou seu primeiro repasse. Um grupo de Capanema, no Paraná, recebeu recursos para comprar um motor e reformar um moinho. Na cerimônia de entrega, estiveram presentes os membros do conselho, agricultores de comunidades vizinhas e técnicos da Assesoar.

O primeiro ano trouxe resultados animadores. Com o moinho em funcionamento, o grupo conseguiu processar não só o próprio

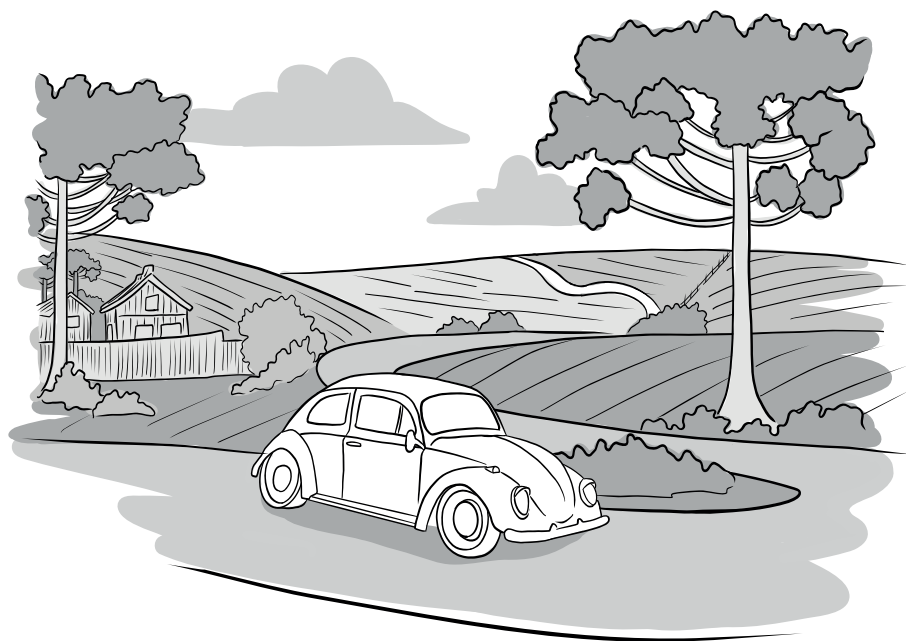
milho, mas também o de outras localidades, gerando renda e fortalecendo laços comunitários. Mais gente pôde ver o potencial do fundo de crédito e o número de pedidos de financiamento foi aumentando.

Essa experiência marcou um antes e depois na vida dos agricultores do Sudoeste do Paraná. O Fundo de Crédito Rotativo serviu como instrumento de organização e conscientização, mostrando que, mesmo diante das adversidades, era possível construir alternativas concretas e transformadoras. A partir dele, a ideia lançada ao solo começava a germinar.

Conto 3

Um novo amanhecer

— Não vai me dizer que vamos
nesse fusquinha até Itapiranga!



No interior cercado por morros que se desdobravam até onde os olhos podiam alcançar, dois agricultores se encontraram ao entardecer, após um longo dia de trabalho. Eles estavam exaustos, não apenas fisicamente, mas mentalmente. A seca do ano anterior, os preços baixos e a falta de apoio tornavam suas vidas cada vez mais difíceis.

Enquanto se sentavam sob a grande árvore que marcava o centro da comunidade, João compartilhou suas preocupações com o amigo:

— Pedro, ando pensando nas dificuldades que a gente tá vivendo. Não sei até quando vamos aguentar trabalhar assim, sem uma expectativa de melhorar. Parece que quanto mais a gente trabalha, menos colhe. Já passou pela sua cabeça tentar alguma coisa diferente?

Pedro respirou profundamente antes de responder, como se resgatando seus pensamentos:

— Todos os dias, João. Mas o que mais podemos fazer? Temos poucas terras, poucos equipamentos e até digo aqui pra você, que é meu amigo, não temos muito prestígio no banco, não conseguimos financiamento. Não é uma briga justa.

João sentiu o peso das palavras do amigo.

— Mas e se... — João hesitou. — E se a gente não precisasse fazer isso sozinho? Já ouvi falar de uns grupos que estão se organizando, os agricultores se uniram pra lidar com essas dificuldades juntos, até já me convidaram pra participar. Começou com um tal de fundo de crédito e agora já se fala até em cooperativa. Talvez seja o caminho pra nós.

Pedro franziu a testa, intrigado.

— Uma cooperativa? Pra vender a nossa colheita? Olha, algumas que tem por aí foram pra frente, mas tem outras que já estão quebradas. Não sei se precisa de mais uma...

— Não, Pedro, é diferente. Diz que é pra ajudar com dinheiro, pegar financiamento, plantar, comprar um gadinho, ter mais recurso pra fazer as coisas aqui na roça — João tentou explicar, ele mesmo não sabendo ao certo o que aquilo significava.

— Nunca pensei nisso — devolveu Pedro —, já viu algo assim por aqui? Como é que faz pra criar uma cooperativa dessa?

João, sempre sonhador, porém cauteloso, não tinha todas as respostas, mas sabia exatamente onde buscar. A partir daquele dia, os amigos procuraram lideranças que geriam o Fundo de Crédito Rotativo e começaram a participar dos encontros comunitários.

A cada reunião, João e Pedro conheciam mais a história daquela luta e também queriam fazer a sua parte para que os planos prosperassem. A dificuldade agora era entender os processos e a burocracia para a constituição de uma cooperativa.

Na realidade do início dos anos 90, a legislação brasileira não permitia que uma organização não autorizada pelo Banco Central realizasse operações com dinheiro, como empréstimos ou financiamentos. O fundo de crédito tinha suas regras, mas não atendia a todos os critérios e, por isso, era necessário, novamente, encontrar uma alternativa para os agricultores.

O assunto se tornou recorrente até nas visitas entre as famílias. A prosa se estendia depois da janta e foi durante uma dessas conversas que João lembrou de um nome que ouvira numa

das reuniões, enquanto debatiam os caminhos para criar a cooperativa.

— Pedro, lembra do seu Valdemiro³? Aquele homem que mora em Santa Catarina. Disseram que ele já fez parte de umas cooperativas lá, ajudou a recuperar e até formar capital pra que continuasse funcionando. Então, se tem alguém que pode dar uma orientação pra gente é ele.

Pedro ficou pensativo por um momento, mas acabou concordando.

— Acho que vale a pena conversar com ele. Não temos nada a perder. Se der certo, podemos até convencer outros agricultores a se juntarem, igual a gente fez.

Naquela semana, contaram a ideia para as lideranças e combinaram que iriam se aventurar até a casa do senhor Valdemiro.

No dia marcado, ao raiar do sol, os dois amigos partiram de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná, para Itapiranga, no Extremo-Oeste de Santa Catarina, já divisa com o Rio Grande do Sul.

— Embarca aí no meu Fusca, Pedro, vamos lá conversar com o homem.

³Valdemiro Kreusch teve papel fundamental na constituição da Cresol. Ex-bancário e um entusiasta do cooperativismo, foi um dos idealizadores do sistema cooperativista no Sudoeste do Paraná. Em 1989, aceitou o desafio de recuperar uma cooperativa de crédito em Itapiranga (SC) que tinha 132 associados, estava no vermelho e não tinha recursos para devolver aos associados. Lá, ficou por quatro anos e sanou as dívidas antes mesmo que o esperado. Deixou ainda um prédio de três andares e um bom fundo para desenvolvimento. Sua história em Francisco Beltrão começou quando lideranças ficaram sabendo de proezas como aquela e Valdemiro foi então convidado a participar de algumas reuniões, orientando o passo a passo para a constituição e dando as primeiras formações para a equipe que trabalharia na cooperativa. Após a constituição, apoiou na estruturação durante os primeiros anos.

— Não vai me dizer que vamos nesse fusquinha até Itapiranga!

— Ué, tu prefere ir como, de cavalo? — brincou João. — Embarque aí, vamos achar o senhor Valdemiro, ele é entendido.

Foram seis horas de viagem para cumprir cerca de 200 quilômetros. A estrada que levava até Itapiranga era tão sinuosa e íngreme quanto a das suas moradas no Paraná.

— Acorda, Pedro, chegamos! — chamou João. O amigo dormira mesmo com o chacoalhar causado pelos buracos e curvas do caminho. — Vamos ver se ele sabe que o nome dele já chegou lá pra cima.

Seguiram em direção à casa, onde avistaram uma pessoa.

— Ô, de casa! O senhor é o seu Valdemiro? Tudo bem? Desculpe chegar assim, o senhor não conhece a gente, mas acho que já ouviu falar de um pessoal lá do Sudoeste do Paraná que tá querendo fazer uma cooperativa.

— Ô, meu povo, mas que prazer recebê-los! Claro que ouvi, essas histórias sempre correm por aí. Me contem como é que estão as coisas por lá.

O senhor Valdemiro os recebeu com alegria. Havia muita coisa para contar e ouvir, e logo se passou a primeira hora de conversa. Os amigos relataram tudo e, finalmente, Pedro explicou em poucas palavras:

— Resumindo, seu Valdemiro, estamos cansados de lutar sozinhos e queremos saber se o senhor pode ajudar.

Seu Valdemiro sorriu como se estivesse aguardando por aquele momento há muito tempo.

— Eu estava esperando um grupo assim, formado por pessoas como vocês, pra criar um sistema diferente, próprio, autônomo. Mas vai ter muita coisa pra aprender. Vamos juntar todo mundo, porque vai ser uma longa caminhada!

João e Pedro trocaram olhares de surpresa.

— Então o senhor acredita que isso pode dar certo mesmo?
— João perguntou, esperançoso.

— Quando eu era jovem, participei e ajudei a criar muitas cooperativas. Sempre com pequenos agricultores, como vocês, que lutavam pra sobreviver. A união fez que eles conseguissem preços melhores pros produtos e, acima de tudo, força pra enfrentar as dificuldades que surgiam. Não foi fácil, mas valeu a pena.

— E como começamos, seu Valdemiro? A gente sabe cuidar de boi, fazer lavoura, até fazer conta de cabeça, mas não sabemos nada de organizar uma cooperativa — insistiu Pedro, com humildade.

O experiente senhor se inclinou para a frente, como quem está prestes a compartilhar um segredo.

— O primeiro passo é a união. Vocês precisam encontrar outros agricultores que estejam dispostos a caminhar do lado de vocês. A cooperativa só funciona se todos estiverem comprometidos com o bem comum. Uns têm que ser solidários com os outros. Depois, é preciso ter regras claras, fazer um registro de normas, um estatuto. Tudo precisa ser transparente.

João e Pedro escutavam atentamente.

— E não se esqueçam de buscar mais orientação — continuou Valdemiro. — Tem organizações que ajudam pequenos

agricultores a formar cooperativas. Vocês podem contar comigo, mas também devem procurar essas entidades. O caminho é árduo, mas é o único que garante que vocês terão voz e força pra lidar com o que vem pela frente.

João ficou animado com as palavras de seu Valdemiro.

— Temos que fazer isso, Pedro. Não só por nós, mas por todos os pequenos agricultores lá da nossa região.

Pedro, mais tranquilo, assentiu.

— Você tem razão, João. Vamos começar a conversar com os que já participam e também convidar outros. Se todo mundo pegar junto, não vamos ter medo dos desafios.

Seu Valdemiro estava satisfeito com a decisão dos agricultores.

— Mas não se esqueçam que a força da cooperativa está na união — frisou. — Se cada um fizer sua parte, nada poderá deter vocês. Estou aqui pra ajudar no que for preciso.

De volta ao Sudoeste, os dias seguintes foram de muita conversa na comunidade. João, Pedro e os grupos que já existiam desde a criação do Fundo de Crédito Rotativo começaram a reunir os agricultores e estabeleceram as bases da cooperativa: regras, objetivos e, principalmente, o compromisso de que se apoiariam em todas as etapas.

Aos poucos, a ideia foi vencendo a resistência. Já não eram apenas dois, mas dezenas de agricultores determinados a mudar seu destino.

Conto 4

Entre dúvidas e esperanças

Abel não parava de pensar no que o esperava naquela reunião. Sabia que não seria fácil convencer a todos, especialmente os mais céticos, sobre abrir uma cooperativa.



A noite avançava com uma brisa leve, trazendo de longe o som de animais noturnos e o barulho do vento nas folhas das árvores. Na casa simples de madeira, Inês estava arrumando a mesa, mergulhada em seus pensamentos enquanto colocava os pratos para o jantar. Abel, sentado à cabeceira da mesa, observava as mãos dela trabalhando com destreza, embora intimamente o olhar estivesse perdido em preocupações.

— Inês, amanhã cedo tem reunião de novo — disse ele, quebrando o silêncio.

Inês parou por um momento, virou-se para ele com um sorriso que carregava tanto carinho quanto cansaço.

— Por causa da cooperativa? — Perguntou, mesmo já sabendo a resposta.

— É! Nós conversamos sobre isso. Já separei as sacas de milho pra gente ser sócio.

Ela suspirou e não disse nada.

— Você consegue dar conta do serviço com a piazada? — perguntou Abel, num tom suave, mas ainda preocupado.

Inês deu risada, ajustando os talheres junto aos pratos.

— Ué? E quando foi que eu não dei conta? Vai lá, quem sabe isso dê resultado.

Abel remexeu-se na cadeira. A voz dele denunciava incertezas.

— Às vezes não sei se vai dar alguma coisa, não sei nem como vamos dar conta de criar e administrar uma cooperativa. E se tudo der errado e virar em dívida?

Inês largou uma panela sobre a mesa, puxou uma cadeira e se

sentou perto do marido. A expressão dela era de calma, mas os olhos revelavam a força que Abel sempre admirou.

— Bom, é um risco que se corre. Mas a gente precisa arriscar um pouco, conseguir comprar umas coisas. Os meninos estão crescendo, Abel, e não tem como a gente ficar aqui se as coisas não melhorarem.

As palavras dela pesaram no ar, como se ecoassem a dura realidade que os cercava. Abel abaixou a cabeça, concordando em silêncio.

As preocupações pairavam sobre eles como nuvens carregadas. Era verdade. À medida que as últimas safras já não produziam como antes e com os filhos crescendo, a pressão aumentava para que encontrassem maneiras de sustentar a família. Ainda assim, a ideia de uma cooperativa parecia exigir mais do que eles tinham para oferecer.

— É, eu sei. O Valmir, o João e o Danilo falaram a mesma coisa — disse Abel. — E nesse ano parece que plantar e colher ficou ainda mais difícil.

O homem pegou o chapéu que estava preso no espaldar da cadeira e começou a rodá-lo entre as mãos, como fazia sempre que estava nervoso.

— Mas e se a gente criar, tiver 20 sócios e ninguém mais se interessar? Vai ser motivo de piada. Quem é que vai levar a sério? Só vai aumentar a nossa dívida e aí é que não vamos mais conseguir nada.

Inês riu ainda mais alto dessa vez, balançando a cabeça.

— Mas você tá muito negativo hoje!

Ele não conseguiu evitar um sorriso, mas logo ficou sério de novo.

— Não é negativo, Inês. O próprio pessoal que vem fazer as reuniões falou que a gestão do negócio é que vai garantir o sucesso. E o Danilo tava bem preocupado com isso. Quem é que vai ter tempo de ficar lá, cuidando de tudo, e ainda sem ganhar dinheiro? Porque vai começar sem renda pra pagar salário.

A mulher pegou o chapéu delicadamente e o colocou de volta no encosto da cadeira. Depois, tomou as mãos do marido e o olhou com ternura e coragem. Abel sentiu a firmeza no toque, algo que lhe dava forças mesmo nas piores crises.

— E quando é que a gente teve salário, Abel? O que a gente precisa é começar. Conseguir financiar, comprar umas vaquinhas, fazer um galpão. Coisas que ajudam a gente aqui na roça. Depois, eu acredito de verdade que as coisas vão se ajustar.

Abel encarou a esposa, admirado com a confiança que ela tinha. Inês sempre fora prática, sempre descobria alternativas mesmo em tempos difíceis, e ele contava com essa força.

— É, acho que você tem razão, Inês — admitiu, com um suspiro.

— Sim, Abel, eu sempre tenho. Agora vamos com essa janta, porque amanhã você vai pra cidade e eu fico aqui com o serviço — disse ela, soltando as mãos dele e dando-lhe um sorriso afiado, mas cheio de cumplicidade.

Abel puxou a cadeira para mais perto da mesa e começou a se servir. Ele ainda não conseguia afastar completamente as dúvidas. A decisão de investir na cooperativa era um divisor de águas, mas também um risco gigantesco para a família.

— E depois vê se dorme e sonhe um pouco, pra amanhã ser realidade — acrescentou Inês, também preparando o prato.

No dia seguinte, o galo cantou bem cedo, como de costume. Abel já estava de pé antes de o sol raiar, ansioso para a reunião. O cheiro de café fresco invadia a pequena cozinha e o calor da lenha no fogão espantava o frio da madrugada. Inês fazia o pão para os filhos, que ainda dormiam no quarto ao lado.

— Vai com Deus, Abel. E traga boas notícias — disse ela, enquanto o marido se preparava para sair.

— Vou fazer o possível, Inês.

Ele a beijou na testa, carregou as sacas de milho e subiu no velho trator, sentindo o peso da responsabilidade sobre seus ombros.

A estrada de terra, que levava à cidade e que tantas outras famílias já haviam usado para ir embora, estava molhada pela neblina da noite anterior. O trator avançava lentamente, enquanto Abel não parava de pensar no que o esperava naquela reunião.

Não seria fácil convencer a todos, especialmente os mais céticos, sobre abrir uma cooperativa. Ainda assim, ele se apegava ao fato de que, se desse certo, eles teriam uma chance de melhorar a vida no campo.

Ao chegar ao salão comunitário, encontrou Valmir, João e Danilo já à sua espera. Eles também levaram seus sacos de milho e os mesmos olhares de dúvida e esperança que Abel carregava. Outros agricultores foram chegando aos poucos, até que o salão ficasse cheio. Os murmúrios ecoavam pelas paredes de madeira, enquanto todos aguardavam o início da reunião.

O coordenador da cooperativa vinha de Francisco Beltrão trazendo consigo documentos e planilhas, além de um otimismo moderado, mas sincero.

— Bom dia a todos! Vão se sentando, podem ficar à vontade. Hoje vamos discutir os próximos passos pra formalização da cooperativa. Já temos algumas adesões confirmadas, mas precisamos de mais sócios e, claro, do comprometimento de cada um pra fazer isso funcionar — começou ele.

A reunião foi acompanhada por longas discussões. Alguns ficaram claramente entusiasmados com a ideia de se juntar à cooperativa, outros ainda hesitavam, com medo do futuro. Abel prestava atenção em cada palavra. Aquela era uma oportunidade única, mas havia um risco envolvido.

Quando a palavra foi dada aos agricultores, Danilo tomou a dianteira:

— A gente precisa saber uma coisa, de forma bem honesta. Quem vai cuidar da administração? Porque esse negócio de cooperativa não se faz sozinho. E, sinceramente, a gente não tem tempo sobrando pra isso. Temos que cuidar da terra, dos bichos, da família. Quem vai garantir que a cooperativa funcione?

O coordenador, paciente, respondeu:

— A gestão será feita por um conselho, formado pelos próprios sócios. No início, não teremos como pagar o trabalho desse grupo, como vocês sabem, mas esse é um investimento de longo prazo. Se nos organizarmos bem, com o tempo a cooperativa vai gerar renda para todos.

Houve um silêncio na sala. Abel sabia que essa era a principal preocupação dos agricultores. O trabalho no campo era pesado e assumir mais responsabilidades sem uma garantia de retorno imediato parecia imprudente.

— E se a gente não conseguir mais sócios? — lançou Valmir, desconfiado.

O coordenador balançou a cabeça.

— Vamos começar com o que temos. Se trabalharmos juntos e mostrarmos que pode dar certo, outros vão querer se juntar. É uma questão de tempo e comprometimento.

A reunião se arrastou até o meio da tarde. Aos poucos, as discussões amenizaram e os agricultores passaram a enxergar a cooperativa como uma saída possível para os problemas que enfrentavam. No fim da conversa, Abel sentiu uma leveza inesperada. Não era uma certeza, mas uma esperança que começava a se formar.

Ao voltar para casa, o sol já ia se escondendo atrás dos morros. O cheiro de comida no fogo o recebia, junto com os risos dos meninos correndo pelo terreiro. Inês, que já havia feito o serviço, estava na varanda, esperando-o com o chimarrão pronto.

— E então, como foi?

— Foi bom. Ainda tem muita gente com dúvida, mas acho que vamos conseguir. O pessoal vai pegar as assinaturas pro estatuto. Tomara que não comecem a desistir.

— Eu sabia! Agora tome uma cuia e depois vamos jantar, que amanhã tem mais um dia de trabalho e, dessa vez, o senhor não vai se escapar.

Naquela noite, Abel e Inês, assim como Valmir, Danilo e João, dormiram com novas perspectivas em seus corações. Sentiam que estavam fazendo algo importante. Não apenas por eles, mas por seus filhos, pela comunidade e pelo futuro que, pouco a pouco, começava a se desenhar.

Conto 5

Contra a correnteza

Sem aquela assinatura, todo o esforço dos meses anteriores teria sido em vão.
— Não se preocupem, eu nado até aí!
— disse ele, com uma determinação inabalável.



O dia amanheceu com um céu azul brilhante. Depois de tantas reuniões e decisões para a constituição de uma cooperativa de crédito, o encaminhamento chegava às etapas finais. E cabia a Ângelo a responsabilidade de tudo o que aconteceria dali para frente.

Com seus vinte e poucos anos, formado em contabilidade, ele havia sido contratado para administrar o Fundo de Crédito Rotativo junto com os agricultores. A partir das discussões sobre a cooperativa, também havia estudado a fundo as leis e regulamentações para a nova instituição. Agora, mal sabia que estava prestes a viver um dos dias mais marcantes da sua história pessoal e profissional.

Naquela manhã, Ângelo já levantara com o coração acelerado. Cada passo até ali tinha sido minuciosamente planejado pelo grupo e acompanhado com certa tensão pelo Banco Central do Brasil.

O movimento era inédito para o órgão regulador, que nunca havia aprovado a criação de uma cooperativa gerida por pequenos agricultores. As experiências de cooperativas de crédito rural e de crédito mútuo existentes eram incompatíveis com os ideais de coletividade e os laços sociais que guiavam os fundadores.

Por essas características tão próprias, a inovação se apresentava desde a nomenclatura: Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária, com a premissa de que as atividades promoveriam o bem comum. O longo e descritivo nome já sugeria também como seria conhecida: Cresol.

Ângelo precisava de 27 assinaturas para oficializar o estatuto da Cresol. Era uma iniciativa modesta, mas cheia de sonhos e esperanças para transformar a vida de pessoas simples que viviam

do campo na região.

Olhou para o Fusca azul 1985 estacionado em frente ao escritório da cooperativa. Era um carro com personalidade, que já tinha vivido mais aventuras do que se poderia contar. Naquele dia, o Fusca e o colega Rogério seriam seus companheiros de jornada pelo interior do Sudoeste do Paraná.

Ângelo verificou mais uma vez o endereço dos sócios-fundadores que precisavam visitar. Depois, colocou o envelope com a papelada do estatuto sobre o banco traseiro do carro e deu a partida, a mente cheia de expectativas.

O motor roncou e lá se foram. Logo a manhã rendeu em encontros e assinaturas. Cada agricultor assinava os documentos com um brilho nos olhos, acreditando naquele projeto. A Cresol representava uma chance concreta de mudar a realidade econômica e social da comunidade, uma oportunidade de resistir ao abandono do grande sistema financeiro.

O dia passou num piscar de olhos, Ângelo e Rogério nem perceberam o céu mudando de cor, do azul para um cinza carregado que escondia o sol. Às 18 horas, as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Era como se o universo quisesse testar até o fim a resiliência deles.

Ângelo precisava voltar a Francisco Beltrão e pegar um ônibus às 22 horas com destino a Curitiba. Era necessário levar as 27 assinaturas até a sede do Banco Central na capital do Estado para o processo de validação. Após tantas idas e vindas ajustando detalhes, não haveria outra oportunidade. E ainda faltava uma assinatura. A última!

Seria um trajeto de aproximadamente 60 quilômetros, mas cheio de curvas pelas estradas de chão. A chuva que caía

suavemente logo se transformou numa tempestade. Os limpadores de para-brisa, já desgastados, mal davam conta de proporcionar uma visão clara da estrada.

— Ângelo, vamos pegar o atalho que o Chiquinho falou! — disse Rogério, demonstrando preocupação na voz.

Francisco, conhecido por Chiquinho, era um dos mais jovens agricultores do grupo. Ele morava próximo de um rio e, dias atrás, em uma reunião no sindicato, havia explicado para Rogério a forma mais rápida de chegar até sua casa. Seria possível economizar um tempo precioso se atravessassem uma pequena ponte de madeira em vez de dar a volta completa pelo caminho tradicional.

Parecia um bom plano: seguir o atalho, conseguir a assinatura e ainda voltar para pegar o ônibus. Ângelo concordou e acelerou o Fusca pela estrada, que ficara encharcada e escorregadia, rumo à última assinatura.

Quando finalmente chegaram ao local onde a pontezinha deveria estar, depararam-se com o inesperado: a estrutura havia sido levada pela força do rio, que transbordou devido à chuva torrencial. O curso-d'água, antes modesto, estava enchendo muito rápido. Ângelo sentiu um aperto no peito.

— Minha nossa, o que vamos fazer agora? — disse, levando as mãos à cabeça.

Sem aquela assinatura, todo o esforço do dia e dos meses anteriores teria sido em vão. Não havia tempo para procurar outro caminho. Ficaram ali, dentro do carro, parados diante do rio, quase sem acreditar na situação. Estavam prestes a assumir a derrota quando ouviram um grito vindo de longe.

Era Chiquinho. Sabendo do horário e imaginando que Ângelo e Rogério estariam chegando, resolveu ficar esperando por perto da estrada. Olhou para eles, depois para a correnteza e, sem hesitar, largou o guarda-chuva e começou a tirar a camisa e a velha bota de borracha.

— Não se preocupem, eu nado até aí! — disse ele, com uma determinação inabalável.

Antes que pudessem argumentar, o agricultor já estava na água, lutando contra a correnteza. A chuva caía mais forte a cada segundo e o rio ficava ainda mais perigoso. Mas ele não desistiu. Nadou com bravura até a outra margem.

Quando finalmente saiu da água, Chiquinho correu até o Fusca.

— Que aventura, hein, meus amigos! Me deixem assinar isso antes que eu congele de frio! — disse ele ofegante, enfiando as mãos pela janela do carro e secando-as num pedaço de pano oferecido por Ângelo. Depois, pegou a caneta com as mãos trêmulas.

Sob o céu já escuro e a chuva implacável, Chiquinho assinou todas as vias do estatuto.

— Agora vai lá e faz isso acontecer — disse ele, antes de pular de novo no rio e só reaparecer do outro lado.

Ângelo e Rogério ficaram paralisados por alguns segundos, incrédulos e emocionados. Aquele homem havia atravessado um rio em fúria por acreditar no sonho da cooperativa.

Respiraram fundo e, com muito para refletir, voltaram para Francisco Beltrão. Um banho rápido foi o único momento de pausa antes de Ângelo embarcar no ônibus. Com as 27

assinaturas em mãos, ele seguiu rumo a Curitiba. O coração repleto de esperança.

Após uma noite inteira de viagem, chegou ao Banco Central cansado, mas determinado. Um dos agentes que acompanhavam o processo, ao receber o envelope com os documentos assinados e ver algumas folhas com resquícios de pingos-d'água, disse:

— Pelo jeito, esses papéis passaram por muita coisa antes de chegar aqui. É um voto de confiança que nós damos a vocês pelo esforço. Agora é torcer e trabalhar para sobreviver.

Ângelo sorriu com alívio.

— O senhor nem imagina! Um dia ainda vou te contar essa história.

Naquele dia 24 de junho de 1995, com cada assinatura valendo mais do que um simples nome no papel, Ângelo tinha certeza que, no que dependesse dos agricultores, a jornada da Cresol estava só começando.

Conto 6

Mapa de oportunidades

— Um mapa? E o que é um ma-pa? — perguntou o garoto, brincando com as sílabas da palavra. Valmor se surpreendeu, refletindo sobre como responder. Queria compartilhar com ele uma memória que fazia parte da história de sua família e da comunidade que os cercava.



— Pai, o que é isso?

As palavras saíram da boca do pequeno Lucas enquanto ele observava, curioso, o grande papel estendido em cima da mesa de madeira. Valmor estava debruçado sobre um mapa, que tinha marcas coloridas espalhadas por vários pontos.

— Isso, filho, é um mapa — Valmor respondeu calmamente, sem desviar a atenção do papel.

Lucas franziu a testa.

— Um mapa? E o que é um ma-pa? — perguntou o garoto, brincando com as sílabas da palavra.

Valmor se surpreendeu, refletindo sobre como responder. Queria dar ao garoto uma explicação que fosse mais do que técnica. Queria compartilhar com ele uma memória que fazia parte da história de sua família e da comunidade que os cercava.

— Um mapa mostra os desenhos das cidades, do estado onde a gente mora. E nesse aqui estão pintados os locais de cinco cooperativas. Lembra de hoje de manhã, quando você estava com o pai numa sala lá na cidade e ficou sentado na cadeira de rodinhas?

— Sim — respondeu Lucas, os olhos brilhando ao lembrar da sensação de girar na cadeira.

— Então, lá é uma cooperativa, a Cresol. E esses pontos coloridos no mapa significam que tem cinco delas em cidades diferentes. Deixa eu te mostrar.

Valmor foi passando o dedo pelo mapa e contando:

— Olha, nós estamos aqui, em Dois Vizinhos, a primeira cooperativa que abriu. Mas logo também abriu uma no Pinhão, outra em Laranjeiras do Sul, em Capanema e, mais pertinho, aqui em Marmeleiro.

Lucas observava com atenção, seus olhos saltando de um ponto para outro.

— E aqui no meio, ó, fica Francisco Beltrão. Foi onde começaram a surgir as conversas pra fazer as cooperativas e depois também abriu uma aqui. Ah, e tem outros municípios aqui ao redor onde ainda tem muita reunião pra gente abrir mais cooperativas.

— Em todas elas tem cadeiras de rodinhas? — Questionou o menino, com um sorriso travesso.

Valmor soltou uma gargalhada.

— Bom, isso eu não sei, filho. Mas o que posso te dizer é que em todas elas tem gente muito trabalhadora, como o papai e a mamãe.

— Olha, pai, eu posso pegar elas — disse Lucas, colocando suas mãozinhas sobre o mapa, como se tentasse segurar aquelas figuras.

Valmor, tocado pela simplicidade do gesto, sentiu-se transportado para um passado não tão distante, quando ele e sua esposa, Lurdes, decidiram unir forças com outros agricultores.

— Aqui no papel elas estão pequenas, filho. Mas já tem alguns anos que a gente luta pra elas crescerem. Eu e sua mãe pegamos alguns sacos de milho e levamos lá na Cresol, pra ajudar a começar isso tudo. Pra que, quando você crescer também, a gente possa cuidar melhor de você.

Lucas, ainda tentando compreender como alguns sacos de milho podiam se tornar salas com cadeiras de rodinhas, olhou para o pai com admiração.

— E agora eu já cresci, né?

— É, agora você cresceu um pouco. Mas quando você for maior ainda, alto assim, ó! — ele estendeu a mão para cima, imaginando o futuro do filho. — Você vai entender que o pouquinho de cada um pode se tornar muito quando reunido em um só monte.

Poucos anos antes, Valmor não poderia imaginar que teria essa conversa com o filho. Ele e outros pequenos produtores de milho e feijão enfrentavam enormes dificuldades para acessar crédito. As portas dos grandes bancos estavam fechadas para eles e a sobrevivência das famílias dependia de uma solução que não se apresentava.

Até que, em meio à adversidade, surgiu a ideia de criar uma cooperativa de crédito dos pequenos agricultores. Não havia garantias de que aquilo daria certo, mas havia fé. Fé nas pessoas, fé no trabalho em conjunto.

— Imagina, filho — Valmor disse, sua voz carregada de nostalgia. — Não tinha nem 30 pessoas quando a gente começou. E agora tem mais de mil!

— Isso quer dizer que a cooperativa tá crescendo igual eu?

Valmor olhou para o filho com ternura. O menino estava ali, atento e curioso. Ele era uma prova viva de que a cooperativa seguia o caminho certo e trazia prosperidade.

— A cooperativa está crescendo, sim, filho. Quando você for mais velho, vai entender melhor. Cada pessoa aqui em Dois Vizinhos, no Pinhão, em Laranjeiras e em todos os outros lugares que a gente já chegou coloca um esforço para a Cresol ir mais longe. E quando a gente trabalha junto, consegue alcançar coisas que, sozinho, seria impossível.

Lucas observava cada detalhe do mapa.

— E por que tem esses desenhos de pinheirinhos aqui, pai? Tem pinheirinhos na cooperativa também?

Com bom humor e simplicidade, Valmor contou também aquela parte da história da Cresol.

— Você viu que os desenhos são iguais? A gente diz que é a marca da Cresol. Tudo o que é da cooperativa tem esse desenho, pras pessoas irem conhecendo. E escolhemos o pinheirinho

porque é uma árvore resistente, forte.

Valmor foi explicando para o filho cada um dos traços. Aqueles elementos que Lucas via no papel tinham grande representatividade desde a constituição da Cresol. Os pinheiros simbolizavam a resiliência, a perseverança e a união dos agricultores; o sol era a luz que brilhava para todos; e o horizonte fazia imaginar as oportunidades. Já o cifrão dava a entender que era uma cooperativa que tinha uma atuação financeira; com o verde das letras, o campo também estava representado.

— Então cada um fez um pouquinho do desenho, pai?

— Olha, o pessoal não era muito bom de desenho, não. Mas tinha um rapaz lá na cidade que trabalhava com isso. Aí, os agricultores da cooperativa foram contando pra ele tudo o que a Cresol significava, toda a luta que foi pra abrir as cooperativas e também a esperança que ela desse certo. E ele conseguiu juntar direitinho tudo isso e criar esse desenho bonito.

— Eu achei muito legal. Será que eu também vou trabalhar na cooperativa quando crescer?

Valmor se emocionou e se alegrou com a possibilidade.

— Quem sabe, filho. O que eu tenho certeza é que você vai ter mais chance de escolher, graças ao trabalho que fazemos aqui. A cooperativa nos deu condições para pensar em outras oportunidades.

— E no próximo mapa, pai, vai ter mais pontos coloridos, né?

— Vai, filho. Com certeza vai!

Conto 7

Calculando o futuro

— Olha só pra nós, falando em
calculadora e computador. Daqui uns
anos, vamos dar risada dessa nossa
calculadorinha.



O dia ainda clareava quando Ângelo puxou a porta de metal da pequena sala da cooperativa, cedida pela Assesoar, em Francisco Beltrão. “O Valter deve estar chegando”, pensou, ao ouvir o ronco do velho Fusca que a equipe dividia para os serviços. O barulho se intensificava à medida que o veículo se aproximava.

— Hoje vamos precisar de umas duas térmicas de café, Ângelo. — disse Valter, descendo do carro com a pasta de documentos em mãos. — A canseira bateu forte ontem e ainda temos que conferir todos os empréstimos.

— Mas agora vai ser mais fácil. Tu vai conferindo e eu já vou colocando tudo no computador. Assim agiliza — respondeu Ângelo.

Valter olhou com desconfiança. Não era segredo para ninguém que ele preferia papel, caneta e calculadora. A tecnologia ainda lhe causava certo desconforto. Mas o volume de trabalho crescia rápido demais para seguirem com os métodos antigos.

— Ontem até comprei uma calculadora nova, maior. Aquela nossa já não dava mais conta — comentou Valter, abrindo um sorriso, como se estivesse rindo de si mesmo.

— Olha só pra nós, falando em calculadora e computador. Pra quem começou com uma única cooperativa, já temos cinco! Daqui uns anos, vamos dar risada dessa nossa calculadorinha — disse Ângelo, ajeitando os óculos no rosto.

— Da calculadora eu não sei, mas desse carro aí, porque não vai mais ter zero na quilometragem — brincou Valter.

Os colegas seguiram cada um para sua mesa, a fim de começar os trabalhos. A verdade é que eles estavam cansados. Eram noites e mais noites organizando os números, anotando cada detalhe dos empréstimos e tentando manter a contabilidade em ordem.

Os conselhos, formados pelos agricultores nos seus respectivos municípios, acompanhavam e aprovavam todas as ações. Mas alguns serviços ficavam centralizados em Francisco Beltrão e a cidade também ganhara sua própria cooperativa.

— Tu viu a quantidade de empréstimos da Cresol de Laranjeiras? — perguntou Ângelo.

— Vi, sim, aumentou bastante. Pela lista que o presidente me passou, os associados não param de aumentar. Daqui uns dias, não vai ter mais onde guardar tanto documento. — respondeu Valter.

— Eu acho que nossas salas aqui na Assesoar ainda dão conta. — Ângelo tentava ser otimista, embora o espaço já se mostrasse limitado.

Valter se inclinou para frente, como quem carrega um fardo invisível.

— Pois é, vamos ver o que o pessoal do Banco Central vai dizer. Semana que vem eles vão vistoriar tudo.

O silêncio caiu sobre os dois. Banco Central. Aquele nome despertava um misto de preocupação e expectativa. Eles sabiam que qualquer erro nas contas ou na organização da Cresol poderia significar mudanças, novas exigências ou, pior, o fim do sonho dos agricultores.

— Eu não sei, não. Estou com um pressentimento de que vem mais coisa por aí — disse Ângelo, arriscando um sorriso e afastando o clima tenso.

— Que tipo de coisa? — Valter levantou a sobrancelha, intrigado.

— Ah, sinto que vem um vento de abundância — Ângelo falou com convicção.

Valter riu. Abundância era uma palavra que soava estranha para eles, acostumados a trabalhar com tão pouco.

A visita dos representantes do Banco Central poderia, sim, simbolizar o fortalecimento, a garantia e a ampliação dos trabalhos da cooperativa, só precisavam mostrar que tudo estava sendo feito corretamente.

— Bom, sendo assim, vou acelerar aqui pra gente terminar nossa contabilidade e fechar o mês antes desse vento chegar — brincou Valter.

Os dois mergulharam no trabalho. Valter lia os nomes dos associados e os valores dos empréstimos, enquanto Ângelo digitava freneticamente no computador. O som das teclas era interrompido apenas pelo apito da chaleira indicando que a água para o café estava pronta.

Já era quase hora do almoço quando Valter olhou para o relógio e se deu conta do quanto haviam trabalhado naquela manhã.

— Ângelo, vamos dar uma pausa. Já rendeu bastante e eu lembrei de uma coisa que preciso te mostrar.

Ele puxou uma folha amarelada de dentro de sua pasta e a entregou para o colega. Era um desenho simples, feito à mão, de uma árvore com raízes profundas.

— Tu lembra disso? — perguntou.

Ângelo ficou em silêncio por um momento, observando a imagem. Aquela árvore era o símbolo que eles haviam criado no início de tudo. A ideia era representar a força das raízes dos pequenos agricultores, a conexão entre a terra e o trabalho coletivo. Cada cooperativa era um novo galho que crescia, uma continuidade a partir de onde tudo começou.

— Lembro, claro. Foi na nossa primeira reunião oficial — disse Ângelo, com saudosismo.

— E olha só como isso cresceu! — Valter continuou, com uma pontada de orgulho na voz. — Começamos com um grupo

pequeno, emprestando uns trocados pra comprar sementes, uns gadinhos, adubo. E agora, nem dois anos depois, estamos aqui com mais de cinco cooperativas e o número de sócios que já passa de mil!

Ângelo via o quão longe tinham chegado, mas sabia que o caminho à frente ainda era cheio de desafios: as exigências legais do Banco Central, a contabilidade cada vez mais complexa, a necessidade de modernizar a gestão.

Naquele momento, olhando para o desenho da árvore, ele se reconfortou. As raízes eram fortes. Eles já haviam superado tanto. Talvez um vento de abundância estivesse realmente por vir.

A confirmação desse pressentimento só veio mesmo após a visita dos agentes do Banco Central. Depois de avaliar tudo criteriosamente, fazer apontamentos e sugerir melhorias, o saldo era positivo.

A Cresol estava dando seus primeiros passos de forma consistente. Crescia em número de cooperativas, sócios e movimentação financeira. Uma orientação foi pontual: ter uma base de serviços para apoiar as cooperativas.

De certa maneira, já era assim que Ângelo e Valter trabalhavam, só faltava essa definição legal. A base fortaleceria ainda mais a estrutura da cooperativa. Era mais uma raiz que ganhava profundidade naquela árvore que já estava tão firmemente plantada.

Conto 8

Pequenos gestos
para grandes feitos

— Foi com essa caneta, Clarice, que assinamos o estatuto da cooperativa.



Edgar caminhava a passos lentos até a escola do campo que o convidara para uma aula especial. Seu chapéu de palha sombreava os olhos, mas quem o observava podia perceber o brilho escondido ali: era o brilho de quem vira nascer e começar a se realizar um sonho coletivo.

Na sala de aula, os adolescentes o aguardavam ansiosos. A professora os havia preparado: aquela não seria uma aula comum, o tema envolvia suas famílias, vizinhos, muita gente conhecida que, menos de dez anos atrás, havia começado um movimento transformador.

— Boa tarde, meninos e meninas — disse Edgar, ao entrar, com voz grave e doce. — Hoje vim contar pra vocês uma história que não está nos livros, ainda! Mas que está escrita aqui nessa terra, no suor dos pais de vocês, dos parentes, pessoas que vocês conhecem e que sempre cultivaram a esperança.

Os alunos se aquietaram, olhos vidrados para não perder nenhum detalhe daquela narrativa que, de forma inédita, era tão próxima deles.

Edgar respirou fundo e continuou:

— Era 1995. Um tempo em que ser pequeno agricultor era quase carregar uma sentença. A terra era boa, mas os bancos não. O crédito não existia pra nós. Os que insistiam na lavoura, acabavam vencidos pela falta de condições. Vi famílias inteiras irem embora pra cidade, onde descobriram que a vida também não tinha milagres.

Fez uma pausa breve. Sabia que muitos daqueles adolescentes guardavam o desejo de deixar o campo. E a história que contava poderia trazer uma perspectiva diferente. Edgar seguiu, com mais firmeza:

— Foi então que vinte e sete de nós, agricultores familiares, decidimos que era hora de mudar. A ideia era fazer uma cooperativa de crédito solidário, feita por nós, pra nós, um ajudando o outro, com mais facilidade do que era nos bancos. Mas tinha um obstáculo grande: a gente precisava de recursos. Precisava ter uma entrada de dinheiro pra criar a cooperativa, entendem? Juntar um pouco de cada um pra poder emprestar pra quem precisasse. E, como vocês podem imaginar, não era muito fácil ter dinheiro guardado naquela época e nas condições que a gente vivia.

Alguns alunos se entreolharam, intrigados. Edgar sorriu.

— Eu tinha uns trocos. Não era muito e, ao mesmo tempo, era tudo pra mim e pra minha família. E mesmo assim emprestei. Não porque sobrava, mas porque acreditava. Alguns até me chamaram de louco. Mas, sete meses depois, recebi cada centavo de volta. Emprestei quinhentos reais, que se juntaram com sacas de milho de outros pequenos agricultores para ser a faísca daquilo que hoje vocês conhecem como Cresol.

Na mesma tarde, enquanto Edgar partilhava seu relato com os estudantes, a poucos quilômetros dali outro homem de cabelos já brancos revivia suas próprias memórias. Sentado em sua poltrona de madeira, o senhor Rogério folheava um velho livro ao lado da neta Clarice.

— Vovô, me disseram que o senhor tem uma história bonita com a Cresol — disse a menina. — A professora pediu pra gente escrever sobre a agricultura familiar e, como o senhor conta muitas histórias de antigamente, eu queria saber se pode me ajudar.

Rogério sorriu orgulhoso e pegou uma pequena caixa de

madeira que ficava no móvel ao lado. Dentro da caixa, uma caneta preta, antiga, preservada como um talismã.

— Foi com essa caneta, Clarice, que assinamos o estatuto da cooperativa, quase dez anos atrás, você era um bebezinho ainda. Vinte e sete homens e mulheres do campo disseram um sim pra esperança. Lembro até hoje da sensação de quando peguei essa caneta na mão. Aquele dia das assinaturas ia representar o começo de tudo ou o fim de um sonho.

A neta o escutava como quem assiste a uma cena rara. E o avô prosseguiu:

— Tudo começou com encontros nos sindicatos dos trabalhadores rurais, nos galpões das comunidades, nas sombras das árvores. Onde desse, a gente discutia sobre como fazer o dinheiro chegar pra quem mais precisava. Mas tinha gente que duvidava, desconfiava, falava mal, diziam que era politicagem. Mas continuamos.

— E o senhor não teve medo? — perguntou Clarice.

— Muito. Mas era medo junto com esperança. Cada um deu de garantia o que tinha: um pouco de dinheiro guardado, um pedaço de terra, uns entraram só com a coragem de colocar o nome naquela cooperativa nova. Trabalhamos o primeiro ano inteiro sem salário. E, mesmo sem sede, sem nem ter mesa direito, sem telefone, com um velho computador emprestado, plantamos uma semente que agora está dando frutos.

Enquanto Clarice ouvia o relato do avô e anotava tudo para sua tarefa escolar, Edgar terminava sua fala aos estudantes, momento em que um deles ergueu a mão para perguntar:

— Seu Edgar, o senhor não se arrepende de ter arriscado

aquele dinheiro? Porque podia ter perdido, né.

Edgar ajeitou o chapéu e respondeu com o mesmo entusiasmo que habitava as palavras do amigo Rogério:

— Filho, aquele foi o melhor investimento da minha vida. Porque não investi em cifrões, investi em pessoas. E, hoje, vendo vocês aqui, sei que a semente que plantamos cresceu. E vai continuar crescendo.

Antes de se despedir dos alunos e da professora, Edgar ainda lembrou do dia em que recebeu o primeiro talão de cheques da cooperativa e tirou do bolso um exemplar que guardava de recordação.

— Essa também é uma prova de como estamos crescendo. Usar cheque era uma coisa quase impossível pra nós aqui da roça. E agora é a coisa mais chique que tem! — disse ele, balançando o bloco de folhas. A turma toda riu.

Rogério, em casa, ao lado da neta, segurava a caneta — outro objeto marcante para a história da Cresol:

— Então, essa caneta assinou o futuro de muita gente — constatou Clarice.

E ele, com olhos marejados, respondeu:

— Sim, minha querida. Cooperar é isso, a união das pessoas para fazer algo bom para todos. Foi esse compromisso que a gente assinou.

Rogério guardou a caneta com delicadeza e olhou para Clarice como quem olha para um legado.

— Você sabe, minha neta, a Cresol não é feita só de tijolos e papéis. Ela é feita de histórias. Como a minha, a dos outros

fundadores, de quem se juntou depois. E, agora, o que vai deixar a gente mais feliz e realizado mesmo é que vocês continuem escrevendo essa história.

Conto 9

De intereſseiros
a interessantes

Mesmo com outras cooperativas já em funcionamento nas cidades vizinhas, os rumores desconfiados se repetiam.



Algumas cadeiras ainda estavam vazias, mas as conversas já tomavam conta do pavilhão da comunidade. Entre os presentes, a ansiedade se misturava com a curiosidade. Era como se todos carregassem a mesma pergunta no fundo da mente: será mesmo que agricultores conseguem tocar uma cooperativa?

— Bom dia, pessoal! Tudo certo? — começou Gilberto, um dos líderes do movimento cooperativista naquele pequeno município paranaense. — Podem ir se sentando, logo vamos começar.

Aquela era uma reunião importante, em que se discutiria a abertura de uma unidade da Cresol para os agricultores locais, assim como, poucos anos antes, já havia acontecido em outros municípios da região.

Além dos que já haviam decidido se associar, havia outros ali que ainda não tinham tanta certeza. Os olhos inquietos e as conversas revelavam um turbilhão de pensamentos e, principalmente, o peso das opiniões externas que ecoavam em suas mentes. Mesmo com outras cooperativas já em funcionamento nas cidades vizinhas, os rumores desconfiados se repetiam.

— Ei, tu ouviu o que o cara lá falou quando a gente desembarcou do carro? — cochichou Sebastião para o vizinho.

— Sim! Disse que a gente não vai durar um mês com essa cooperativa — respondeu Osmar, com uma risada nervosa.

— Esta semana eu estava na fila do banco e me perguntaram se eu não tinha medo que iam passar a mão no meu dinheiro — continuou Sebastião, mexendo na aba do chapéu, claramente incomodado.

— Povo muito sabido, né? Só porque não tiveram a ideia, agora ficam colocando defeito — disse Cenira, com seu tom firme de quem já havia enfrentado muitas adversidades.

— Agricultor brincando de ser banco, dizem com aquela cara de deboche. Como se a gente não tivesse cabeça nem responsabilidade. Acham que só estamos interessados no dinheiro — completou Cenira, franzindo a testa.

Gilberto escutava a conversa e decidiu apaziguar.

— Isso é normal, companheiros. Eu também tenho minhas preocupações. Confesso que essa noite mal consegui dormir, pensando se a gente perdesse o pouco que tem. Mas vai dar certo, temos que acreditar.

Sua voz carregava uma determinação que acalmou o grupo.

— Eu ouvi a explicação de vocês. Se é pra melhorar a nossa vida e dar uma chance de ter mais controle do nosso dinheiro, eu vou assinar — Cenira completou.

Gilberto sorriu com aquela afirmação e começou a reunião.

— Gente, é bom estarmos todos reunidos aqui hoje. Eu sei que tem muita coisa pra entender e um certo receio é natural. Mas a criação da cooperativa é como plantar uma árvore. Se a árvore não tiver raízes fortes, ela não vai dar bons frutos, não vai se sustentar. Nós seremos essas raízes, garantindo que a árvore esteja firme e dê frutos por muitos anos.

Ele fez uma pausa, buscando conexão com cada olhar na sala.

— Vocês já ouviram relatos de companheiros dos outros municípios que também enfrentaram desconfiança no início. Mas o que estamos criando aqui é um lugar que será como uma casa pra todos nós. E eu tenho certeza que, daqui a alguns anos, até

quem não acredita em nós vai estar se associando. Hoje, somos vistos como interesseiros, mas logo seremos interessantes.

A frase ecoou no espírito de todos na sala. A decisão de criar a cooperativa era só o primeiro passo.

Os meses seguintes revelaram o real tamanho do desafio. A sede improvisada era pequena e a contabilidade era feita manualmente. Os sócios trabalhavam na lavoura durante o dia e, à noite, reuniam-se para organizar as contas, discutir empréstimos e tomar decisões. Cada centavo era contabilizado com precisão, porque qualquer erro poderia alimentar as desconfianças externas.

— Eu nunca pensei que fazer contabilidade era tão complicado. Pra mim, era só somar ou diminuir — dizia Osmar, enquanto tentava entender o livro de registros.

— Nem eu! — respondeu Cenira. — Mas estamos aprendendo. E isso aqui é nosso, não de um banco lá longe, que só vê a gente como números.

Percebendo suas próprias limitações e a complexidade crescente da organização, os fundadores da cooperativa entenderam que precisavam se preparar melhor. Foi então que tomaram uma das decisões mais importantes para a continuidade da Cresol: investir em formação.

Essa necessidade também foi observada nas demais sedes. Por isso, fundadores, conselheiros e os poucos colaboradores já contratados se inscreveram em cursos de gestão financeira, administração de cooperativas, elaboração de relatórios e operação de computadores. Temas que, até então, eram distantes da realidade que viviam.

Aprenderam a montar planilhas, analisar dados, organizar assembleias e usar sistemas de controle. As próprias cooperativas promoviam treinamentos básicos e também buscavam entidades parceiras para aprofundamentos.

O conhecimento que adquiriram se espalhou entre os associados, que começaram a perder o medo das ferramentas e a confiar mais nas suas capacidades.

As reuniões, antes informais e improvisadas, tornaram-se mais organizadas e profissionais. Relatórios eram feitos com clareza, as decisões eram registradas, os fluxos de caixa passaram a ser entendidos por todos. Essa construção coletiva de saber fortaleceu a base da Cresol e deu segurança aos sócios.

— A gente tem que mostrar que é capaz. Não adianta só reclamar. — dizia Gilberto aos colegas, certo de que o sucesso de cada cooperativa constituída dependia da dedicação de seus membros.

E a capacitação técnica gerava reflexos diretos nos negócios. As cooperativas cresciam significativamente. Ampliavam suas sedes, abriam novas agências, maiores e mais bem equipadas, e aumentavam o número de associados. O sistema de empréstimos, outrora limitado, agora ajudava agricultores a financiar a compra de equipamentos e até a reformar suas propriedades.

O que antes era motivo de piada na cidade passava a chamar atenção.

— Vocês ouviram falar da Cresol? Parece que estão fazendo as coisas direito — comentava um comerciante, que antes zombara da iniciativa.

A desconfiança que pairava na comunidade foi aos poucos

dando lugar à admiração. Aqueles que olhavam os cooperados com desprezo agora buscavam informações sobre como se associar.

Gilberto e os outros líderes se sentiam orgulhosos. Trocavam experiências entre as sedes e o sentimento era compartilhado. Mas novos desafios surgiram com o crescimento. A gestão financeira se tornava ainda mais complexa, as demandas dos associados aumentavam e as expectativas estavam mais altas do que nunca.

E também se aguçaram os olhares de outras instituições financeiras. O Banco Central, que inicialmente havia encarado com cautela a criação de uma cooperativa de crédito por agricultores, agora enviava relatórios positivos sobre a organização.

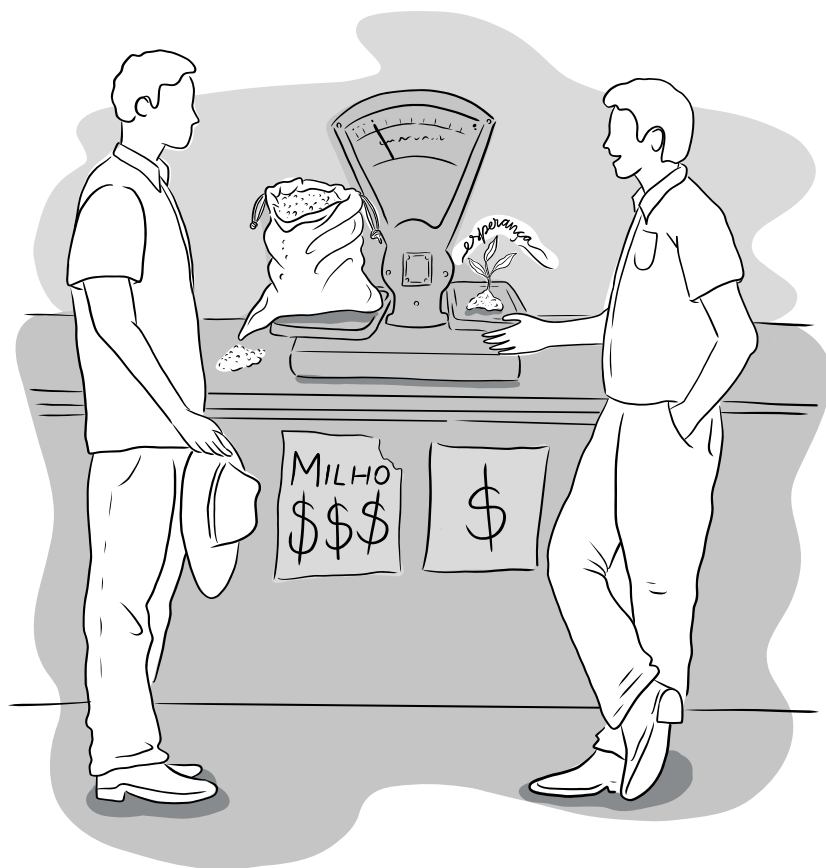
— Quem diria, hein? De interesseiros passamos a ser interessantes até para o Banco Central — brincou Osmar, certo dia.

— Isso só prova que o trabalho duro vale a pena — disse Gilberto. — Mas a gente não pode se acomodar. Ainda tem muito pra melhorar.

Conto 10

O jeito simples de fazer a diferença

— O que eu preciso é pouco. Não sei se vale a pena.
Eu até tentei conseguir no banco uma vez, fiquei umas
quatro horas lá.
— Mas ali na Cresol é diferente. A gente faz as coisas
de um jeito mais simples, entende?



O sol ainda não estava no seu ponto mais alto no céu quando Arlindo chegou à cidade. Seus passos apressados levantavam poeira e ele suava embaixo do chapéu de palha.

Era dia de fazer compras e, para isso, teve que enfrentar uma longa caminhada desde o trevo, onde o vizinho o deixara, até o centro da cidade, onde o comércio se concentrava.

Ao entrar na modesta agropecuária, Arlindo foi recebido com um sorriso amigável do atendente Cláudio, que se ocupava em organizar os papéis em sua mesa.

— Bom dia, tudo bom? — cumprimentou Arlindo, com seu jeito caloroso e simples.

— Bom dia, seu Arlindo, tudo certo e o senhor? Do que precisa hoje? — Cláudio perguntou, levantando-se de sua cadeira e indo até o balcão.

Arlindo coçou a cabeça.

— Vê pra mim aí um saco de milho e umas mudas de verdura.

Enquanto Cláudio começava a buscar os itens solicitados, outro homem entrou na agropecuária.

— Ô, compadre, veio pra cidade também? — saudou Ernesto, com um sorriso largo e animado, aproximando-se para apertar a mão do amigo.

— Sim, hoje é dia de fazer as compras — respondeu Arlindo, devolvendo o cumprimento. — Comprar milho pra plantar, né?

Ernesto balançou a cabeça, com um semblante mais sério dessa vez.

— Mas tá muito caro, né? Não tá dando mais, não.

Arlindo suspirou, confirmando o peso daquela verdade.

— Pois é, tá difícil, compadre.

Ernesto, no entanto, voltou a abrir um sorriso, como se guardasse uma boa notícia.

— Mas você viu que ali na cooperativa tem como fazer mais barato?

Arlindo franziu a testa, confuso.

— Que cooperativa?

— Aquela que te convidei pra reunião, pra ser associado, a Cresol. Você não foi, né?

— Não fui — Arlindo respondeu, um pouco envergonhado.
— Mas fica mais barato como?

Ernesto parecia animado, disposto a explicar.

— Veja, você pode pedir um empréstimo pra comprar sementes, daí tem um ano pra pagar. E não é só pra plantação que tem dinheiro, não. Sabe o Sílvio da Linha Tigre? Financiou cabras, coisa mais linda! — Ernesto contou, com o rosto iluminado ao lembrar da última vez que visitou aquela propriedade. — O homem tá feliz da vida. E eu mesmo consegui pegar umas vacas de leite, pra começar a fazer queijo e vender. A vida tá mudando, compadre.

Arlindo cruzou os braços, pensativo.

— Pois é, mas o que eu preciso é pouco. Não sei se vale a pena. Eu até tentei conseguir no banco uma vez, fiquei lá umas quatro horas e, no fim, me falaram que não dava.

Ernesto lançou um olhar compreensivo.

— Isso acontece muito. Mas ali na Cresol é diferente. A gente faz as coisas de um jeito mais simples, entende? Ali, todo mundo é dono junto, todo mundo se conhece, é amigo. Vai lá conversar, compadre. Lá é só gente igual nós. É uma sala bem simples, ali no sindicato. A secretária te explica tudo direitinho, você traz os documentos e ela faz tudo certinho.

Arlindo olhou para Cláudio, que havia separado os pedidos e ouvia a conversa atrás do balcão.

— Lá em casa o sonho era ter uma estufa pra plantar verdura. Queria ver minha filha ajudando na horta, sem precisar sair da roça pra trabalhar na cidade. Só que não teve jeito.

Ernesto se aproximou, tocando no ombro do amigo.

— Vai lá ver, Arlindo. Não custa nada conversar. Muito melhor pedir pra quem te chama pelo nome do que pra quem só olha teu CPF.

Paciente, mas com outros pedidos para separar, Cláudio interveio com gentileza.

— O senhor vai querer mais alguma coisa hoje, seu Arlindo?

O homem balançou a cabeça, ainda pensando em tudo o que ouvira.

— Acho que vou levar só as mudas de verdura hoje, meu rapaz. Pode deixar o milho, vou ver o que eu faço.

Cláudio atendeu e começou a somar.

— Compadre, você me deixou com a pulga atrás da orelha — disse Arlindo, virando-se novamente para Ernesto. — Talvez seja esse o caminho pra eu continuar com a roça. Se der certo, depois te chamo pra gente tomar uma.

Ernesto sorriu de volta, satisfeito por ter plantado a semente de esperança no coração do amigo.

Uma semana depois, com seus documentos em mãos, Arlindo foi até a pequena sala da Cresol. A recepção foi simples e acolhedora. A secretária, muito gentil, explicou o processo de financiamento com detalhes que Arlindo conseguia entender. Ele saiu de lá com a sensação de que, pela primeira vez em muito tempo, a vida poderia melhorar.

Depois, com o recurso que conseguiu, comprou madeira para erguer a estufa e tela de sombreamento. Ainda investiu em irrigação por gotejamento, novidade que aprendera num curso da Emater.

A família toda e os vizinhos se uniram e, em poucos dias, a estufa estava de pé. As primeiras mudas de alface, rúcula e cebolinha já cresciam viçosas. Não era uma soma grande, mas o bastante para melhorar a propriedade e continuar morando no campo com a família.

Conto 11

O valor de
cada papel

Quando alguém lhe entregava seus documentos, estava, de certa forma, entregando o próprio futuro.



No começo da manhã, a pequena sala cedida pelo sindicato e iluminada por uma única lâmpada já se enchia de vozes e documentos. A Cresol ainda não havia sido oficialmente inaugurada naquele pequeno município, mas as pessoas já chegavam e se sentiam em casa. Eram agricultores, famílias inteiras, com sua pasta de documentos nas mãos e uma carga de esperança nos olhos.

Fichas de cadastro se amontoavam. Eles levavam certidões, identidades, comprovantes de propriedade e sonhos. No centro de tudo estava a secretária Serlene. Cada documento que recebia parecia carregar o peso de uma vida inteira, e a responsabilidade de manuseá-los corretamente era algo que ela sentia no fundo do peito.

Enquanto conferia um por um, tentando lembrar os detalhes do treinamento que o senhor Valdemiro Kreuzsch lhe dera, Serlene percebia que o maior desafio não era digitar as informações na máquina de escrever. O curso de datilografia lhe ensinara a agilidade, mas ninguém nunca lhe havia ensinado a lidar com o peso da confiança que aquelas pessoas depositavam nela.

Era um trabalho que exigia atenção aos detalhes técnicos e seriedade diante dos olhares curiosos que paravam em sua frente. Quando alguém lhe entregava seus documentos, estava, de certa forma, entregando o próprio futuro. O que Serlene preenchia nos formulários, o que conferia e grampeava se tornava um pedaço da história daquela família.

Naquele primeiro dia, trabalhou incessantemente. As cópias de documentos foram feitas uma atrás da outra; as explicações, repetidas e detalhadas para cada associado. No fundo da mente, a voz do senhor Valdemiro ressoava com seus conselhos práticos: "Fale com clareza, passe segurança e nunca perca a paciência. Cada um desses agricultores depende de você mais do que

imagina". E ela tentava fazer exatamente isso, garantindo que as pessoas saíssem dali com a certeza de que seus documentos estavam em boas mãos.

Quando finalmente o relógio bateu às 23 horas, a sala estava silenciosa, mas a mesa ainda permanecia lotada de papéis. Embora o cansaço pesasse nos ombros, havia algo mais forte, uma sensação de propósito. A cooperativa abriria oficialmente no início da semana seguinte, e Serlene tinha de refazer o passo a passo dos financiamentos, organizar a papelada, certificar-se de que tudo estivesse em ordem.

Na segunda-feira, ela abriu a porta da cooperativa sentindo uma mistura de orgulho e apreensão. O ambiente ainda era simples, mas Serlene havia preparado tudo o que podia para deixá-lo mais profissional: folhas brancas, pastas, envelopes, grampeador, canetas. E, claro, a cuia e a erva-mate. Muitos associados teriam de esperar, e nada melhor do que um chimarrão para ajudar a passar o tempo e acalmar os ânimos.

Logo a sala começou a encher de gente, documentos e expectativas. Ela atendia a todos, explicando os processos e ouvindo suas histórias. O presidente e fundadores da cooperativa se encarregavam de convidar os agricultores, indo de casa em casa, convencendo-os da importância de se associarem. Mas, quando eles chegavam à porta da Cresol, o trabalho era de Serlene. Ela era a guardiã das fichas, a responsável por garantir que tudo estivesse no lugar certo.

A secretária sabia o nome de cada um, onde estavam seus papéis, quais documentos faltavam. Após dois ou três dias, muitos voltavam para conferir se havia algum progresso, se o financiamento estava a caminho. E ela sabia exatamente o que dizer, orientar sobre os entraves ou dar as boas notícias.

Muitas vezes, passou mais tempo naquela sala do que na

própria casa. Era tanto serviço! No início, parecia uma avalanche de tarefas, mas logo se tornou uma rotina organizada e intensa.

As noites de trabalho ainda eram longas, especialmente no fim do mês, quando era necessário fechar todos os registros à mão: quantos empréstimos haviam sido feitos, quantos associados tinham completado o cadastro, quem ainda estava com pendências. Apesar da exaustão, havia uma satisfação crescente em ver o trabalho progredir.

Os papéis vinham dobrados, amarelados pelo tempo ou recém-impressos, mas em cada um deles havia o esforço de uma família inteira. Muitos dos agricultores chegavam com as mãos calejadas, o semblante cansado, mas o olhar firme de quem acreditava que dias melhores estavam por vir. E a cooperativa era essa esperança.

Todas as pequenas vitórias eram celebradas como conquistas pessoais para Serlene. Quando um agricultor conseguia o financiamento tão esperado, havia um senso de realização coletiva. Às vezes, eles apareciam com presentes singelos: um saco de milho-verde, uma cesta de frutas ou um queijo caseiro. Era a maneira deles de agradecer, de mostrar que o trabalho dela fazia a diferença.

E cada sorriso, cada palavra de agradecimento, cada aperto de mão sincero lembrava a Serlene que, mesmo na simplicidade do seu trabalho, estava transformando vidas. Naquela pequena sala, havia algo de grandioso. Registros de uma vida inteira. Isso, mais do que qualquer outra coisa, fez Serlene entender o verdadeiro valor de cada papel.

Conto 12

Uma revolução silenciosa

— Depois que assinamos aqueles convênios, tudo mudou. Tu lembra, Sérgio, do primeiro financiamento que fizemos com o Pronaf?



O momento era histórico naquele ano de 1997. Depois de meses de negociações, a Cresol assinava o primeiro convênio com o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) para a operação de recursos do recém-lançado Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o Pronaf, na modalidade de investimentos.

A parceria representava mais um grande passo para os agricultores familiares. No primeiro ano da Cresol, haviam sido firmados 710 contratos de Pronaf Custeio, em um trabalho conjunto com o Banco do Brasil. E, agora, a cooperativa criada pelos próprios agricultores teria mais um elo com o crédito rural.

A Cresol assumiria as responsabilidades pela análise de crédito, aprovação e risco da operação e seria o ponto de contato para quem buscava o recurso, tornando o relacionamento com os associados ainda mais próximo.

As palmas e vivas ecoaram pela sala lotada enquanto os diretores da Cresol e do banco selavam o acordo. A vibração dos cooperados e convidados transmitia orgulho e expectativas para os próximos anos.

Valter estava na Cresol desde os anos 90 e se lembrava nitidamente daqueles acontecimentos marcantes. Nas rodas de conversa com outros conselheiros, gostava de comentar e reviver os sentimentos.

— Depois que assinamos aqueles convênios, tudo mudou. Tu lembra, Sérgio, do primeiro financiamento que fizemos com o Pronaf? Foi para um casal, né?

Sérgio fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Lembro, sim! Eles financiaram três vaquinhas jersey. E tu

acredita que, hoje, eles têm mais de 150 vacas leiteiras? Vendem leite tipo A! — aquela memória ainda o impressionava. — Sempre que nos encontramos, eles dizem que foi graças à Cresol que tudo começou.

Valter sorriu.

— É, ajudamos a iniciar muitos sonhos. Muita gente pôde ficar na terra graças àqueles primeiros créditos.

— Mas eu também lembro que, naquela época, o pessoal ficava com medo, né? — comentou Sérgio. — Diziam que a gente ia perder tudo, que a cooperativa não ia durar nem um ano. Mas a verdade é que a Cresol sempre teve um propósito claro de ajudar o pequeno agricultor a se desenvolver. Isso fez toda a diferença.

— Exato! — Valter concordou. — A gente sempre pensou no coletivo. Nos bancos, talvez eles dessem um financiamento pra uma só pessoa comprar um trator. Mas nós, se conseguíamos 50 mil reais, queríamos financiar dez propriedades. Desde o começo, a gente fazia o dinheiro se pulverizar o máximo possível. Porque assim todo mundo podia crescer um pouco.

Os primeiros financiamentos via Pronaf foram uma ferramenta importante para a estruturação das famílias. Até então, para muitos, tudo era feito no arado manual, com bois. Quando um grupo de agricultores conseguia comprar um trator, o cenário mudava completamente. As terras eram preparadas com mais eficiência e a produtividade aumentava.

— Lembro do primeiro trator que vi na Linha Formiga — continuou Valter, os olhos brilhando. — O sorriso do João quando subiu naquele trator, parecia que ele tinha ganhado na loteria. A vida de muita gente mudou depois daqueles convênios.

— Pense que teve até financiamento pra plantação de quiabo lá no São Valentim, aquele sim foi novidade — lembrou Sérgio.

Até então, a ideia de cultivar quiabo em grande escala no Sudoeste do Paraná parecia inviável, mas, com o crédito do Pronaf, tornava-se realidade. O projeto deu tão certo que, anos depois, a produção começou a ser vendida para outras regiões.

— O Pronaf foi como uma revolução silenciosa — refletiu Sérgio. — A gente ajudava o pessoal a trazer tecnologia para a propriedade, a melhorar a qualidade de vida e, mais importante, a sonhar sem precisar sair do sítio.

Cerca de dois anos após firmar a parceria com o BRDE, a Cresol alcançaria novos patamares. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), impressionado com a forma como a cooperativa gerenciava os financiamentos e atendia aos produtores rurais, também autorizou operações de investimento e microcrédito.

— O Ângelo, o Valter e o Raul suaram a camisa lá naquele Rio de Janeiro pra assinar esse convênio — brincou o também conselheiro Valdir.

A relação entre as instituições se tornou um exemplo de como a cooperação poderia criar oportunidades, descentralizar o crédito e gerar impacto social e econômico. Com as experiências positivas, a parceria foi ampliada.

Em 2004, a Cresol pôde acessar recursos de outros programas, como o de habitação, e se consolidou como agente financeiro do BNDES.

— Imaginem quando o pessoal do BNDES me disse que a gente podia começar a financiar o custeio também? Eu nem

acreditei! — comentou Valter. — Foram anos tentando e em 2007 deu certo. A gente estava conseguindo o que sempre sonhou, que era a autonomia.

E essa autonomia gerou frutos: sistemas de irrigação, estufas, melhoria do plantel, galpões mais estruturados, novas moradias para os agricultores. A Cresol contribuía para o acesso ao crédito e o resultado, além da produtividade, era mais dignidade para as famílias que viviam no campo.

Assim, o caminho foi aberto para que outras instituições se somassem a esse esforço coletivo em prol dos pequenos produtores. Aqueles convênios assinados nos anos 90 tinham sido a chave para tornar grande uma história que começava a ser escrita.

— Quem diria, né? Tudo começou com umas vaquinhas e uns tratores — admirava-se Valter. — E olha aonde chegamos!

Conto 13

Agentes da transformação

Ele explicava sobre a importância da diversificação e da sustentabilidade na produção rural, conceitos que trazia desde a sua formação como agente comunitário.



Era início da tarde na propriedade de Rodrigo, que nos anos 2000 havia sido um dos primeiros participantes do Programa dos Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito da Cresol. Desde aquela época, ele gostava de estudar e levava os conhecimentos que adquiria para outros produtores rurais.

As estufas exibiam verduras viçosas; as plantações de mandioca e batata-doce prometiam uma boa colheita. Um cheiro adocicado perfumava o ar, era a alquimia que transformava a cana-de-açúcar em melado. Tudo funcionava em harmonia.

Naquele dia, Rodrigo receberia um grupo de acadêmicos de Agronomia interessados em conhecer sua propriedade e aprender mais sobre a diversidade produtiva que ele conseguira implementar.

No galpão, improvisou uma mesa rústica e aguardava os visitantes com um sorriso acolhedor. Os jovens estudantes chegavam trocando cumprimentos e admirando a organização do espaço.

— Boa tarde, pessoal. Sejam bem-vindos! Fico feliz de receber vocês aqui e poder contar um pouco da minha experiência — recepcionou-os Rodrigo. — Antes, eu era agricultor e só trabalhava no meu sítio. Mas então, lá na década de 2000, fui convidado pra ser um agente comunitário da Cresol, pra levar mais capacitação e um pouco do que eu já fazia aqui pra outros agricultores. E também ia mostrando como a Cresol podia ajudar com os recursos certos pra eles fazerem o que precisava. Vamos dar uma volta pra conhecer a propriedade e eu vou contando pra vocês?

Enquanto caminhavam, ele explicava a importância da diversificação e da sustentabilidade na produção rural, conceitos

que trazia desde a sua formação como agente comunitário e aprimorara com diversos cursos, visitas técnicas e intercâmbios.

— Não podemos depender de uma única cultura. Tenho pedaços de terra onde planto milho, soja e feijão, que são fundamentais, mas também planto mandioca, batata-doce e cana-de-açúcar.

Andaram mais um pouco, até chegar às estufas.

— A horta e tudo que vocês veem aqui tem destino já. Vai pra feiras, mercados, programas de merenda escolar. Sempre foi meu sonho produzir assim, ter uma propriedade diversificada usando menos insumos químicos.

Os acadêmicos ouviam atentamente, alguns tomando notas, outros fazendo perguntas sobre técnicas de cultivo e manejo.

— Mas imagino que foi um investimento alto. Como o senhor conseguia recursos pra ir fazendo essas coisas quando ainda não era tão comum? — perguntou uma acadêmica.

— Foi tudo aos poucos, porque exige muito trabalho e dinheiro, e nem sempre a gente tem caixa pra fazer tudo, então a Cresol foi essencial. Com o apoio da cooperativa, eu fui planejando e pegando o crédito pra investir em infraestrutura, melhorar minha produção. Faço isso até hoje. E também recebi uma boa capacitação. Participei de formações e viagens que abriram minha mente pros negócios. Tanto que o meu papel também é levar esse conhecimento pra comunidade.

Rodrigo lembrou de como eram as visitas:

— No começo, o trabalho do agente comunitário era mais simples: a gente levava as informações até as famílias, explicava como funcionavam os programas que a cooperativa tinha,

preenchia os formulários, acompanhava de perto. Era tudo muito direto, de casa em casa, muita conversa.

— Uma vez, visitei um senhor que queria aumentar a produção de leite, mas precisava de um financiamento pra comprar vacas e reformar a estrebaria — relatou Rodrigo. — Eu, como agente comunitário, anotei essa demanda e expliquei que, se ele fosse sócio da Cresol, poderia conseguir recursos. Também levei a informação pro gerente e analisamos a melhor forma de fazer, se alguma linha se encaixava no perfil dele. Aí, com um formulário que eu ajudei o produtor a preencher, foi o primeiro passo pra ele se tornar cooperado e depois acessar os recursos.

— E agora não é mais simples assim? — perguntou outro estudante, curioso.

— É, sim, mas com mais ferramentas, mais opções, mais segurança. Tudo foi evoluindo. Hoje, a Cresol tem programas ainda mais estruturados, como o Empreendedorismo Rural, que ajuda os agricultores a planejar melhor seus negócios, acessar novos mercados. Tem também formações voltadas só pros jovens, pras mulheres, pros empreendedores urbanos. O apoio cresceu junto com a cooperativa — afirmou Rodrigo, com orgulho.

Ao longo da tarde, Rodrigo compartilhou histórias de suas visitas às famílias da região. Ele falava sobre a alegria de ver pequenos produtores melhorando suas vidas com o acesso ao crédito e a capacitações.

Depois que os acadêmicos partiram, Rodrigo sentou-se na sala de casa para organizar suas anotações. Cada conversa era registrada com detalhes, hábito que mantinha desde a época de agente comunitário, para que as dúvidas pudessem ser

esclarecidas e nenhuma necessidade ou demanda passasse despercebida.

No móvel ao lado da mesa de jantar, um quadro guardava uma lembrança carinhosa. Era o registro de uma das reuniões de formação da Cresol, em que agentes comunitários de diversas regiões trocavam experiências e aprendiam juntos.

Rodrigo olhou para a imagem e sorriu. Seu papel foi mais do que apenas um elo entre os agricultores e a cooperativa. Ele e dezenas de outros foram agentes de transformação, garantindo que cada família tivesse a oportunidade de prosperar no campo, com dignidade e qualidade de vida.

Com um suspiro satisfeito, pegou sua caderneta e fez a última anotação, já pensando no dia seguinte: “Receber o grupo do colégio agrícola. Destacar a sucessão no campo”.

Conto 14

Construindo pertencimento

O interesse de agricultores e lideranças na cooperativa de crédito ganhava força nos três estados e desencadeou um processo vigoroso de expansão.



A brisa que soprava pelo Noroeste gaúcho trazia consigo o cheiro da terra e a vibração de uma comunidade que se caracterizava nos gestos simples e nos rostos familiares da vizinhança.

A pequena cidade sentia o amanhecer com calma. Aos poucos, o tilintar das xícaras, o brincar das crianças indo para a escola, o som das portas metálicas se abrindo nos comércios e as conversas regadas a muito chimarrão despertavam as pessoas para um novo dia.

Foi esse cenário que a Cresol encontrou no interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, em 1998. Lugares que se conectavam em simplicidade e valores com a história que vinha sendo construída coletivamente no Paraná.

A Cresol, nascida em 1995, já recebia algum reconhecimento com seu modelo de cooperativismo solidário idealizado por e para pequenos agricultores. O grupo, que havia buscado ajuda para criar a sua própria cooperativa, tornava-se referência, era convidado para compartilhar sua experiência.

O interesse de agricultores e lideranças na cooperativa de crédito ganhava força nos três estados e desencadeou um processo vigoroso de expansão, com adaptações aos diferentes territórios e comunidades, mas mantendo firme o propósito de dar protagonismo ao agricultor familiar.

Nos anos seguintes, a presença da Cresol no Sul cresceria tanto que demandaria outras estruturas para dar suporte ao desenvolvimento. Assim, em 2004, foi constituída a Cresol Central Brasil, com sede em Chapecó (SC). E, em 2014, foi a vez do Rio Grande do Sul receber a Central Cresol Sicoper, em Passo Fundo. Junto com a Central Cresol Baser, em Francisco Beltrão,

as centrais caminham juntas pelo fortalecimento do Sistema Cresol.

Desde o início dessa organização, nos anos 2000, as cooperativas singulares e agências que já estavam consolidadas acompanhavam o ritmo e buscavam melhorar as próprias estruturas. Em algumas unidades, o espaço ficava pequeno para atender a tantos cooperados e fazer o serviço administrativo.

Mas como viabilizar sedes maiores quando ainda se tinha tão pouco em patrimônio para esse tipo de investimento? A questão levantava debates nos conselhos e assembleias. Até que a solução encontrada por uma das cooperativas entrou para a história.

Espremida entre três grandes estabelecimentos, com uma placa pequena e discreta, funcionava a Cresol em um daqueles pequenos municípios do interior do Rio Grande do Sul. Os móveis eram reaproveitados; os cômodos, estreitos; e o chão, gasto pelo passar do tempo.

Atrás da sede havia um terreno baldio. Coberto por um matagal, era, para muitos, apenas um pedaço de terra abandonado. Para a diretoria da Cresol, porém, ele simbolizava possibilidade. Mas o obstáculo era claro: a cooperativa não tinha recursos para comprar o lote.

Foi quando a vida, com sua capacidade silenciosa de surpreender, mostrou sua força. Os empresários vizinhos, que notavam a movimentação constante dos agricultores, entenderam que seus próprios negócios se beneficiavam da presença da cooperativa. E, assim, tiveram a ideia de contribuir em doações para que o terreno fosse adquirido. Um gesto simples, mas que ressoou como um trovão de generosidade.

Com a escritura garantida, era preciso encontrar um jeito de construir. E, com o coração inquieto e a mente prática, o presidente da cooperativa decidiu fazer algo improvável: foi até a rádio local, aquela que falava com proximidade, que estava presente na rotina das pessoas, e fez um apelo. Não pediu dinheiro. Pediu tempo, solidariedade e trabalho voluntário.

No dia anunciado, os primeiros cooperados chegaram. Um agricultor com as mãos grossas de empunhar a enxada e a carroceria do seu caminhãozinho cheia de vizinhos para começar a obra.

Passava o tempo e mais gente aparecia. Vinham de moto, de bicicleta, a pé. Vinham por gratidão ou por esperança. Ninguém recebia nada além de um sorriso, um chimarrão e o reconhecimento de estar construindo algo maior para todos.

A construção ganhou ritmo. Não era um canteiro comum. Era um espaço onde os tijolos tinham o peso das lutas lá do início, cada parede subia com o suor da comunidade.

Entre os voluntários, havia um senhor de rosto marcado pelo sol, chapéu de palha e passos mais lentos. Num dia de calor, apareceu na obra usando chinelos. Trabalhou sem parar, até que uma das tiras arrebentou. Tentou seguir descalço, mas as pedras feriam seus pés.

Ao se deparar com a cena, o presidente da cooperativa correu até o mercado ao lado em busca de um novo par de calçados para aquele senhor. Contou ao dono, seu amigo de longa data, o que presenciara. E, antes que pudesse puxar a carteira para o pagamento, ouviu:

— Pode levar. É por conta da casa. Esse prédio é um pouco de cada um. Depois que fechar aqui, também vou lá ajudar.

O presidente voltou com os chinelos. Ao entregá-los, viu a emoção nos olhos do velho homem, que calçou o novo par e voltou ao trabalho.

Aquela obra se tornava simbólica. Um reflexo da corrente invisível de pertencimento, solidariedade e cooperação. Durante meses, enfrentaram imprevistos: chuva, escassez de materiais, ferramentas improvisadas. Mas nunca faltou criatividade e união para resolver os problemas. No final de cada dia, faziam uma roda de chimarrão. Ali, compartilhavam causos, lembranças e planos.

Quando a nova sede finalmente ficou pronta, a inauguração teve rua cheia, abraços apertados, lágrimas nos olhos. E o presidente fez um discurso breve, mas profundo, que transmitiu e continua transmitindo o sentimento que a cooperativa deseja proporcionar:

— Essa casa não é da Cresol. Essa casa é de cada um que acreditou, que doou seu tempo, que fez um café, que estendeu a mão. Essa casa é de todos nós.

Conto 15

Um novo chão

Felipe entrou na sala, segurando um recorte de jornal já desgastado. Na página, a foto da família em frente ao novo lar.



Dona Marli varria o assoalho de madeira desgastada com movimentos ritmados, enquanto o radinho a pilha, colocado sobre a mesa, transmitia notícias da região. Naquela manhã, algo diferente chamou sua atenção.

O locutor anunciava com entusiasmo: “A Cresol, por meio de um novo programa habitacional, está financiando moradias populares na zona rural. Com juros baixos e recursos a fundo perdido, já tem as primeiras famílias beneficiadas”.

Marli parou por um instante, apoiando-se no cabo da vassoura. Seus olhos percorreram a casa, as tábuas antigas rangendo sob seus pés, o telhado que precisava ser remendado cada vez que chovia. Seus filhos brincavam no chão: Marcelo, de 8 anos, fazia um desenho no caderno; Júlia, de 6, penteava os cabelos da boneca; e o pequeno Felipe, com um ano e cinco meses, brincava no tapete em frente à pia.

Um ruído de motor fez Marli espiar pela janela. Era Rodrigo, agente comunitário da Cresol e amigo de longa data da família, chegando em seu carro. Ela foi esperá-lo na porta.

— Bom dia, seu Rodrigo, essa notícia no rádio é verdade mesmo?

Ele sorriu.

— Oi, dona Marli! Então a senhora tava escutando o rádio? Eu vim aqui hoje justamente porque achei que essa era uma boa oportunidade pra vocês. Além dos recursos que a gente já usa nas roças e com o gado, agora vai ter como melhorar a casa de vocês também. Já tava na hora de um programa desses.

Marli estava surpresa.

— E a Cresol tem isso agora? Essas coisas chegam aqui

mesmo, pra gente do interior?

— Chegam, sim. Inclusive, tem muita coisa acontecendo, dona Marli. Tem vários projetos novos pra ajudar as pessoas. Esses dias, numa outra comunidade, teve um encontro só pras mulheres. E olha que a senhora teria muito a contribuir lá. São rodas de conversa, trocas de experiências pra vocês irem pegando cada vez mais confiança pra administrar a propriedade, pra desenvolver outras atividades.

Previendo que a conversa poderia se estender, Marli foi puxando cadeiras para a pequena área na frente da casa. Sentaram-se e Rodrigo continuou:

— Tem projetos pras crianças também. Mas isso aí é prosa pra outro dia. Hoje, preciso entender se vocês têm interesse de financiar pra fazer a casa.

— Interesse eu tenho, né. Mas o Júlio vai ser difícil de convencer. E também não sei se a gente tem condição de pagar.

Como se chamado pelo pensamento, Júlio surgiu ao longe, voltando do pasto após levar as vacas.

Rodrigo explicou para a família que o financiamento era muito mais acessível do que outras linhas de crédito, tinha juros mais baixos e uma parte do dinheiro nem seria preciso devolver, porque tinha subsídio.

— Uma casa de tijolos, Júlio, com piso decente pras crianças brincarem, sem precisar ficar colocando potes nas goteiras — interveio Marli, enumerando os singelos benefícios que eles teriam.

Júlio coçou a barba, avaliava tudo com cautela.

— É uma chance pra vocês terem uma casa mais segura, um

pouco mais de conforto — argumentou Rodrigo. — Dá pra fazer maior que essa, pelo menos mais um quarto, porque as crianças vão crescer, vocês precisam pensar no futuro delas também.

Marli apertou as mãos, ansiosa pela resposta do marido. Júlio observou ao redor, vendo a casa antiga, a esposa esperançosa. Respirou fundo.

— Se é pra melhorar a vida da família, vamos tentar — respondeu finalmente.

Os meses seguintes foram de inquietação e trabalho duro. Primeiro, foi necessário reunir a documentação. A espera pela aprovação do crédito espantou o sono do casal por algumas noites. E quando iniciaram a obra veio também o cansaço físico, somado às horas da lida na propriedade.

Tudo foi recompensado quando puderam entrar pela primeira vez na casa pronta. Na mudança, os vizinhos se reuniram para ajudar. Carregaram móveis, panelas, roupas. Levavam os pertences com cuidado, como se carregassem junto os sonhos daquela família.

O piso era firme, as paredes e o telhado protegiam do vento e da chuva. Os filhos corriam pelos cômodos, maravilhados. Marli chorou. Júlio não teve mais dúvidas. Naquele dia, um novo ciclo começava.

Era bonito testemunhar o quanto aquela família mudara de vida. Com a confiança mais forte em si próprios e na parceria com a Cresol, estavam sempre em busca de informações sobre novas linhas de crédito, capacitações e projetos que pudessem agregar no desenvolvimento pessoal e da propriedade. Rodrigo passou a visitá-los com intervalos mais longos. Já tinham autonomia e segurança para as tomadas de decisão.

Em um dia especial, cerca de dez anos depois da construção

com recursos do Habitasol, Rodrigo foi até a casa novamente e tal foi sua surpresa quando Felipe entrou na sala segurando um recorte de jornal já desgastado. Na página, a foto da família em frente ao novo lar.

— O senhor é o seu Rodrigo?

Rodrigo se admirou.

— Sim, sou eu. E você era aquele bebezinho que eu carreguei no colo?

O menino sorriu, orgulhoso.

— Minha casa continua bonita, né? O senhor viu que a gente até aumentou mais uma parte?

— Claro que eu vi. E a sua casa é mais do que bonita, Felipe. Ela mostra o quanto seus pais foram valentes e fizeram tudo com muito amor. Que alegria ver a propriedade de vocês tão arrumada e produtiva!

Uma equipe acompanhava Rodrigo naquele reencontro e captava as conversas e imagens. Todos se sentaram no sofá para uma nova fotografia.

— Agora, essa aqui vai pra um livro da Cresol. Vocês vão aparecer lá e mais pessoas vão conhecer essa história — disse Rodrigo.

Marli, Júlio e os filhos ficaram radiantes. Marcelo estava cursando técnico agrícola e ajudava os pais na propriedade. Júlia, no ensino médio, tinha o sonho de morar na cidade, mas manter a casa no sítio para frequentar sempre que quisesse. E Felipe, do alto de sua perspicácia infantil, fez questão de contar:

— E eu já sou da Turma do Futuro! Na minha escola também

tem atividade da Cresol e eu sempre participo.

A cooperativa se conectava com a vida das pessoas de maneiras diferentes, mas sempre com um objetivo de melhorar, de impulsionar. O Programa Habitasol e outras ações ajudavam a plantar as sementes de um futuro com oportunidades para todos.

Na saída, como nos velhos tempos, Rodrigo falou das novidades:

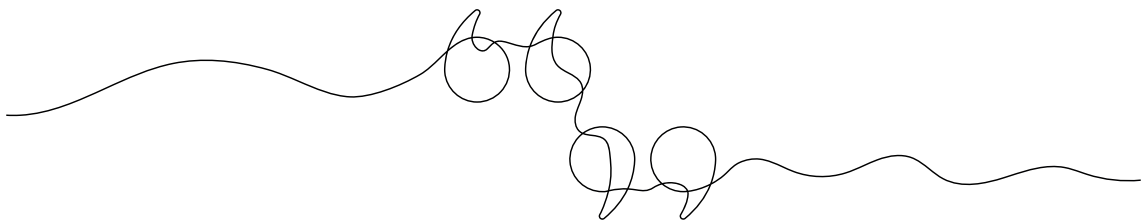
— Já vi que vocês estão acompanhando tudo. Mas eu tô sabendo de outros projetos que vão acontecer. Tem um que é especial pra juventude que está fazendo a sucessão no campo, o Marcelo pode se interessar. E, olha, Júlio, com tudo tão organizado aqui, acho que você e a Marli já podem ter um negócio próprio. Já pensaram em virar empresários?

A pergunta deixou o casal sem palavras. Não disseram um sim. Mas também não negaram a sugestão.

— Fiquem tranquilos, não precisam me responder agora — acalmou-os Rodrigo. — Acho que a minha próxima visita não vai demorar tanto pra acontecer. Até logo, meus amigos!

Conto 16

Palavra
em cheque



Clóvis mostrou o cheque.
— Abasteci, mas não querem
aceitar o pagamento. Dizem que
a Cresol não existe.



Já era final de tarde, mas o suor ainda grudava na pele e o asfalto parecia vibrar sob a luz do sol. Clóvis estacionou sua caminhonete em um posto de combustíveis e deu um suspiro de alívio. Havia passado o dia na estrada. Quando tinha tempo, fazia fretes ou juntava sua produção com a de outros agricultores e ele mesmo fazia o transporte, para baratear custos.

Ao pegar a chave e os documentos para desembarcar, Clóvis sentiu um orgulho discreto pulsar no peito. Dentro de sua pasta, guardado com cuidado, estava o seu mais novo símbolo de pertencimento: o talão de cheques da Cresol. Ainda cheirava a papel novo, as folhas estavam limpas e alinhadas.

— Vamos logo, seu Clóvis, pra dar tempo de comer alguma coisa — disse Rubens, peão que o acompanhava naquela viagem.

— Vai lá dentro ver o que tem e eu vou abastecer aqui, depois pago tudo junto — Clóvis respondeu. Teria a oportunidade de usar o cheque com a marca da Cresol pela primeira vez, e isso lhe dava uma sensação de dignidade.

O posto era simples, mas movimentado. Caminhoneiros iam e vinham, ônibus de linha paravam para abastecer, passageiros faziam compras na conveniência. O cheiro de combustível misturado ao de fritura preenchia o ar.

O frentista, um rapaz magro, de boné azul, aproximou-se.

— Completa o tanque, chefe?

— Completa, sim — disse Clóvis.

Quando o tanque encheu, Clóvis entrou na conveniência e foi até o caixa. O interior da loja do posto tinha iluminação opaca, prateleiras com salgadinhos e refrigerantes e uma pequena fila de clientes. Ele aguardou sua vez, impaciente.

— Boa tarde, quanto deu? — perguntou, já abrindo o talão com orgulho.

A atendente digitou no sistema e informou o valor. Clóvis

preencheu o cheque com calma, sua letra deslizando no papel. Entregou-o com um sorriso.

Foi aí que a expressão da atendente mudou. Ela olhou o cheque, franziu a testa, virou o papel de um lado para o outro.

— O senhor tem outro meio de pagamento?

Clóvis sentiu o sangue chegar ao seu rosto.

— Não. Por quê? O cheque está certo.

Ela chamou o colega do caixa ao lado. O rapaz olhou, coçou o queixo e balançou a cabeça.

— Nunca vi esse banco.

— Não é banco, não, é cooperativa de crédito — explicou Clóvis, tentando soar paciente, já sentindo o incômodo se formar na boca do estômago. — Funciona igual.

O rapaz deu de ombros e chamou o gerente. Um homem de meia-idade, gravata frouxa, caminhou até eles. Pegou o cheque, leu e olhou diretamente para Clóvis.

— Desculpe, senhor. Cresol? Nunca ouvi falar. Não aparece no nosso sistema.

Algumas pessoas da fila começaram a prestar atenção. Um caminhoneiro murmurou:

— Esse banco é de onde?

Clóvis respirou fundo, controlando o nervosismo. O tanque já estava cheio e ele não tinha dinheiro em espécie. Se não aceitassem, como faria? Tirariam o combustível? O constrangimento parecia se ampliar a cada segundo.

Rubens se aproximou, percebendo a tensão.

— Algum problema aí, seu Clóvis?

Clóvis ergueu o cheque na altura do rosto.

— Estão dizendo aí que a Cresol não existe.

Ouviram-se algumas risadinhas na fila. O agricultor repetiu em voz baixa:

— Não existe, pense só...

Rubens tentou ajudar:

— Claro que existe! É cooperativa de crédito, já tem agência em um monte de cidade lá no Sudoeste e Oeste do Paraná. Tem no Rio Grande, tem em Santa Catarina, como que não existe?

O gerente não se convenceu.

— Pode até ser, mas aqui não temos como conferir. Se não está no sistema, não posso aceitar.

Clóvis sentiu o rosto queimar. Por dentro, uma mistura de raiva e impotência. Tinha tanto orgulho de carregar aquele talão e agora parecia que estavam zombando da sua palavra.

Nesse instante, a porta da conveniência se abriu e uma voz grave ecoou:

— Mas olha só quem eu encontro por aqui!

Miltão era um caminhoneiro conhecido de todos na região. Homem corpulento, de fala alta, carregava botijões de gás pelo Paraná inteiro. Ele entrou com passos largos e sorriu ao estender a mão para um cumprimento.

— Clóvis! O que anda fazendo por essas bandas? Se perdeu?

Clóvis aproveitou a oportunidade e respondeu com humor amargo:

— Perdido não tô, meu amigo, mas não sei como vou voltar pra casa.

— Como assim?

Clóvis mostrou o talão.

— Abasteci, mas não querem aceitar o pagamento. Dizem que a Cresol não existe. E agora é a minha palavra que tá em cheque.

Miltão deu uma gargalhada sonora, tão alta que chamou atenção até de quem estava do lado de fora. Bateu no ombro do amigo e virou-se para a atendente:

— Pode aceitar, minha filha. Esse cheque é bom. Se aqui vocês não conhecem, eu troco mais pra frente. Já estão aceitando faz tempo.

O gerente pareceu desconcertado. Todos conheciam Miltão e confiavam no que ele dizia.

— Tudo bem. Se o senhor tem certeza, vamos aceitar. Mas tem que trocar depois, não posso ficar com esse cheque aqui.

A tensão que pairava no ar se desfez. Rubens soltou a respiração aliviado. Clóvis secou o suor da testa e pegou o recibo.

Do lado de fora, já voltando para o caminhão, Rubens começou a rir.

— Rapaz, que aperto! Já pensou se não aparece o tal do Miltão? A gente ia ter que pedir carona de volta pra casa.

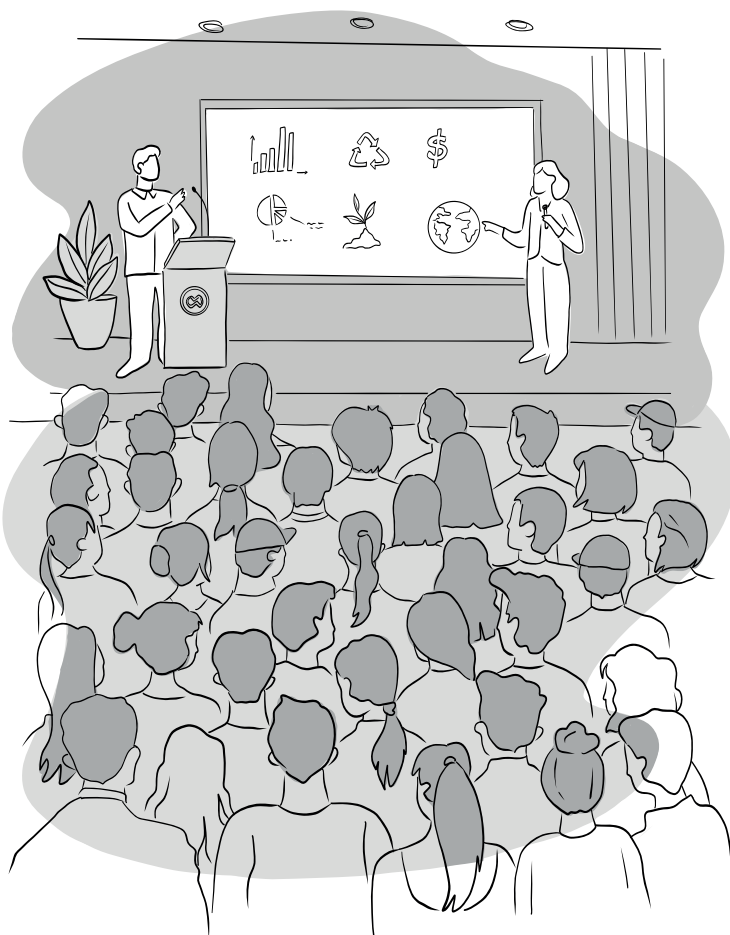
Clóvis sorriu, mas por dentro carregava a reflexão. No início, cada passo da Cresol exigia prova, exigia explicação, exigia alguém que colocasse a própria palavra como fiador. Não bastava que os cooperados acreditassem. Era preciso conquistar uma rede inteira de confiança, atravessando cidades, estados, setores que nunca tinham ouvido falar da cooperativa.

— No começo é assim, né? — disse Clóvis, finalmente. — Primeiro a gente conquista a confiança aqui, pra depois conquistar o país inteiro, você vai ver só. Com calma a gente vai chegar lá.

Conto 17

Uma ponte de conhecimentos

Desde cedo, as lideranças perceberam que o fortalecimento da iniciativa só seria real se viesse acompanhado de educação e formação.



O aeroporto estava movimentadíssimo naquela manhã. Pessoas caminhavam apressadas de um lado para o outro, algumas com fones de ouvido, outras carregando livros, malas e suas próprias ansiedades. Vera mantinha o passo tranquilo, sem demonstrar pressa exagerada, mas com a mente tomada por pensamentos que se entrelaçavam.

Ela estava prestes a embarcar para um grande congresso sobre cooperativismo e desenvolvimento sustentável, no qual teria a missão de falar em nome do Cresol Instituto. Em sua preparação, havia entendido que carregava consigo o eco das vozes de milhares de agricultores, empreendedores, jovens, mulheres, lideranças comunitárias e colaboradores que compunham a vida da cooperativa.

Vera ajustou os óculos enquanto esperava na fila de embarque. Não parava de repassar mentalmente sua apresentação e recordou que a Cresol nascera da urgência dos agricultores familiares, que não encontravam espaço no sistema financeiro tradicional.

O crédito era uma das portas, mas, desde cedo, as lideranças perceberam que o fortalecimento da iniciativa só seria real se viesse acompanhado de educação e formação para quem participava da cooperativa e também para a comunidade em torno dela. Nascia ali um sonho que, ao longo dos anos, cresceria, mudaria de forma, mas manteria seu propósito: dar às pessoas as ferramentas para conduzir seus próprios destinos.

Foi assim com a constituição da cooperativa, ao buscar os ensinamentos de outros mais experientes. Foi assim com a capacitação técnica das equipes, com os agentes comunitários e de formação da Cresol e com outras ações que já demonstravam

o profundo interesse pelo desenvolvimento coletivo.

Aquele sonho realmente cresceu e se materializou em atos como a criação do Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário, o Infocos, em 2005. Vera queria contar essa história, transmitir a dimensão de se ter uma frente de atuação dedicada a levar os princípios do cooperativismo para a prática. Uma frente que, unindo diversas ações, tornou-se a referência do Sistema Cresol para educação e formação e, em 2018, passou a se chamar Cresol Instituto.

Quando o avião levantou voo, Vera fechou os olhos e se deixou levar pelas lembranças das tantas iniciativas que conhecia de perto. Resgatou a imagem de uma tarde em que visitara uma turma de ensino fundamental e observara a curiosidade das crianças ao aprender sobre dinheiro.

Era assim que elas viam, mas, na verdade, as lições eram sobre educação financeira, cooperação, um mundo mais sustentável. Os olhinhos brilhavam como se uma janela nova se abrisse, e Vera entendia que aquele era um passo importante para formar cidadãos conscientes.

Também lhe vieram à mente os programas de sucessão familiar. Quantos jovens haviam deixado suas comunidades por falta de perspectivas? E, então, o Cresol Instituto oferecia alternativas, mostrando que o campo podia ser lugar de inovação, de tecnologia, de futuro. Os projetos ensinavam formas de empreender, de organizar a propriedade, de acessar mercados e de assumir o protagonismo em suas comunidades.

As mulheres eram outro grupo que ocupava um lugar especial nesse mosaico. Vera não poderia esquecer do depoimento de uma agricultora que, após participar de uma

capacitação em gestão financeira, descobrira sua autonomia. “Aprendi a valorizar meu trabalho e agora sei que posso dar uma vida melhor para minha família”, dissera a participante.

Esse era o sentido profundo da atuação do Cresol Instituto: não se limitar a transmitir conhecimentos técnicos, e sim abrir horizontes, estimular o potencial de cada pessoa, oferecer voz e reconhecimento.

O congresso para o qual Vera estava indo reuniria experiências de instituições de diferentes partes do Brasil, e as fronteiras nunca restringiram os ideais da Cresol. Pelo contrário, elas construíram pontes, e isso também não poderia deixar de ser contado.

A Cresol Agri-Agência havia sido um passo ousado em 2018, para dar dimensão global às iniciativas do sistema. Por meio dela, a Cresol poderia contribuir ainda mais com cooperativas de outros países, acessar conhecimentos e metodologias e obter recursos de organizações estrangeiras para financiar novos projetos e dar amplitude ao seu propósito. Era mais uma forma de promover o cooperativismo solidário e o fortalecimento das organizações cooperativistas em todo o mundo.

À medida que o avião se aproximava de seu destino, Vera respirou fundo. Tinha o desafio de condensar tanta riqueza histórica em uma fala de tempo limitado, mas confiava que a emoção que carregava seria suficiente para tocar o público.

Não apresentaria apenas números, mas as vidas transformadas a partir deles. Contaria como o Cresol Instituto se tornara catalisador de mudanças, uma organização que crescia junto com os associados, cuidando das comunidades, promovendo educação, fomentando empreendedorismo, dando

oportunidades a jovens e mulheres, fortalecendo laços de solidariedade.

Ao chegar ao centro de convenções, horas depois, Vera se surpreendeu com a grandiosidade do evento. Auditórios cheios, estandes coloridos, vozes em diferentes sotaques e idiomas se misturando nos corredores. Era a prova de que o cooperativismo não era uma ideia isolada, mas um movimento vivo, pulsante, em constante diálogo com o mundo.

Em sua vez de falar, Vera percebia os olhares atentos, os sorrisos discretos e emocionados, os gestos de concordância. As pessoas podiam se reconhecer naquelas histórias. E Vera não falava sozinha; falava acompanhada por uma multidão invisível, formada por todos os que haviam contribuído para que o Cresol Instituto alcançasse sua representatividade.

Ao final da apresentação, os aplausos ecoaram no grande auditório. Vera desceu do palco emocionada. Sentia o pertencimento, o orgulho e a felicidade de ser um elo do cooperativismo. Ela tinha certeza de que a missão da Cresol se concretizava na vida das pessoas.

No retorno para casa, já no silêncio do avião, Vera abriu seu caderno de anotações e escreveu uma constatação que guardaria para sempre: “O Cresol Instituto é uma ponte viva: une pessoas, conecta fronteiras, sustenta laços e desenha caminhos para o futuro”.

Conto 18

Um crédito para as inovações

Com o avanço da tecnologia, não demorou para que outras conquistas surgissem. E cada uma delas era pauta entre os vizinhos.



Era uma noite quente de dezembro de 2006. As famílias, como era costume, estavam reunidas na varanda da casa de seu Antero depois da novena. O assunto, no entanto, não era a chuva nem a lavoura. Era algo que estava deixando o pessoal desconfiado: o cartão de crédito da Cresol.

— Mas, me expliquem, como é que esse negócio funciona? — perguntou dona Tereza, ajeitando o avental e servindo mais bolinhos.

Vanildo, que tinha conta na Cresol desde a fundação, coçou o bigode antes de responder, como se ainda estivesse escolhendo as palavras.

— É como dinheiro, mas não é dinheiro de verdade, assim, de papel. A gente compra o que precisa mostrando esse cartão e depois paga tudo junto numa conta só. É igual tem nos bancos, só que é da Cresol.

Um burburinho tomou conta do grupo. Alguns franziram a testa, outros olharam desconfiados. Seu Guilhermino, que tirava o sustento da venda de leite, não resistiu a perguntar.

— E se a gente não conseguir pagar? Isso é coisa de rico! Aqui, a gente junta dinheiro antes de comprar. Sempre foi assim.

Dona Ivone, que já sonhava há tempos em trocar os móveis da sala, não deixou barato.

— Mas, Guilhermino, com esse cartão não precisa mais esperar anos. A gente pode pagar devagarinho, sem aquelas notinhas que se perdem.

Muitos ali dependiam do caderno do comerciante ou da boa vontade de algum conhecido para fazer uma compra a prazo. A Cresol estava oferecendo uma alternativa nova. Ainda era incerto, mas também era promissor.

— Ouvi dizer que já tem gente indo buscar o cartão na cooperativa — comentou Hélio, sempre atento às novidades. —

Dizem que é fácil de usar. Só passar numa maquininha.

— Maquininha? — espantou-se dona Ivone. — E se engolir o cartão e não devolver mais?

Seu Antero, apoiado no espaldar da cadeira, interveio com calma.

— A Cresol não faria algo ruim pra nós. Eles já conseguiram trazer um monte dessas coisas de banco pra facilitar a vida. A gente já não faz depósito, transferência? Então, vai funcionar igual.

As palavras dele transmitiram segurança. Aos poucos, o medo foi dando lugar à curiosidade. O cartão de crédito tinha a sua complexidade, mas também parecia ser uma chave que podia abrir portas que até então estavam trancadas.

— Pois eu vou amanhã mesmo lá na agência ver como faço o meu! — disse Vanildo, decidido. — Quero ver minha mulher feliz com a geladeira nova que ela tanto sonha. Que tal, hein, Tereza?

O riso se espalhou. No fundo, todos sabiam que, por trás da prudência, existia o desejo de dar mais conforto à família. O cartão era apenas o começo.

Aquela noite ficou guardada na memória. Em pouco tempo, o que antes parecia estranho virou rotina: passar o plástico na maquininha, digitar a senha e ouvir o bip de confirmação.

Com o avanço da tecnologia, não demorou para que outras conquistas surgissem. E cada uma delas era pauta entre os vizinhos. Na varanda de seu Antero, novamente cheia de cadeiras, chimarrão e conversa, o assunto agora era um número enigmático.

— Então agora a Cresol é banco de verdade? — perguntou seu Guilhermino, coçando a cabeça.

— Não é isso, não se preocupe — explicou Hélio, que tinha ido a algumas reuniões. — Esse número 133 significa que a gente

tem nosso próprio lugar no sistema financeiro. Com ele, a gente pode fazer transferência direto, sem depender de outra instituição.

O código 133 simbolizava reconhecimento, identidade. Para muitos, era a confirmação de que a cooperativa dos agricultores tinha conquistado seu espaço.

Anos depois, foi a vez do aplicativo no celular. A notícia correu como vento. Muitos deles, acostumados a usar o telefone apenas para ligações, ficaram intrigados.

— Ver o saldo da minha conta no celular? — riu seu Guilhermino, como se fosse piada. — Que maluquice é essa?

— Não é maluquice, Guilhermino — retrucou dona Lurdes. — Eles explicaram lá na agência. Tem que colocar um botão da Cresol ali dentro do celular. Então, aperta umas vezes na tela e aparece o dinheiro que tem guardado.

— Apertar na tela? — Guilhermino riu ainda mais. — Daqui a pouco vão dizer que a gente pode plantar pelo celular também.

O comentário arrancou gargalhadas, mas havia um quê de receio. Quem não sabia nem mexer direito no aparelho se perguntava como iria acessar o aplicativo. Mas logo os jovens da comunidade começaram a ajudar. Na casa de dona Ivone e seu Guilhermino, os netos ensinavam.

— Tá vendo, vó? Aqui mostra quanto a senhora tem na conta. Não precisa mais ir na agência pra saber.

Os olhos da senhora estavam aguçados como os de uma criança que descobre um brinquedo novo.

— Então não preciso mais pegar ônibus toda vez que quero saber se caiu o pagamento? — perguntou, surpresa.

— Não, vó. É só abrir o aplicativo. A senhora só tem que lembrar da senha e não vai deixar anotada por aí.

As famílias começaram a perceber a mudança. Com mais agilidade para cuidar do dinheiro, sobrava mais tempo para cuidar

dos afazeres, ficar com os netos ou simplesmente descansar. A vida parecia ficar mais leve.

E então chegou o Pix. Uma revolução e tanto.

— Como é que é mesmo? — indagou dona Tereza, segurando o celular na mão. — Eu só boto o número que a pessoa me diz e o dinheiro aparece lá? Mas não entendo, se nem é o número da conta dela!

— Isso mesmo — respondeu Hélio, que já tinha usado o Pix para pagar um amigo na cidade. — É na hora. Não precisa ser o número da conta, pode ser até o celular ou o CPF, mas vai estar cadastrado lá na Cresol. E a gente não paga taxa.

Vanildo, ainda desconfiado, coçou o bigode.

— E se o dinheiro some no caminho? Se o vento leva?

— Não some, Vanildo! — disse Lurdes, divertindo-se. — Tem que conferir tudo antes de confirmar. Já fiz Pix até pro meu neto comprar um presente pra ele. Caiu na mesma hora. Mais rápido que esperar uma visita dele.

Com o tempo, até os mais resistentes se renderam. O Pix virou parte da rotina. Vender queijo na feira e receber na hora, fazer negócios sem precisar andar com dinheiro em espécie, ajudar um parente distante sem sair de casa. A sensação era de viver um futuro que parecia coisa de televisão.

Cada inovação despertava o mesmo ciclo: espanto, desconfiança, aprendizado e, por fim, adaptação. Os avanços simbolizavam autonomia e desenvolvimento e passaram de experiências para referências, andando na vanguarda do cooperativismo financeiro.

Conto 19

Unir para crescer
e desenvolver

Foi preciso ir para a estrada, visitar as cooperativas e cooperados e explicar como tudo aconteceria.

— Luciana, alguns associados estão preocupados. Dizem que a Cresol está encolhendo.



Luciana era adolescente quando passava diariamente em frente à pequena porta de vidro com a placa da Cresol e se perguntava o que havia ali dentro. Via o movimento de gente chegando e saindo, reconhecia alguns agricultores, o pessoal do sindicato, o dono da agropecuária da cidade, até alguns de seus parentes que moravam no sítio.

Quando cresceu, foi estudar em outro Estado e percebeu que a mesma placa também estava lá. O destino a conduzia de volta àquele nome que a acompanhava desde cedo. Ao se formar em Direito, foi convidada por uma amiga a trabalhar na cooperativa. E, pela primeira vez, conheceu por dentro a estrutura e aquela força transformadora do cooperativismo.

Era diferente dos ambientes rígidos aos quais estava acostumada. Não havia formalidades excessivas, o tratamento entre os colegas e lideranças era amigável e leve. A Cresol se regia por proximidade, confiança e participação, um reflexo de como queria que o cooperado se sentisse.

Luciana chegava em um momento especial para o sistema. O crescimento era robusto, já existia mais de uma centena de cooperativas e mais de 300 agências naquele ano de 2010. Mas era hora de rever essa organização e implementar alternativas que fortalecessem a estrutura como um todo.

E uma dessas alternativas era a unificação. A união de duas cooperativas em uma só base, ganhando em impacto regional. O entendimento era de que o processo poderia levar anos, para ser feito com cautela e todo o cuidado.

Foi preciso ir para a estrada, visitar as cooperativas e cooperados e explicar como tudo aconteceria. Em uma reunião de Conselho de Administração, os diretores discutiam as mudanças.

— Luciana, alguns associados estão preocupados. Dizem que a Cresol está encolhendo — comentou Nelson, um conselheiro veterano, franzindo a testa.

Ela respirou fundo, apoiou as mãos sobre os papéis que havia levado para explicar os trâmites das incorporações.

— Não estamos encolhendo. Estamos crescendo com mais segurança. Alguns veem como um passo para trás, mas a união das cooperativas fortalece nosso fluxo de trabalho, a governança, os negócios. As experiências se somam, torna-se um trabalho conjunto, o senhor compreende?

Os olhares ao redor da mesa se acalmaram. Outro diretor completou:

— Quer dizer que, juntos, teremos mais condições de defender a cooperativa, de negociar, de desenvolver a nossa operação?

— Exatamente — respondeu Luciana. — Cada regulamento, cada estatuto que estamos construindo agora vai proteger os cooperados no futuro e nos dar embasamento para defender os interesses da Cresol. E vamos levar tudo isso para as assembleias, os cooperados também vão entender e ajudar a construir isso.

Aos poucos, o entendimento se consolidava. A unificação era, na verdade, uma estratégia ousada para o crescimento, para estar alinhada com práticas do setor e permitir pensar em chegar ainda mais longe.

E isso se concretizou logo nos anos seguintes. Andando em paralelo com as incorporações veio a expansão nacional. Os primeiros contatos foram encaminhados em Minas Gerais, Espírito Santo e Rondônia. Era a Cresol, mais uma vez,

atravessando fronteiras.

O cooperativismo de crédito com interação solidária ganhava novos sotaques, abraçava novas culturas, levava para outras regiões o mesmo ímpeto de transformação e união que o caracterizava e destacava no Sul do Brasil.

A ponte do unir para crescer estava erguida sobre pilares éticos e jurídicos, que conferiam credibilidade ao sistema, valores que foram incorporados à Cresol. E, ao lado dela, para dar suporte às atividades, erguia-se a ponte do unir para desenvolver.

As soluções e tecnologias que se tornaram indispensáveis eram um desafio nos anos 2000. Alexandre, assim como Luciana, chegara em um período de mudanças na Cresol. Era preciso atualizar os processos, automatizar operações, eliminar os backups em componentes externos, sair do papel para o computador e ter mais eficiência.

Em uma das primeiras reuniões de alinhamento, Alexandre ouviu um pedido claro da direção:

— Precisamos de um sistema que seja nosso. Que fale a língua que a Cresol fala com o cooperado. Então tem que ser simples, mas resolutivo, fácil de mexer e que cumpra o que a gente precisa.

Alexandre aceitou o desafio como uma grande oportunidade e respondeu sem hesitar:

— Vamos criar. Pode levar tempo, pode dar trabalho, mas será feito.

O sistema próprio para realizar as operações era fundamental para as cooperativas e agências já consolidadas, mas também para a expansão. Para levar a Cresol e todo o seu jeito de fazer o cooperativismo para onde ela quisesse ir.

Assim nasceu o embrião do sistema Colmeia. Foram madrugadas em claro, fazendo testes, corrigindo falhas nos últimos minutos.

— Tá quase na hora da agência abrir, pessoal. Precisamos fazer isso rodar, não tem como trabalhar sem o sistema! — alertava Alexandre, após mais uma noite inteira de revisões.

— Funcionou! — gritou um técnico, aliviado pela conclusão da tarefa.

Alexandre olhou para a tela e sorriu, cansado. Cada linha de código era escrita com a preocupação de tornar tudo acessível até para quem nunca havia usado computador, de forma intuitiva e segura.

O pedido da direção se cumpria e a simplicidade não era acaso: era filosofia. Tanto no jeito de explicar uma unificação quanto ao realizar processos, era assim que a cooperativa ganharia tamanho e relevância sem perder a essência.

Conto 20

A marca é o
que a gente é

— Eu acho que entendi. Vocês querem que ela fique mais simples, mas que continue representando toda a história da Cresol, é isso?



— Roberto, tudo bem? Podemos falar um pouco? — perguntou uma voz já conhecida no outro lado da linha.

— Opa, seu Lauro, tudo bem e o senhor? Claro, em que posso ajudar?

— Nós estamos com uma ideia aqui. Uma ideia que você vai conseguir colocar no papel, assim como fez lá em 1995. Mas é uma conversa mais longa. Você pode vir até a Cresol amanhã cedinho?

Roberto desligou o telefone com o compromisso marcado e já imaginando do que se tratava. As lembranças de 20 anos atrás voltaram nitidamente ao seu pensamento.

A associação que emprestara algumas de suas salas para a Cresol também dividia espaço com uma gráfica, onde um ainda jovem Roberto trabalhava.

O papel de um designer gráfico, naquela época, era pouco conhecido. Ainda mais no interior do Estado, poucos sabiam o que significava aquele nome moderno. Alguns chamavam de criador de imagens, arte-finalista, ilustrador, desenhista e até de “fazedor de marca”. Mas ninguém duvidava da sensibilidade que ele colocava em cada trabalho.

Certo dia, em meio à rotina, um funcionário da Cresol apareceu na gráfica e convidou Roberto para uma reunião. O tom da conversa mostrava certa urgência. Por isso, naquela mesma tarde, ele foi até a sala da Cresol.

Lá, encontrou alguns diretores. Aqueles homens tinham diversas experiências, eram agricultores, contadores, administradores, técnicos e outras profissões e características que os haviam habilitado para serem também lideranças da

cooperativa. Mas ainda buscavam algo.

— Então, Roberto, a Cresol já está criada — iniciou o mais velho, após os cumprimentos cordiais. — Está funcionando aqui e muita coisa está acontecendo na parte administrativa, na operação, na parte técnica. Mas o que falta é um símbolo. Você vê que toda empresa tem um símbolo, que as pessoas olham e sabem que é ela. E a gente também precisa de uma imagem que fale pela gente, que nos represente.

— É, Roberto — acrescentou outro diretor. — Precisamos de uma cara pra Cresol. Algo que represente quando aparecer o nome num papel, num contrato, numa placa. O povo precisa olhar e entender que é a cooperativa do agricultor.

Roberto absorvia os detalhes. Não era apenas um trabalho de criação. Era uma convocação.

— Então, o que vocês imaginam? — perguntou, recostando-se na cadeira, lápis entre os dedos preparado para anotar todas as sugestões, anseios e projeções que ele sabia que viriam.

Os diretores se entreolharam.

— Tem que ter o sol — respondeu o primeiro. — Porque o sol é o que faz tudo nascer. É ele que acorda a gente cedo, que seca o milho depois da colheita, que dá força pra terra. E ele brilha pra todo mundo igual.

— E os pinheiros também — acrescentou o segundo. — Se a gente é cooperativa, tem que ter o símbolo do cooperativismo. Eu aprendi que eles são símbolo de resistência. Estão ali, firmes, mesmo com vento, com chuva. Como a gente, que não desiste.

— Eu penso que tem que mostrar o dinheiro — disse outro,

causando surpresa. Mas logo explicou: — Não o dinheiro como uma nota de real, mas como a ferramenta da cooperativa. Senão, podem achar que é uma cooperativa de produção, de outra coisa. É pra ajudar a entender que a gente é do crédito.

Roberto mantinha a concentração enquanto ouvia, cada palavra era um traço no seu bloquinho de papel.

— Dá pra desenhar um campo bonito no horizonte? — perguntou um dos diretores, a expressão pensativa e o olhar fixo na janela. — Porque a cooperativa é isso também: olhar adiante, pensar no que vem, um horizonte de oportunidades.

— E você vai pensar nas cores também, Roberto — outro completou. — Tem que ter o verde, que é uma cor forte na nossa agricultura, o amarelo da colheita.

As ideias brotaram como sementes. Uns pediam detalhes, outros se lembravam de histórias, todos queriam se ver naquela marca. Nos dias seguintes, voltaram a se reunir. A cada encontro, um bloco mais cheio de anotações. Palavras riscadas e reescritas, desenhos nascendo em cantos de páginas.

Até que, entre conversas e rabiscos, os elementos foram tomando forma: o sol em um círculo preenchido com vermelho e amarelo; os pinheiros do cooperativismo lembrando um cifrão com o “s”; o campo e o horizonte representados por uma linha; o verde nas letras que formavam o nome Cresol em caixa alta.

Quando Roberto mostrou a primeira versão e explicou os significados, os olhos dos diretores brilharam.

— É isso! — exclamou um, batendo levemente na mesa. — É isso que a gente sente!

Outro, mais crítico, pediu ajustes.

— Dá pra colocar mais detalhes? A gente conhece a Cresol,

mas acho que precisava ter o nome completo, que assim as pessoas vão saber o que a gente é.

Roberto voltava à prancheta, ajustava, redesenhava. Não havia pressa. Havia cuidado e respeito pelas histórias que estavam construindo aquela marca em conjunto.

Na última versão, a imagem que os diretores queriam expressar carregava mais de dez elementos, cada qual refletindo a alma de quem sonhava em dar identidade e presença para a Cresol.

Aquelas memórias da criação do primeiro logotipo acompanhariam Roberto na reunião marcada com Lauro. O profissional havia sentido o mesmo tom de urgência e convocação de 20 anos atrás, como se chamado para uma nova missão.

Mas agora já existia uma marca e ela se replicava em papéis timbrados, carnês, informativos, placas, fachadas, uniformes, cartazes, materiais dos mais diversos. O nome Cresol já era visto em muitas regiões e chegava a novos municípios em ritmo intenso. O que estaria por vir?

A reunião aconteceu em uma sede própria da Cresol, uma estrutura robusta perto daquela existente em 1995. Já era um sinal da mudança dos tempos. Entre os diretores, novos rostos haviam surgido, mostrando a continuidade e a renovação da cooperativa.

— Essa marca é a nossa origem — disse um dos diretores mais jovens. — Os nossos cooperados também gostam muito, temos um apreço muito grande por ela, mas chegamos a um entendimento que ela precisa ficar mais limpa. Não pode perder a essência, mas tem que se adaptar para o futuro.

A fala revelava uma compreensão das inovações que se apresentavam cada vez mais rápido. A dinâmica de ocupar espaços com a marca, de ser visto e lembrado, de estar em todos os materiais e canais de comunicação, especialmente no universo digital, pedia clareza, objetividade, impacto e modernização.

Roberto se colocou novamente à disposição para ouvir. A memória coletiva falava alto e as sugestões foram aparecendo. Era curioso como aquele grupo também havia se transformado, buscando conhecimentos que iam além das suas áreas para fazer com que a Cresol acompanhasse o desenvolvimento do setor que ajudara a moldar.

Até os equipamentos haviam mudado. Do bloquinho, as anotações passaram a ser feitas no notebook. Depois, seriam lapidadas em modernos programas de computador.

— Eu acho que entendi. Vocês querem que ela fique mais simples, mas que continue representando toda a história da Cresol, é isso? — perguntou Roberto.

— Exatamente, Roberto! Falando assim, parece até fácil — disse Lauro, satisfeito por ter à frente do projeto alguém que conhecia a cooperativa. — Confiamos no seu trabalho, porque você já entendeu o propósito da Cresol desde aquela vez lá em 1995. Tenho certeza que vai pegar essa bagagem e nos ajudar a construir uma nova marca com todo o significado que ela precisa carregar.

Roberto voltou para seu escritório e trabalhou por dias naquele projeto. Buscava referências, estudava o mercado, pesquisava as tendências da área e, sempre que sentia perder a conexão com seu objetivo, revisitava as anotações e extraía novas doses de inspiração.

Era preciso condensar todas as ideias para simplificar o desenho. Os elementos iniciais foram ganhando representatividade em novas formas. O sol, dessa vez, ficou presente em uma circunferência laranja, trazida da mistura do vermelho com o amarelo em uma nova cor que anunciava inovação e energia.

Dentro dessa circunferência, um ícone que lembra os dois pinheiros do cooperativismo e, ao mesmo tempo, remete a braços entrelaçados em solidariedade, ao cifrão, a folhas de plantas e a elos que representam a união. A cor verde manteve o seu lugar de destaque, fazendo referência à origem da Cresol no campo.

Outra grande mudança aconteceu nas letras que formam a palavra Cresol, desenhadas especialmente para a cooperativa, com traços mais fluidos para preservar o sentido de proximidade, mas demonstrando a firmeza e a presença que aquela instituição já conquistara.

Na hora de apresentar a nova marca aos diretores, Roberto estava apreensivo. Tinha convicção de que fizera um bom trabalho, mas a certeza da aprovação só veio quando palmas, lágrimas de emoção e sorrisos se misturaram na sala.

— Parabéns, Roberto! Você novamente nos atendeu, nos ouviu e nos trouxe a representação do que é a Cresol — saudou Lauro. — Carregamos todos esses significados aqui no peito, com orgulho, e você conseguiu traduzir nesse símbolo especial. A marca é o que a gente é. Muito obrigado!

— Que é isso, seu Lauro. Eu consegui representar assim porque essa história é muito importante, eu acompanhei desde o início e tenho muito respeito por ela. E pode acreditar que a minha maior satisfação vai ser ver a Cresol evoluir e essa marca estar por todos os lugares desse Brasil afora!

Conto 21

Falar com o mundo lá fora

Com a prática e a convivência, sempre
de ouvidos atentos, essa voz evoluiu.
Tornou-se estratégica.



A Cresol nasceu com uma personalidade. Antes mesmo de ter um nome, tinha um jeito de ser, simples, próximo e cheio de significado, características que a tornavam diferente do que existia na época. Era feita do aperto de mão, da confiança no vizinho que convidava o outro para participar, do pertencimento ao cooperativismo como ferramenta de transformação.

A personalidade ganhara forma com a criação da primeira marca. Mas era importante também ganhar voz e ampliar esse alcance. A Cresol precisava aprender a se comunicar com o mundo lá fora, a falar de si mesmo com orgulho e com perspectivas. Não que isso já não acontecesse. O boca a boca era a ferramenta extraoficial mais usada. E como funcionava!

Tanto que os primeiros comunicadores, pode-se dizer, foram os próprios colaboradores, associados, parceiros e agentes comunitários que propagavam as informações, explicavam, contavam as novidades, faziam a Cresol se tornar assunto nas rodas de conversa.

Mas chegou um tempo em que foi preciso falar mais alto, profissionalizar tudo isso. Para estar nos canais mais eficientes, para dar visibilidade às ações realizadas, para atrair a atenção das pessoas.

E começou de forma modesta. Os materiais impressos marcaram época. Os informativos traziam notícias, detalhes de planejamentos, linhas de crédito disponíveis e também mostravam os rostos daqueles que já estavam conquistando seus sonhos.

Depois, a Cresol foi para o rádio. Entrava diretamente na casa das pessoas e, assim, a mensagem da cooperativa já chegava a lugares mais distantes. Saíam de pequenas emissoras a

convocação para as assembleias, as análises de mercado, as entrevistas com os cooperados, os boletins úteis que popularizavam o nome e eram eficazes para dizer o que precisava ser dito.

Com a prática e a convivência, sempre de ouvidos atentos, essa voz evoluiu. Tornou-se estratégica. Passou a atuar em todos os níveis: local, regional, nacional. Acompanhou a expansão da Cresol para novos municípios, adaptando a linguagem, fortalecendo vínculos, conectando culturas. Esteve presente nas integrações, ajudando a traduzir valores.

Quando as mudanças chegavam, era ela quem preparava o terreno para a adaptação. A comunicação sempre foi o elo entre a Cresol e as pessoas.

E foi ela quem conduziu um dos momentos mais marcantes da história da cooperativa: a criação de uma nova marca. A identidade anterior carregava a força simbólica da origem, mas precisava acompanhar o crescimento. A comunicação, com diálogo e estratégia, fez essa transição com sensibilidade e respeito.

A comunicação passou a estar em tudo. Nas campanhas publicitárias que cruzavam estados. Nos encontros de formação, nas assembleias, nos eventos com cooperados. Surgiu em outdoors, apareceu nas telas da televisão, ganhou cores, formas e, sobretudo, propósito.

A partir da estruturação das equipes, com profissionais dedicados e planejamento estratégico, a comunicação passou a ser um dos pilares da cooperativa. Ela está integrada às estratégias, à governança, à expansão. Participa da construção de produtos, do lançamento de serviços digitais, da atuação social e

institucional. Está no digital e no presencial. No aplicativo e na conversa com o gerente. No vídeo institucional e na visita à propriedade.

E no coração da comunicação está o compromisso com a essência, para transformar dados em diálogo, números em narrativas, crescimento em pertencimento. Falar com o mundo lá fora, mas sem esquecer que toda conversa começa olhando nos olhos de quem está por perto.

Conto 22

De pais para filhos

— Se desse, até a conta a gente ia passando de pai pra filho, é como se fosse a sucessão nossa na cooperativa — riu dona Lúcia.



O aroma do café fresco se misturava ao cheiro do pão recém-saído do forno. O sol da manhã entrava pelas frestas da janela da cozinha, iluminando a mesa com toalha xadrez onde mãe e filho compartilhavam o café da manhã. No rádio, uma música tocava baixinho, enquanto o relógio na parede marcava 7h30.

Lá fora, a paisagem verde se estendia até o horizonte, onde as vacas pastavam tranquilas. Adiante, a lavoura crescia vibrante, fruto dos investimentos que puderam fazer ao longo dos anos. O novo trator vermelho reluzia ao lado do barracão, facilitando o trabalho que antes era feito com muito mais suor. A casa também havia mudado: reformas trouxeram um novo telhado, piso revestido e móveis modernos. O carro na garagem era outro sinal do esforço recompensado.

— Pensar que já começa mais um ano de estudos — suspirou dona Lúcia, mexendo o café distraidamente. — Sinto tua falta aqui em casa.

André sorriu, cortando um pedaço do pão.

— Ah, mãe, eu também fico com saudade. Mas vocês estão bem, não estão?

— Estamos, sim, filho. As coisas melhoraram. Conseguimos organizar nossa terrinha, as vacas de leite pra ter um dinheiro todo mês. Foi um caminho difícil. Quando teus irmãos nasceram, a gente vivia apertado, mas teu pai tomou uma decisão naquela época, entrou na Cresol e, graças a Deus, deu certo. Mudou tudo. Conseguimos ajudar eles e agora você já tá quase formado.

André tomou um gole do café, pensativo.

— Às vezes, só basta acreditar em um sonho e descobrir

quem quer sonhar junto com a gente, né? Como a senhora sempre diz.

— Nossa, é verdade! — Ela sorriu, passando a mão sobre a toalha. — E que horas você vai pra cidade?

— Fim do dia, mãe. Amanhã já tenho aula cedo e depois vou trabalhar.

— E teu pai já te deu o dinheiro pra completar a mensalidade?

André inclinou-se à frente.

— Você não tá sabendo, não? Agora eu tenho conta na Cresol, no meu nome!

Os olhos de dona Lúcia se arregalaram.

— Como assim, meu filho? Tá plantando terra e eu não sei?

— A Cresol cresceu, mãe. Não é mais só pro agricultor. Eles abriram o estatuto pra todos. Quem mora na cidade, quem estuda, quem tem empresa. Eu e o pai fomos lá esses dias, levamos documento, tudo que precisava. Agora eu sou sócio igual vocês.

Lúcia ainda parecia surpresa.

— Mas olha que coisa boa! Teu pai sempre dizia pro gerente dele que a Cresol precisava abrir o regulamento. Os teus irmãos morando na cidade também queriam fazer parte. E agora, com tantos serviços novos, não tem mais motivo pra não continuar com a Cresol. Se desse, até a conta a gente ia passando de pai pra filho, é como se fosse a sucessão nossa na cooperativa — riu dona Lúcia.

André achou engraçada, porém sábia, a comparação da mãe.

— Nunca tinha parado pra pensar dessa forma, mãe, mas a

senhora tá coberta de razão. A cooperativa cresceu mesmo. E espera que eu vou te mostrar uma coisa.

Ele se levantou, caminhou até o quarto e voltou segurando um pequeno cartão.

— Olha aí!

Dona Lúcia pegou o cartão nas mãos e o observou com orgulho.

— Que bom, meu filho! Hoje em dia é tanta modernidade. Agora você não vai mais precisar assaltar minha caixinha, não é?

Eles riram juntos.

— Mas você sabe que tudo o que a gente compra tem que pagar — advertiu a mãe. — Use com responsabilidade, como ensinamos pra vocês, porque o dinheiro é suado pra conseguir e facinho pra ir embora.

André pensou em sua formatura e no sonho de levar os pais para assistir ao grande dia.

— Essa lição vocês ensinaram bem, dona Lúcia. Não pode gastar mais do que ganha, não é? Mas agora que eu tenho a conta, a hora que a senhora quiser mandar um presentinho de uns mil reais, não vou reclamar, não — brincou o rapaz, provocando uma gostosa gargalhada na mãe.

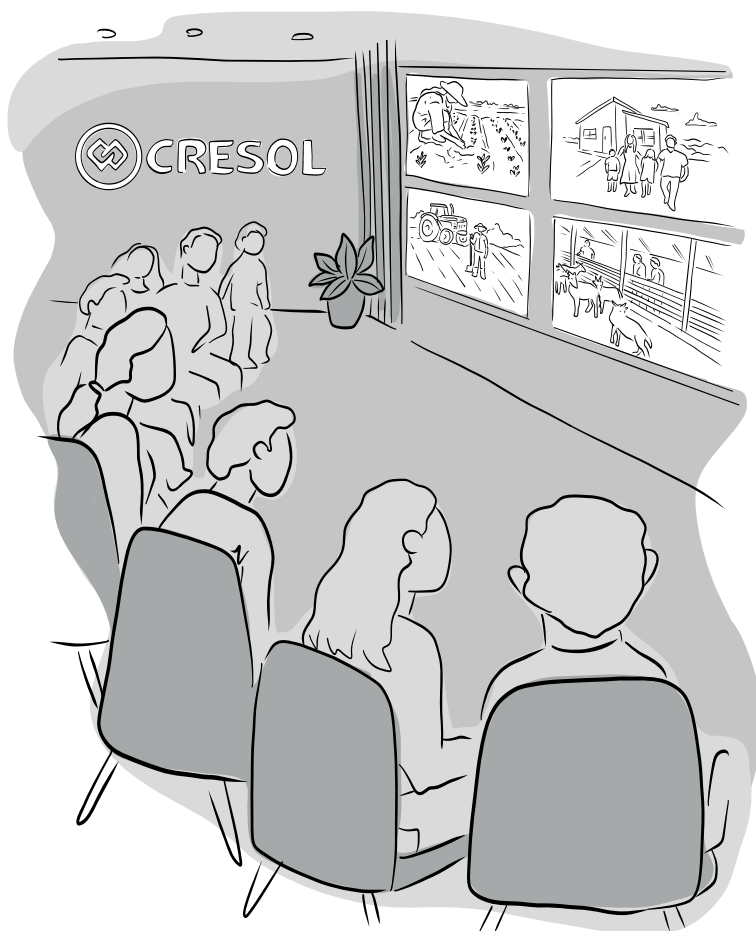
Dona Lúcia bagunçou os cabelos do filho:

— Vai sonhando, menino! Só se for pra deixar guardado lá e pensar no seu futuro!

Conto 23

Missão compartilhada

— Olhem essas imagens — direcionou Ivo. — Cada detalhe representa o impacto real do nosso trabalho. Não são apenas números, são vidas transformadas.



A sala de treinamentos da Cresol estava iluminada com uma luz acolhedora, que parecia convidar cada novo colaborador a se sentir em casa. O espaço era moderno, mas carregava traços de história: fotos e vídeos antigos compunham o ambiente como lembranças dos primeiros encontros da cooperativa, quando tudo ainda era pequeno e improvisado.

Aquela reunião era o primeiro contato dos novos funcionários com a história e com a estrutura de trabalho da Cresol. Eles conheceriam as áreas, os produtos e serviços, os diretores, as práticas do cooperativismo. O encontro daria toda uma base para que eles já iniciassem com uma cultura colaborativa.

Com o bate-papo acontecendo, as curiosidades começavam a surgir.

— Posso perguntar desde já? — questionou Beatriz, jovem recém-contratada no setor de crédito.

Ao receber um retorno positivo, completou:

— O que faz um colaborador da Cresol diferente em relação a qualquer outro banco ou empresa?

A pergunta pairou no ar e foi seguida de um sorriso de reconhecimento do diretor Ivo, que caminhava confortavelmente pelo auditório e se aproximou dela.

— Excelente pergunta — respondeu, com voz acolhedora. — Aqui, cada um de nós não trabalha apenas para a cooperativa. Trabalhamos para as pessoas que nos confiam suas histórias, seus sonhos. Nós fazemos parte da vida delas, estamos presentes em vários momentos importantes. Não é só quem está lá na agência, não. É todo mundo mesmo, porque nós também convivemos lá

fora com essas pessoas, elas são nossos vizinhos, nossos conhecidos, nossos parentes. E nós sabemos que podemos fazer diferença na vida delas.

Ivo tinha conquistado a atenção da plateia e continuou:

— Hoje, a Cresol emprega mais de 11 mil colaboradores. Todos têm a chance de crescer, de se desenvolver, de contribuir de maneira significativa porque fazem parte de algo maior. Oferecemos oportunidades de carreira, programas de capacitação, benefícios e um ambiente reconhecido como uma das melhores empresas para trabalhar não só no Brasil, mas na América Latina. E o mais importante: aqui, cada história é valorizada.

Marta, coordenadora de desenvolvimento de pessoas, complementou:

— E essas histórias não estão apenas nos relatórios. Estão nos rostos, nos projetos bem-sucedidos, nos agricultores que conseguem permanecer no campo com qualidade de vida, nos empreendedores que podem investir nos seus negócios, nas crianças e jovens que recebem um caminho diferente para seguir por meio dos nossos projetos. E estão nos colegas de vocês, que podem contar e dar muito mais exemplos do que é essa verdadeira filosofia de ser Cresol.

A jovem Laís estava na cooperativa há pouco mais de um mês e levantou a mão com entusiasmo:

— Então, o que de fato significa cooperar para o senhor?

— É difícil conseguir responder em pouco tempo — disse Ivo. — Cooperar é o que está além de seguir processos ou cumprir metas. É olhar para cada pessoa como parte de algo

maior. É sentir que o sucesso de um cooperado é também o nosso sucesso. É se colocar no lugar do outro, entender suas necessidades e ajudá-lo a prosperar.

Para ilustrar suas palavras, fotos antigas foram projetadas no telão. Cada imagem carregava consigo uma narrativa. Hortas pequenas, cultivadas com sacrifício e apoiadas pela cooperativa. Agricultores sorrindo ao lado de máquinas recém-adquiridas que significavam produtividade e dignidade. Mulheres reunidas em frente à cooperativa fundada e gerida por elas.

— Olhem essas imagens — direcionou Ivo. — Cada detalhe representa o impacto real do nosso trabalho. Não são apenas números, são vidas transformadas. Quando um colaborador da Cresol orienta um cooperado, ele não está só realizando uma tarefa. Está participando de uma história de superação, de desenvolvimento e de esperança.

Uma nova pergunta surgiu, dessa vez de Túlio, do setor de risco:

— E quanto à nossa própria experiência? Como podemos sentir que estamos crescendo aqui?

— A Cresol oferece treinamentos desde os primeiros dias, como vocês estão participando agora, até programas de liderança. Mas, mais que isso, cresce quem observa, aprende e compartilha. Muitos de nós começamos em cargos mais simples. Aliás, desempenhando várias funções ao mesmo tempo, e hoje ocupamos cargos de liderança, mas carregamos o compromisso com a essência do ouvir, compreender e agir em prol do coletivo.

A coordenadora os convidou para assistir a outras histórias que ilustravam o que o diretor dizia. No vídeo, apareceu um

colaborador que tinha 15 anos de casa. Ele gesticulava com entusiasmo:

— Eu comecei como estagiário e hoje gerencio uma equipe inteira. Cada desafio foi uma oportunidade de aprender e sentir que meu trabalho fazia diferença na vida de alguém. É isso que me mantém motivado todos os dias.

Outra colaboradora, há quase uma década na agência da cidade, disse sorrindo:

— E, para mim, o que mais conta são os feedbacks dos cooperados. Saber que apoiei uma mulher a abrir sua empresa, ver um jovem cuidando e investindo seu dinheiro para ter segurança no futuro, ouvir as pessoas falarem da Cresol com confiança, com orgulho de ela ser daqui. Isso não tem preço. É onde percebemos que o que fazemos é maior do que nós mesmos.

O auditório vibrava com os relatos e os aplausos ecoaram ao fim do vídeo. Ivo concluiu o encontro com uma reflexão poderosa:

— Lembrem-se sempre: cooperar é colocar o outro em primeiro lugar, mesmo enquanto buscamos nosso crescimento. O atendimento, a orientação, a decisão que tomamos deve carregar a responsabilidade de estarmos tratando dos sonhos do outro. É isso que faz da Cresol diferente. É isso que a torna uma empresa única, um lugar onde trabalhar é uma missão.

Os novos colaboradores perceberam que estavam entrando em um ambiente que gerava pertencimento. Cooperar, ali, não era uma palavra vazia; era uma prática viva, que se refletia nas ações do dia a dia e no compromisso de transformar vidas.

Conto 24

Continuidade e renovação

— O que mais desejamos é que vocês
possam fazer ainda melhor do que a
gente já fez.

— Obrigada por nos guiarem até aqui
— disse com reverência. —

Prometemos honrar cada passo dado
antes de nós.



O sol da manhã refletia nos vidros espelhados do novo edifício da Cresol, projetando a luz sobre a cidade. A placa, bem visível lá no topo, brilhava como testemunha dos muitos anos de trabalho e materialização de sonhos.

Dentro da sede administrativa, a energia era quase palpável. O som coordenado dos teclados, os diálogos amistosos, a troca de ideias nos corredores, tudo contribuía para um ritmo que pulsava no coração da cooperativa.

Na sala de reuniões, um grupo de jovens se reunia em torno de uma grande mesa. Eram participantes do programa criado para preparar a nova geração para o futuro do cooperativismo. Ali, entre anotações, telas e conversas, encontravam-se jovens que compartilhavam um objetivo comum: aprender a gerir, organizar e perpetuar o que fora construído ao longo de décadas.

Marília, neta de um dos primeiros associados da Cresol, estava em pé, no canto da sala. Ela tinha a naturalidade de quem crescera observando a cooperação acontecer em diferentes realidades e abraçara aquela origem. Cursava técnico em cooperativismo e, pela dedicação e paixão pelo tema, havia sido escolhida para apresentar o trabalho final do curso.

A moça tentava controlar a respiração e o nervosismo quando a porta se abriu. Dois homens de mais idade entraram. Evaristo e Joaquim, fundadores da Cresol, observavam cada rosto com atenção, reconhecendo nos jovens a continuidade do que haviam iniciado. Um silêncio respeitoso tomou a sala.

— Bom dia a todos — disse Evaristo, com a voz serena. — Ver essa sala cheia de juventude me devolve aos nossos primeiros dias. A gente não sabia o quanto podia durar aquela cooperativa que estávamos criando, mas hoje eu vejo que a gente foi mais longe do que poderia imaginar, porque temos vocês.

Joaquim assentiu e completou:

— É uma alegria recebê-los aqui. Vocês puderam aprender, durante os últimos meses, que o cooperativismo não é apenas um modelo de negócios, nem uma alternativa de crédito. Ele é uma responsabilidade contínua que está na governança, nos processos, nas oportunidades que encontramos para fortalecer a comunidade.

Marília se levantou ao convite dos diretores. Com um toque no painel interativo, projetou a linha do tempo da Cresol. Surgiram imagens de reuniões nos centros comunitários, o Fusca que levava a equipe para lá e para cá e muitas fotos de visitas aos cooperados. A jovem dava o contexto de cada imagem, como se tivesse vivido aqueles dias.

— Cresci ouvindo que a Cresol não era feita só de tijolos ou concreto — disse Marília, segurando a emoção —, mas de pessoas, valores e da coragem de acreditar no coletivo. Hoje, nossa responsabilidade é maior: precisamos aprender a formar novas lideranças, propor melhorias nas cooperativas e identificar possibilidades que mantenham vivo o propósito da Cresol, sempre com ética, transparência e foco na comunidade.

Evaristo se levantou e se colocou ao lado dela.

— Essa liderança, que é a nossa governança, não é burocracia. É estrutura que garante democracia, equilíbrio e continuidade. É ela que protege a cooperativa contra decisões impulsivas ou interesses individuais. Cada associado confia em nós não apenas para gerir recursos, mas para zelar pelo futuro da coletividade. Vocês, jovens, têm agora a responsabilidade de aperfeiçoar isso.

— A verdadeira sucessão é muito mais do que passar cargos — acrescentou Joaquim. — É transmitir um legado, cultivar valores e, ao mesmo tempo, ter coragem de transformar e inovar. É preparar a cooperativa para enfrentar desafios que nem mesmo

nós poderíamos imaginar.

Mariana passou a palavra para outros jovens do grupo, que detalharam projetos que desenvolveram durante o curso. Um falou sobre métodos de comunicação para engajar associados mais jovens; o segundo, sobre formas de digitalizar processos e melhorar a transparência. Uma terceira apresentou estratégias para fortalecer o comércio local. Cada apresentação era um reflexo da integração entre tradição e inovação, experiência e criatividade.

Evaristo destacou, ao final das apresentações:

— Vejo aqui algo que jamais sonhei em fazer sozinho. Vocês estão criando caminhos que nós apenas começamos a abrir. Mas cada decisão deve ser tomada com base naquilo que nos trouxe até aqui: ética, cooperação, determinação e muita simplicidade para que essa Cresol que vocês também estão ajudando fazer seja acessível.

Joaquim acrescentou:

— Para nós, formar jovens líderes é garantir que a cooperativa não apenas sobreviva, mas cresça de forma sustentável. E o que mais desejamos é que vocês possam fazer ainda melhor do que a gente já fez.

Marília voltou à frente, para finalizar aquele encontro.

— Obrigada por nos guiarem até aqui — disse com reverência. — Prometemos honrar cada passo dado antes de nós e, ao mesmo tempo, identificar e construir novas oportunidades. A sucessão não é apenas continuidade, mas também renovação.

O legado da Cresol estava seguro nas mãos de quem compreendia tanto os valores do passado quanto as demandas do presente. E assim, entre passado e futuro, tradição e inovação, a cooperativa se mostrava um organismo vivo, capaz de se renovar continuamente através da sucessão consciente de suas lideranças.

Conto 25

Valores
que ficam

Ao fechar o livro, Gustavo se sentiu pronto para fazer um pedido especial: — Vô, será que esta semana o senhor pode ir lá comigo? Quero abrir minha conta.



Na casa de seu Estevão, o dia começava lentamente aos domingos. O neto Gustavo ia passar o final de semana e gostava de ouvir o avô contar suas aventuras e feitos. Conversavam por horas sentados na varanda e depois iam para a cozinha, onde o papo seguia entre o mexer de panelas.

— Vê, agora podemos voltar naquela história da Cresol? — perguntou Gustavo. Não era a primeira nem a segunda vez que escutaria aquela narrativa, mas não se cansava de admirar o avô cultivando aquelas memórias e agora queria entender outros detalhes.

Seu Estevão sorriu, ajeitando os óculos no rosto.

— Ah, meu filho, acho que é hora de você ouvir de novo, mas de um jeito diferente. Não só a história, mas o que ela significa pra gente.

Sentaram-se à mesa. O almoço era farto: arroz, legumes e verduras da horta, a maionese caseira da avó e frango assado. O sabor era especial pela boa companhia.

— Quando a gente começou a Cresol — Estevão tratou logo de puxar o assunto —, era só um punhado de gente com coragem e uma ideia: ajudar o pessoal do interior a ter acesso a crédito sem depender de bancos que não entendiam a vida da gente.

— E hoje, vê, tudo mudou tanto, não é? — disse Gustavo, olhando para o celular na mesa. — Tem tecnologia, aplicativo, internet. O senhor não sente que algumas coisas se perderam?

Seu Estevão ponderou.

— Ah, meu rapaz, tecnologia é ferramenta. Não substitui o que é humano. A Cresol se atualizou, como vocês dizem, mas o essencial nunca muda, que é o jeito de cuidar das pessoas, de

olhar nos olhos, de chamar pelo nome. Isso é o que mantém a cooperativa viva.

Gustavo pensava no contraste entre o digital e o humano, no equilíbrio delicado que seu avô sempre buscara: inovar sem perder a essência.

— Quer dizer que o senhor acha que dá pra ter tecnologia e ainda manter aquele contato humano que todo mundo respeita?

— Eu tenho certeza — respondeu seu Estevão. — O celular, o aplicativo, a internet, tudo isso ajuda, e precisa ter, porque é a evolução. Mas nada substitui um aperto de mão, um papo com o gerente que a gente já conhece há anos. E até no celular tem que ter uma pessoa por trás desse atendimento. Esse é o valor real, Gustavo. É isso que tem que passar de geração em geração.

Gustavo já conhecia o contexto do início da Cresol, as estruturas emprestadas, as dificuldades, e queria entender o que se tirava de lição daquilo, os ensinamentos que atravessavam o tempo.

— A gente começou pequeno, mas com determinação — continuou seu Estevão. — E, pouco a pouco, mais gente foi chegando. Hoje, temos prédios grandes, salas confortáveis, ar-condicionado, o atendimento virtual. Mas ainda tem algo que permanece: o sorriso de quem trabalha lá, o cuidado com cada cooperado, o jeito de receber a todos como família.

O neto estava encantado com o jeito de falar do avô, percebendo o tanto de sentimento que aquelas palavras carregavam. Permaneceu em silêncio para que mais lições viessem.

— E é por isso que, quando passo por lá, sinto que cumpri

minha missão — acrescentou seu Estevão. — Não é só sobre construir uma estrutura grandiosa, tem que manter um espaço que acolhe, que ensina, que defende e mostra o bom caminho. A Cresol é como nossa casa.

Fazendo uma nova pausa, seu Estevão se levantou e buscou na prateleira do quarto um livro de capa cor laranja. Abriu na primeira página e o entregou ao neto.

— Aqui está a história da Cresol, as vozes de quem ajudou a construir isso tudo. Eu guardo os livros porque cada um completa uma parte do que foi — explicou.

Rodrigo folheou a obra, encontrando depoimentos que se conectavam com as palavras do avô:

“É emocionante passar na frente e ver a Cresol tão grande. Quem diria que aquela pequena sala um dia ficaria assim?”

“Cuidar da Cresol foi como dar asas a um filho e vê-lo voar.”

“Para mim, a Cresol é como uma segunda casa. É a nossa família.”

Ao fechar o livro, Gustavo se sentiu pronto para fazer um pedido especial:

— Vô, será que esta semana o senhor pode ir lá comigo? Quero abrir minha conta.

O avô riu, passando a mão pelo ombro do neto.

— Opa, mas já estava na hora! Eu até pensei que você ia querer abrir a conta pelo celular.

— Eu cheguei a pensar nisso também, vô. Mas o senhor fala com tanto gosto de estar presente na cooperativa que fiquei com vontade de ir lá também.

— Então é claro que vou com você. Antigamente, você precisava trabalhar na roça pra fazer parte. Hoje, basta querer estar nesse meio da cooperação. E você vai ver que tem muito mais coisas boas que nem deu tempo de contar.

Conto 26

Encontrando propósito

— Eu achava que não teria capacidade pra outro cargo — confessou Carla, anos depois. — E aqui me ensinaram que o cooperativismo também transforma quem está do lado de cá da mesa.



Sentado na sala de sua casa, Matias observava a filha brincar com um chaveiro da Cresol, girando-o entre os dedos miúdos. A luz do sol refletia no metal, criando pequenos feixes de brilho nos olhos curiosos da menina.

O encanto dela pelo pequeno objeto despertou nos pensamentos do pai uma das mais lindas memórias de sua vida. A Cresol, para ele, era um símbolo de transformação, de sonhos construídos, de vidas mudadas. E a sua própria história estava entre elas.

Antes de conhecer a cooperativa, Matias havia tomado uma das decisões mais difíceis de sua vida: deixar a carreira que havia escolhido. Foram anos de estudo e dedicação até perceber que não era aquilo que daria sentido à sua existência, mesmo seguindo os valores que aprendera. Ao sair de lá, sentia-se sem rumo, como se carregasse um chamado não atendido.

Foi então que um amigo lhe estendeu a mão:

— Matias, você quer fazer parte de algo grande? Algo que muda vidas? — perguntou, com entusiasmo sincero.

Ele hesitou. Sabia pouco sobre cooperativismo, mas a pergunta acendeu seu coração. Aceitou o convite para trabalhar na Cresol. No começo, desempenhou tarefas simples; logo passou a visitar famílias, ouvir histórias, frequentar a comunidade. Os encontros mostravam que a cooperativa era mais do que uma instituição financeira: era uma ponte entre o presente e o futuro.

Foi em uma manhã fria que Matias conheceu dona Sueli. Ela recebeu a equipe da Cresol com um sorriso largo e uma energia que transbordava da pequena propriedade. Orgulhosa, mostrou a ordenha mecânica novinha em folha.

— Aqui, senhores, é onde a minha vida mudou — disse.

Antes do financiamento, dona Sueli ordenhava as vacas com as próprias mãos duas vezes ao dia. Um esforço que deixava marcas em seus braços, como cicatrizes silenciosas de décadas de trabalho pesado.

— Sabe o que é acordar às quatro da manhã, no inverno, e sentir as mãos congelarem no balde de alumínio? — perguntou, segurando a emoção. — Agora, com esse equipamento, eu consigo descansar um pouco mais, cuidar da saúde e ainda produzir mais.

Matias permanecia em silêncio, entendendo as novas ferramentas que poderia utilizar para cumprir seu propósito. Para dona Sueli, a ordenhadeira significava dignidade, mãos livres das rachaduras e dores de antes e muitos anos de prosperidade para a família.

Alguns meses depois, em outra comunidade, Matias conheceu Dário, dono de um pequeno armazém à beira da estrada. O comércio estava quase fechando, sufocado pela concorrência das grandes redes.

Sentados entre prateleiras cheias de produtos regionais, Dário relatou:

— Eu pensei em desistir, seu Matias. Tava tudo vazio, não tinha mais como dar o giro e eu precisava pensar em alguma coisa diferente pra atender o pessoal. Quando meu gerente da Cresol falou de umas linhas que tinha pra negócios de turismo, parecia que alguém tinha aberto uma janela.

Com o financiamento por meio da parceria com o Fungetur, Dário reformou o espaço, ampliou o estoque, comprou um

computador e passou a gerir tudo em um sistema básico.

— Olha só como ficou — disse ele, mostrando o armazém sortido, iluminado, com movimento constante. — O povo voltou a comprar aqui. E esse lugar ainda ajuda a comunidade, eu revendo muitos produtos feitos aqui.

No olhar de Dário havia mais que alívio, havia orgulho de manter viva uma tradição de artes, sabores e saberes.

E havia também a juventude. Vitor, um rapaz de 23 anos, sonhava em iniciar uma criação de abelhas. Tinha o conhecimento, mas não os recursos. E foi através de outro parceiro que a Cresol entendeu como ajudá-lo. Por meio de uma linha da Finep, Vitor conseguiu equipamentos mais novos, depois participou de treinamento e teve acesso a mercados diferenciados.

Na visita à propriedade, Matias se encantou com a empolgação do jovem. Vitor mostrava cada caixa de abelha como quem apresentava uma joia.

— Aqui não é só mel, Matias. Estamos desenvolvendo um modelo que mais gente da comunidade possa fazer. Eles vão ver que é possível inovar sem sair da terra.

A experiência daquele jovem demonstrava que o cooperativismo também abria portas para o novo, para a ciência e para a inovação rural.

Mas as transformações não aconteciam apenas entre os cooperados. Dentro da própria cooperativa, Matias notava que as pessoas buscavam sentido naquilo que faziam, tinham motivação, compartilhavam os valores com a Cresol.

Carla começara no atendimento, ajudando com cadastros. Os

colegas a incentivavam a estudar, a acreditar em si e a construir sua carreira com as oportunidades que a cooperativa oferecia.

— Eu achava que não teria capacidade pra outro cargo — confessou Carla, anos depois. — E aqui me ensinaram que o cooperativismo também transforma quem está do lado de cá da mesa. Que a gente ajuda quem está lá fora a crescer, mas aqui dentro a gente pode crescer também, a gente pode chegar aonde nunca imaginou. Obrigada por acreditarem em mim!

Em alguns anos, aquela jovem mulher se tornara gerente de agência. Sua trajetória passava a inspirar jovens a escreverem seus próprios caminhos, tendo a cooperativa como uma escola de vida para os colaboradores.

Matias guardava as vivências de dona Sueli, Dário, Vitor e Carla e as contava sempre com a intenção de despertar o melhor nas pessoas. Naquele momento, olhando a filha brincar, ele renovava a fé nas ações concretas e sentia realizar seu propósito.

Conto 27

Cooperação que conecta

— A Cresol se transformou numa
rede de cooperação que conecta o
Brasil inteiro.



O auditório da Cresol estava lotado. A cena se repetia nas agências, cooperativas, centrais e Confederação naquele momento celebrativo dos 30 anos. Na decoração, os painéis traziam frases que davam o tom: “Tudo começa por você”, “Toda conquista tem um começo, e todo começo tem Cresol”.

Na plateia, os convidados relembavam como haviam conhecido a cooperativa, falavam das conquistas alcançadas com o apoio da instituição, reviam amizades nascidas daquela conexão. Além da comemoração das três décadas, cada um tinha seus motivos pessoais para celebrar.

No palco, após a abertura oficial, as cadeiras foram ocupadas por representantes de diferentes regiões do país. O público se ajeitou, ansioso para ouvir histórias de quem vivia o cooperativismo no dia a dia e contribuía para a Cresol estar em todo o Brasil.

O apresentador anunciou:

— Quero convidar para o palco o senhor Danilo Batista. Uma salva de palmas para ele. Danilo foi um dos fundadores da Cresol no Paraná, era um jovem assentado, iniciando a sua família e que decidiu tomar uma atitude que mudaria sua vida.

— Boa noite, pessoal! Muito obrigado pelo convite. Eu já me emociono só de estar aqui hoje — confessou, com a voz embargada. — Começamos pequenos, com medo de perder o pouco que tínhamos. Naquele tempo, aqui no Sul, o crédito era coisa de banco grande, distante do agricultor. Então nos juntamos. A Cresol nasceu da teimosia da agricultura familiar em não se render. E olha aonde chegamos.

O público aplaudiu com entusiasmo. O apresentador convidou a próxima participante a dividir sua experiência com a Cresol.

— Lá em Rondônia, sempre disseram que era impossível — revelou Jacira Fernandes, microempreendedora que estava representando os cooperados da região Norte. — As distâncias, a falta de conhecimento sobre como funcionava, a desconfiança de ser uma coisa vinda de fora, tudo era desculpa pra dizer que cooperativa não ia dar certo lá. E diziam que eu não devia confiar, não devia fazer negócio com a Cresol. Mas com a paciência do pessoal da agência, muitas visitas, o povo foi se acostumando com a ideia. Logo começaram também os projetos, que aí mudou o jeito como a cooperativa era vista pela comunidade.

Do Nordeste, quem representava era Flávia Dias, superintendente de uma instituição financeira da qual a Cresol era agente de crédito:

— A cooperativa não chegou apenas com dinheiro. Chegou com dignidade para as pessoas, facilitando o acesso ao crédito. A gente percebe a importância disso olhando para as famílias, como elas conseguiram avançar e como se sentem honradas com a confiança dessa parceria.

Foi então a vez de Antônio Proença, produtor rural no Mato Grosso. Sua fala tinha o efeito de quem lida com grandes desafios.

— O Centro-Oeste é conhecido pelo agronegócio gigante, mas também tem família pequena, agricultor que precisa de apoio. E o que serve pra gente lá, precisa ser diferente pro cara do Goiás. Mas a Cresol mostrou que o cooperativismo entende essas particularidades e se preocupa em fazer tudo funcionar pra cada um. Nós competimos com gigantes, mas temos algo que, muitas vezes, falta pra eles, que é esse olhar de coletividade.

Por fim, o apresentador convidou Henrique Gusmão, um

jovem conselheiro da cooperativa em Minas Gerais.

— Vocês podem até achar que no Sudeste tem bancos demais. Mas esses bancos às vezes nem olham para os pequenos, seja do agro ou pequenos empreendedores mesmo. E a Cresol abriu espaço para que o agricultor de café, o pequeno comerciante, o jovem empreendedor pudesse sonhar. E também veio a oportunidade de estar dentro da cooperativa, de colaborar diretamente com essa construção. Eu só aceitei porque também ia poder me preparar, fazer treinamentos que me ajudariam nessa missão.

Todos os convidados foram muito aplaudidos. A força das suas palavras reverberava no espírito daqueles que assistiam. No encerramento da cerimônia, o apresentador destacou a amplitude da Cresol:

— A Cresol se transformou numa rede de cooperação que conecta o Brasil inteiro. Hoje, temos as nossas mil agências em 19 estados, mas atendemos pessoas de todos eles, o que também representa a nossa capacidade de ir, de verdade, até onde o cooperado precisa. Porque evoluímos, nos adaptamos, vamos atrás da tecnologia, da melhor solução e temos por certeza que essa rede não conecta só números, e sim propósitos.

Conto 28

A força de ser
quem somos

— Mas e os que chegam agora, com olhos apressados, focados em planilhas e processos? Eles compartilham isso?

— Muitos, sim. Outros esquecem, e cabe a nós, que chegamos antes, lembrá-los, transmitir isso a eles.



A noite caía sobre a cidade como um manto silencioso, tingindo o céu de um escuro profundo. Entre os postes que acendiam lentamente, o edifício da Cresol permanecia iluminado.

— Hey, você pode me ouvir? — perguntou o homem, com uma voz profunda, mas suave. — Há quanto tempo você guarda memórias de vidas inteiras entre suas paredes?

A agência, moderna, ampla, ainda assim ecoava algo mais antigo.

— Há décadas — respondeu, não com palavras, mas com a energia que emanava de sua estrutura —, tenho visto mãos se entrelaçarem com esperanças. Vi agricultores chegarem receosos e saírem confiantes. Vi famílias reconstruírem seus dias, pequenos empreendedores ganharem coragem e, aos poucos, a cidade inteira ser tocada pela cooperação.

— E como você não se deixou levar por toda essa evolução? — insistiu o homem. — Se até você está diferente, já passou por tantas transformações.

Sim, havia progresso: sistemas tecnológicos, aplicativos, números em telas brilhantes. Mas o que importava não eram os gráficos, eram as histórias que se entrelaçavam com seus corredores, salas e balcões.

— Enquanto houver gente que compartilha uma missão — falou a agência —, enquanto cada agricultor sentir orgulho do que produz, cada mulher que inicia um negócio perceber que não está sozinha, cada jovem encontrar um caminho através da orientação que aqui recebeu, a essência permanece.

O homem que conversava com a agência deixou mais clara sua preocupação:

— Mas e os que chegam agora, com olhos apressados, focados em planilhas e processos? Eles compartilham isso?

— Muitos, sim. Outros esquecem — respondeu a agência —, e cabe a nós, que chegamos antes, lembrá-los, transmitir isso a eles. Por isso, é importante registrar, guardar as memórias e contá-las.

— Acho que começo a te entender. A memória precisa ser cultivada. Ela é o nosso legado e, ao mesmo tempo, nos ensina.

— Essa é uma boa reflexão — disse a agência. — Não somos apenas edifícios, números ou relatórios. Somos ecos dessa missão maior. Cada história registrada é um sopro de continuidade. Cada sorriso de um associado é testemunha de nossa razão de existir.

Após uma pausa, a agência soou com clareza na mente do homem:

— Lembre-se de que, enquanto houver mãos para trabalhar, olhos para observar, ouvidos para escutar e corações para acreditar, a essência permanece. Mas se algum dia os gestos forem substituídos apenas por processos e metas, então todo o passado terá sido em vão.

— Não vamos deixar que isso aconteça — afirmou o homem. — Toda pessoa que cruzar estas portas terá a sua história valorizada. Ficaremos atentos pra que a pressa ou a rotina não substituam a alma da cooperativa.

Ao final da conversa, a visão da agência transmitia conforto e serenidade. Tudo o que estava dentro dela seria preservado. E enquanto houvesse alguém para lembrar, a essência jamais se perderia.

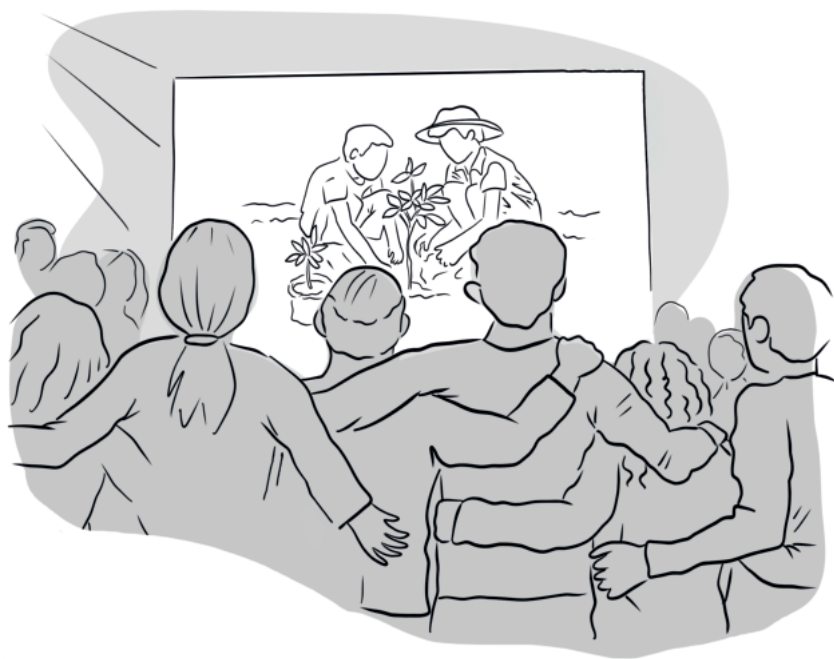
No raiar do dia, o homem despertou com a tranquilidade e a

disposição que só uma boa noite de sono proporcionava. Era como se todas as dúvidas que o preocupavam nas últimas semanas tivessem se dissipado. Tinha uma certeza no coração: quanto mais compartilhada a riqueza da história, mais promissor seria o futuro da cooperativa.

Conto 29

Tudo começa
por você

— Mas então esse título vale pra vida também. Porque, se a gente não fizer a nossa parte, nada muda.



A missão daquela semana seria diferente na agência: os gerentes poderiam entregar aos cooperados um exemplar do recém-lançado livro sobre os 30 anos da Cresol. Muitas pessoas se veriam naquelas páginas, e as histórias lá escritas trariam de volta à lembrança acontecimentos de suas próprias trajetórias.

Rita iniciou o dia de trabalho separando algumas unidades, deixando-as bem arrumadas em cima de sua mesa. Ela já havia contribuído com muitos momentos que estavam registrados em vídeos e reportagens. Gostava de ver seus cooperados contando sobre sua relação com a Cresol e sempre indicava boas fontes para as produções.

No primeiro atendimento, recebeu César, que havia sido personagem em um vídeo comemorativo da parceria com o BNDES. Com sua simpatia característica, Rita ofereceu-lhe um café e entregou-lhe um livro.

César começou a folheá-lo. Demorava-se mais em algumas páginas, querendo ler o capítulo inteiro.

— Quanta coisa boa tem aqui nesse livro, Rita! Vai ser meu companheiro na hora do almoço, vou ler um pouco todo dia, porque já vi coisa que me interessa, lembro bem de algumas histórias.

— Que bom que o senhor gostou, seu César. Foi um desafio juntar 30 anos nessas páginas.

— Pois é, lá no começo, se fizesse uma página pra cada fundador, não ia dar nem 30 — brincou o cooperado. — Quando eu abri minha conta, acho que faz uns 15 anos, já estava diferente, mas se ninguém tivesse dado o primeiro passo, aí é que a história ia ser curta mesmo.

Rita abriu em seu computador um gráfico que mostrava a evolução do quadro social da Cresol. Ao olhar para os números, ela mesma se surpreendeu.

— Veja só, seu César, se o senhor abriu a conta em 2010, a Cresol tinha pouco mais de 143 mil cooperados. E agora, 15 anos depois, já tem um milhão!

César levantou as sobrancelhas, surpreso.

— Um milhão? Eu não tinha parado pra pensar o quanto esse número é grande. Todo começo de ano vocês falam nas assembleias o quanto cresceu e, de uns sete anos pra cá, é sempre na casa dos 30 por cento.

Rita gostava de conversar com o cooperado que se informava, que estava nas assembleias, que valorizava a sua própria participação na cooperativa. Quanto mais eles entendessem do cooperativismo e do negócio, mais compartilhariam dos princípios e dos benefícios desse movimento.

— É, seu César, isso mostra que o cooperativismo vem fazendo sentido pra muita gente. Em alguns lugares, ainda pode parecer uma ideia tímida, mas a Cresol já tem o jeito de fazer ela se desenvolver.

— E eu sei bem disso. Quando eu entrei, a cooperativa me ajudou a comprar equipamento novo. Se eu tivesse esperado o banco, até hoje tava esperando. E agora vejo esse tanto de gente cooperando junto, fico pensando: o que será que move tudo isso?

Rita pediu licença para mostrar uma página que considerava especial. Folheou até chegar ao conto “Tudo começa por você”.

— Esse título aqui diz muito, seu César. Cada um que chega

aqui e acredita um pouquinho mais faz a Cresol crescer. É o cooperado que decide investir, é o colaborador que mantém a estrutura do negócio, é o grupo que confia. É assim que a gente multiplica, quando as pessoas tomam iniciativa.

— Mas então esse título vale pra vida também — disse César, com aquela frase reverberando em seu pensamento. — Porque, se a gente não fizer a nossa parte, nada muda.

Fechando o livro com cuidado, César agradeceu pela conversa, que naquele dia havia rendido para sua vida assim como o bom investimento que ele havia ido conferir na cooperativa.

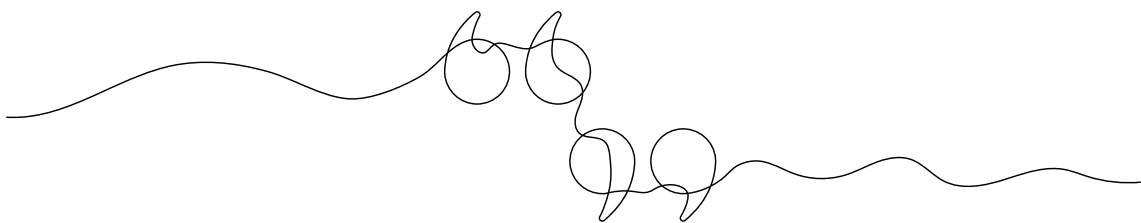
— E eu vou ler cada capítulo e depois vou emprestar pra todo mundo que eu puder, pra eles verem que o futuro é feito por quem age.

Rita sorriu.

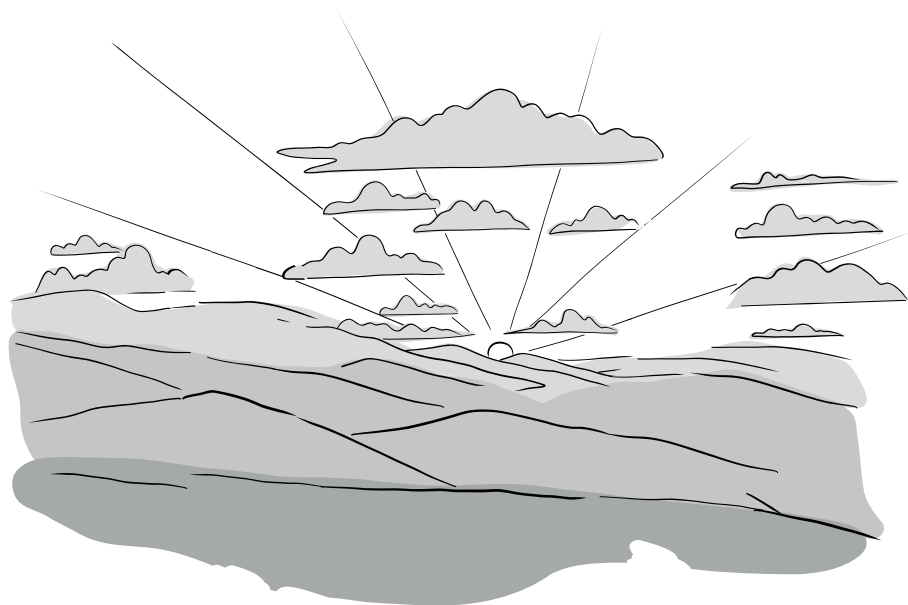
— Faça isso, seu César. A gente quer que mais gente se reconheça nessas histórias e que novas surjam, porque cada nova página da Cresol continua sendo escrita todos os dias.

Conto 30

Perguntas para o futuro



— A pergunta deveria ser outra,
minha cara. O que você espera
de mim?



No alto da cidade, contemplando a vista como se fosse um quadro vivo pintado pela natureza, duas figuras estavam sentadas lado a lado. O Futuro tinha os olhos brilhantes que carregavam expectativas. A Cresol tinha a expressão saudosa, mas também repleta de sonhos que insistiam em não envelhecer.

— Trinta anos... — disse o Futuro, com um suspiro. — Parece que foi ontem que pequenos agricultores se reuniram, tendo nas mãos a coragem e a persistência.

A Cresol sorriu, e seu sorriso era, ao mesmo tempo, lembrança e reconhecimento.

— Eles tinham muita vontade, mas poucos recursos. Nenhum banco acreditava neles. A necessidade os uniu, e foi assim que nascemos: em salas emprestadas, em escritórios improvisados, em pessoas dando tudo o que tinham, fosse a sua palavra ou mesmo o seu tempo.

O Futuro apoiou o queixo na mão, refletindo.

— Eu vi quando os primeiros financiamentos chegaram. Pequenos empréstimos, quase invisíveis aos olhos dos grandes, mas gigantes para quem recebia. Galpões erguidos, vacas-leiteiras compradas, hortas e pomares florescendo em terras antes vazias.

— Sim! E os primeiros funcionários? Eram agricultores como os outros, homens e mulheres que só conheciam o trabalho com a enxada, mas que, de repente, tiveram que aprender a gerir uma cooperativa de crédito. Não tinham experiência no mundo bancário, mas tinham propósito. E propósito é o que sustenta o impossível. Nossa missão nunca foi apenas financeira; foi, e continuará sendo, profundamente humana.

O Futuro olhou para a paisagem, onde o campo se confundia com a cidade.

— E veja onde está agora. De uma pequena cooperativa, tornou-se uma das maiores do Brasil. O capital cresceu, a estrutura se multiplicou, os serviços se modernizaram. Mas sua alma continua onde tudo começou, com os pés firmes no chão e uma determinação gigante no peito.

A Cresol respirou fundo.

— Pois é, eu já vivi muita coisa. Às vezes, parece muito tempo, mas ainda sinto como se pudesse fazer mais. Será que vou desbravar novos caminhos? Você, Futuro, o que espera de mim?

O Futuro riu provocador.

— A pergunta deveria ser outra, minha cara. O que você espera de mim?

A Cresol se calou por alguns segundos. A brisa soprava, balançando as árvores ao redor, como se a natureza também aguardasse a resposta. Então, com firmeza, ela falou:

— Espero que me permita estar em todos os lugares do Brasil, porque assim estarei com as pessoas. Onde houver um agricultor, uma costureira, um pedreiro, um professor, um empresário, uma juventude cheia de esperança, lá desejo estar. Quero os meus produtos cada vez mais eficientes e acessíveis, pra ajudar mais pessoas a crescer. Quero formar profissionais que sejam sementes de transformação em suas comunidades, quero contribuir com o desenvolvimento local e regional.

O Futuro arqueou as sobrancelhas.

— Uau! Você tem muitos anseios e ainda pensa no coletivo. Isso é bonito. Mas o amanhã será exigente. Estar em todos os

lugares não é apenas abrir agências. É compreender culturas distintas, realidades contrastantes, desafios que mudam conforme a paisagem. Você está preparada?

A Cresol não hesitou.

— Estou, estou preparada para me adaptar. Quem nasce da necessidade que é de muitos aprende que a resposta não vem pronta, ela é construída em conjunto. Onde estivermos, ouviremos as pessoas, respeitaremos os territórios, daremos atenção ao que cada comunidade precisa. Esse também é um ensinamento do cooperativismo: não impor, mas construir.

O Futuro mirou-a como quem queria extrair mais da resposta.

— Isso é muito importante, mas você sabe que o mundo não espera. A cada dia surge algo novo: inteligência artificial, moedas digitais. Coisas que nem eu mesmo consigo prever. Como manter proximidade em meio a essa dinâmica?

A Cresol não se mostrou abalada com a indagação.

— Já demos passos importantes. Criamos aplicativos que colocam as soluções na palma da mão. Desenvolvemos sistemas próprios, moldados à nossa realidade e à de nossos cooperados. Mas não quero ser apenas máquina: quero ser presença. Quero que, mesmo na tela de um celular, o associado sinta que há alguém ali por ele, disposto a ouvir, a entender, a cooperar.

O Futuro ficou satisfeito com a resposta, mas logo lançou outro desafio:

— E os jovens? Eles sonham diferente. Não se contentam com promessas; querem propósito, velocidade, impacto positivo. Se não os conquistar, pode perder sua força.

A Cresol voltou o olhar para o horizonte e respondeu:

— Neles deposito grande esperança. Vamos formar líderes, abrir espaço para a juventude ocupar posições de decisão. Quero que jovens empreendedores encontrem aqui apoio para seus sonhos, que percebam que cooperar não é passado, é futuro. Quero que entendam que não sou apenas uma instituição financeira, mas uma parceira de vida. E também quero ajudá-los a permanecer no campo. Muitos jovens deixam a terra porque não encontram condições para construir seu futuro ali. Mas, com crédito, capacitação e apoio, podemos garantir sucessão rural, podemos manter viva a agricultura familiar.

O Futuro, pensativo, tinha mais por questionar.

— E já que você está me contando o que planeja, me fale também como vai trabalhar com as mulheres.

A Cresol fechou os olhos por um instante, como quem evoca imagens de luta e conquista.

— Elas sempre estiveram na base. Foram elas que organizaram famílias, que sustentaram comunidades, que incentivaram maridos e filhos a se associarem. Quero que tenham cada vez mais voz e protagonismo. Quero vê-las gerindo agências, presidindo cooperativas, tomando decisões estratégicas.

O Futuro percebeu que a Cresol trazia um legado e, com ele, construía os caminhos que desejava seguir.

— Você me falou de coragem e de sonhos, Cresol. Mas e agora? O que ainda deseja plantar neste chão vasto que é o Brasil?

— Quero que a cooperação floresça onde houver terra, trabalho e esperança.

— Bonito isso, Cresol. — o Futuro replicou. — Mas há algo

que me inquieta. O mundo enfrenta crises, há mudanças climáticas, desigualdade, escassez de recursos naturais. Onde você se vê dentro desse turbilhão?

A Cresol refletiu e depois falou com a serenidade de quem já atravessou muitas tempestades:

— Minha missão é ser parte da solução. Quero apoiar a produção agrícola sustentável, estimular tecnologias limpas, dar crédito para quem está começando a sua empresa e para quem já está ampliando. Muitos começos são desafiadores, e eu quero ser o apoio para a empreendedora, para o autônomo, para a família que quer ver o filho formado, para o sonho de comprar o primeiro carro. E isso eu sei que posso fazer não apenas com minhas soluções financeiras, mas com minhas soluções humanas. Eu me vejo assim, ao lado de todas as pessoas que lutam para realizar os seus planos e, junto com isso, melhorar o lugar onde vivem.

O Futuro, tocado por aquela resposta, aquietou-se por alguns minutos, para absorver a profundidade daquelas palavras. Depois, voltou-se novamente para a amiga.

— Você já fez uma grande caminhada, minha querida Cresol. Mas ainda há tanto por vir. Quer mesmo que eu a conduza por todos esses horizontes?

A Cresol fitou a cidade como quem enxerga mais do que os olhos permitem.

— Quero, sim. Mas não sozinha. Preciso dos meus associados, dos meus dirigentes, colaboradores, homens e mulheres que acreditam na cooperação. Só assim escreveremos juntos os próximos capítulos.

— Não é pouco o que você pede.

— Eu sei — respondeu a Cresol, segura. — Mas também não era pouco quando pequenos agricultores decidiram que poderiam fundar sua própria cooperativa. E eles conseguiram. Por que não sonhar ainda mais grande?

— Bom, você está entre as maiores cooperativas de crédito do Brasil, isso já é algo grande. O mundo a vê como referência. Isso não te traz um certo desconforto?

— É uma grande responsabilidade, sim. Mas não me intimida. A minha grandeza não pode ser medida apenas pelo capital, mas pela fidelidade à missão que me trouxe até aqui.

O Futuro abriu os braços, num gesto de acolhimento:

— Eu compreendi o que você espera de mim e prometo estar ao seu lado. Levarei suas sementes aos quatro cantos, abrirei caminhos, desvendarei horizontes. Mas preciso que você nunca esqueça quem é.

— Não esquecerei — afirmou a Cresol, convicta. — A minha alma é simples e a minha essência é forte. Eu estou pronta, Futuro.

Linha do tempo

1988

Criação do Fundo de Crédito Rotativo.

1989

Primeiros recursos liberados pelo FCR.

1994

Informativo do Fundo de Crédito Rotativo traz reflexões sobre as organizações de pequenos agricultores e a busca de conhecimento sobre o modelo de cooperativas de crédito.

FUNDO DE CRÉDITO ROTATIVO

Informativo Interno
Ano I
Abril de 94
Nº 03

NESTE Nº



AValiação DO FUNDO DE CRÉDITO ROTATIVO

GRUPOS QUE DEVOLVERAM AO FCR EM ABRIL DE 1994

GRITO DA TERRA BRASIL

MILHO: EVOLUÇÃO DO PREÇO MÍNIMO E DO MERCADO DE JANEIRO A ABRIL DE 1994

ALERTA: NOTAS E LEGADO

Avaliar o que estamos fazendo para melhorar o que queremos fazer

Esta frase resume o que buscamos com o Processo de Discussão e o Encontro de julho. Muitas avaliações já foram realizadas nestes seis anos de experiência do Fundo de Crédito Rotativo, porém, esta tem uma importância fundamental, pois através dela, estaremos orientando o futuro dessa experiência que iniciamos em 1989.

Nos Informativos de fevereiro/março (nº 02), abril (nº 03) e maio (nº 04), estão sendo colocadas algumas questões para serem discutidas e respondidas por todas as famílias e todos os grupos que receberam financiamento do Fundo de Crédito Rotativo. Estas perguntas podem ser respondidas inicialmente pela família e em seguida, na reunião do grupo. Não é necessário que os companheiros devolvam as respostas para as Entidades do Fundo de Crédito Rotativo e sim anotar todas as contribuições em um caderno ou folha para que os coordenadores do grupo tragam para o encontro que estamos realizando em todos os municípios no mês de junho.

Neste Informativo estamos colocando a Relação do FCR com 4 aspectos importantes: As Organizações dos Pequenos Agricultores; A Produção e a Tecnologia; a Formação e a Capacitação Técnica e com a Assistência Técnica.

Em cada um dos pontos acima procuramos colocar a experiência que tivemos, as preocupações colocadas no momento e algumas perguntas para pensar, conversar e propor.

GRUPOS QUE DEVOLVERAM EM ABRIL DE 1994

MUNICÍPIOS	GRUPO/ASSOCIAÇÃO	QUANT. SACAS
F. Beltrão	Famílias Unidas	44,63
F. Beltrão	Nesi - Knetesik	30,24
Nova Prata	Ass. Agric. Alternativa	54,34
Nova Prata	Pagani	23,10
Salto Lontra	Nova Fase	64,58
S. Filho	São Roque	30,00
Veré	Solidariedade	30,00
Veré	Aprove	29,49
Pranchita	Agric. Alternativa	14,62
São João	Ass. 16 de Novembro	223,00
Lindoeste	COPRAC	327,00
Querência N.	COPACO	235,56
TOTAL	12	1.147,36

Na tabela ao lado vemos que 12 grupos e Associações devolveram ao FCR no mês de abril deste ano. O total das devoluções recebidas neste mês é de 1.147,36 sacas de milho.

O Conselho de Entidades reconhece o esforço dos companheiros que estão devolvendo as suas parcelas e está estudando a possibilidade de fazer uma premiação no final do ano.

O sorteio seria entre os grupos que devolveram no decorrer de 1994.

No momento estão sendo analisados os seguintes projetos para financiamento: "Bovinicultura de Leite" da COPAVI no Norte do Paraná; "Unidade Artesanal de Açúcar Mascavo" da Associação São Paulo de Planalto e o Projeto de Apoio Técnico da CAPAF. Estes projetos estão em fase de análise, quando forem aprovados, comunicaremos através deste Informativo.

1995

Autorização do Banco Central para a constituição da Cresol Dois Vizinhos, no dia 24 de junho de 1995.

Nos meses seguintes, também foram constituídas as cooperativas de Marmeleiro, Capanema, Laranjeiras do Sul e Pinhão.

Constituição da Cresol Dois Vizinhos.



1996

Inauguração da primeira unidade da Cresol, em Dois Vizinhos¹, dia 10/01/96.

No mesmo ano, foram inauguradas as cooperativas em Marmeleiro², dia 05/02; em Laranjeiras do Sul³, dia 04/03; em Pinhão⁴, dia 29/03; e em Capanema⁵, dia 22/05.



Criação da primeira base de serviços para apoio às cooperativas, em Francisco Beltrão (PR).

710 contratos de Pronaf Custeio realizados em convênio com o Banco do Brasil.



1997

Assinatura do primeiro convênio com o Banco Regional de Desenvolvimento (BRDE), para acesso a recursos do Pronaf Investimento.





Inauguração da Cresol em Constantina.

1998

Fundação das primeiras cooperativas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.



Fundação da Cresol em Erechim.

1º Planejamento Estratégico Participativo.



1999

Assinatura do primeiro convênio com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para acesso a recursos do Pronaf Investimento e Microcréditos.



2000

Criação do Programa dos Agentes Comunitários de Desenvolvimento e Crédito da Cresol.



Mudança de estrutura da
1ª Base de Serviços
Cresol para Central
Cresol Baser.

2001

Celebração dos 5 anos da abertura das primeiras cooperativas. Mais tarde, a comemoração passou a fazer referência ao ano da constituição.



2002

Convênios com a Secretaria de Agricultura Familiar, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, para fortalecimento da área de formação da Crescol.





2003

Inauguração da sede própria da Central Cresol Baser, em Francisco Beltrão (PR).



2004

A Cresol se torna agente financeiro do BNDES.

Constituição da Cresol Central Brasil, em Chapecó (SC).

Início do Programa de Habitação Rural Solidária da Cresol (Habitasol), com objetivo de levar moradia digna para trabalhadores rurais e agricultores familiares.





2005

Comemoração dos 10 anos da Cresol.



Constituição do Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário (Infocos).



Lançamento do primeiro talonário próprio de cheques da Cresol.



2006

Lançamento do cartão de crédito da Cresol.



2007

1ª operação de Pronaf Custeio via BNDES.

Constituição da CresolTec: Cooperativa de Tecnologia da Cresol, responsável pelo desenvolvimento inicial do software de gestão da cooperativa, o Colmeia.



2008

Constituição da Confederação das Cooperativas Centrais de Crédito Rural com Interação Solidária (Confesol).

Constituição da Cresol Corretora de Seguros.

2009

Cooperativa Escola. Programa de formação desenvolvido pelo Infocos para colaboradores e diretores das cooperativas Cresol.





2010

15 anos da Cresol com Encontro do Cooperativismo Solidário e da Agricultura Familiar.

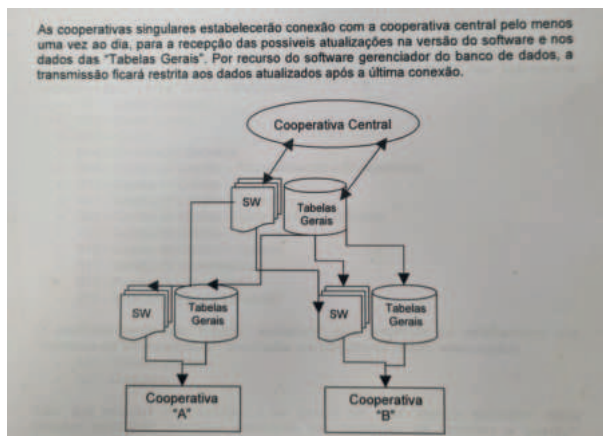




2011

Lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2011/2012 em Francisco Beltrão (PR).

Início da implantação do sistema online Colmeia.



2012

Início do processo de expansão para outras regiões do Brasil.
Assinatura do Projeto de Expansão do Cooperativismo Solidário Cresol/BNDES, com abrangência aos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rondônia, Amazonas e São Paulo.



2013

Realização de seminários do cooperativismo de crédito solidário, em parceria com o BNDES, nos estados de expansão da Cresol.



Alteração de nomenclatura de Confederação de Serviços para Confederação de Crédito.



2014

Constituição da Central Cresol Sicoper, em Passo Fundo (RS).

Visita de representantes da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) à Cresol, durante atividades do Ano Internacional da Agricultura Familiar.



2015

Ao completar 20 anos, a Cresol reposiciona sua marca e lança uma nova identidade visual.

Cooperativismo



Financeiro



Permanência
no campo



Solidariedade



União



CRESOL

2016

Ativação da compensação própria - Código 133.

Cresol se torna a maior operadora de crédito rural do BNDES no Sul do Brasil.

Lançamento do Internet Banking Cresol para desktop e smartphone.

Sistema de Internet Banking já está disponível no celular e tablet

Desde o início deste ano as cooperativas Cresol usam as facilidades da nova ferramenta de tecnologia do Internet Banking Cresol para acesso a sua conta, e no mês de maio a Confesol realizou mais um avanço com relação ao acesso ao Internet Banking. O sistema que permite acesso à conta corrente online por meio da internet, oferecendo mais comodidade e segurança aos cooperados filiados às Centrais de Crédito Rural Solidário agora também está na versão mobile disponível na App Store e Google Play.

A versão mobile do internet banking está disponível para baixar no endereço <https://internetbanking.confesol.com.br> ou também acessando as lojas virtuais App Store e Google Play pesquisando pelo nome das Centrais (Cresol, Ancoab, Cefimra) e baixando o aplicativo Cresol, ferramenta que é mais uma conquista e um grande passo para a Cooperativa, que busca a cada dia melhorar a oferta de serviços prestados.

Com o Internet Banking os cooperados poderão realizar atividades diversas com conexão via desktop, smartphone e tablet. O serviço permite consultar saldo e extrato na conta corrente, atualizar os dados cadastrais e solicitar cheques.

Segundo os responsáveis pela área de tecnologia da Confederação, com sede em Florianópolis, essas são as primeiras versões liberadas, e em breve outras soluções estarão disponíveis como transferências financeiras, gerando a maior comodidade e segurança dos cooperados.

A nova ferramenta com informações em tempo real irá facilitar o dia a dia dos cooperados e para iniciar o uso do Internet Banking basta acessar com sua senha de conta corrente em ir à Cooperativa e cadastrar a senha da conta corrente para utilização.



Com o Internet Banking os cooperados poderão realizar atividades diversas com conexão via desktop, smartphone e tablet.

2017

Mudança do nome fantasia da Confederação Nacional das Cooperativas Centrais de Crédito e Economia Familiar e Solidária (Confesol) para Cresol Confederação.

Cresol Confederação





2018

Inauguração da nova sede da Central Cresol Baser, em Francisco Beltrão (PR).

Infocos passa a ser o órgão de formação da Cresol Confederação e passa a se chamar Cresol Instituto.

Constituição da Cresol Agri-Agência.

Implantação do primeiro ATM (Automatic Teller Machine), conhecido como caixa eletrônico.





2019

Fortalecimento sistêmico do princípio de admissão livre para atendimento a diversos públicos.



2020

25 anos da Cresol.

Cresol inicia operação do Pix, novo meio de pagamentos do Banco Central

Plataforma traz agilidade e facilidade para os cooperados



COMPARTILHE



O Pix, novo meio de pagamentos do Banco Central, entrou em funcionamento nesta segunda-feira (16) e está à disposição dos mais de 600 mil cooperados do Sistema Cresol. Agora, é possível pagar, transferir e receber dinheiro em até 10 segundos, 24 horas por dia, todos os dias da semana.

Implantação do Pix.

2021

Reconhecimento da ONU para a Agricultura e Alimentação (FAO).

Cresol é a primeira cooperativa de crédito a realizar operações com recursos do Fungetur e da Finep.



2022

Cresol é uma das maiores operadoras de crédito para pessoa física via BNDES.



Pacto Global
Rede Brasil

Assinatura do Pacto Global da ONU, maior iniciativa de sustentabilidade corporativa do mundo, com mais de 20 mil membros, entre empresas e organizações, em 160 países.

2023

Cresol é a terceira maior força do cooperativismo de crédito do Brasil.



Parceria entre Cresol e BRDE completa 25 anos.



Parceria entre Cresol e BNDES
completa 25 anos.

2024

10 mil colaboradores.

9ª Melhor Empresa para Trabalhar no Brasil no ranking GPTW.

Cresol se torna membro associado do Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito (WOCCU).





2025

30 anos

- 1 milhão de cooperados.
- 1.000 unidades de atendimento.
- A maior campanha de prêmios do cooperativismo de crédito do Brasil - Cooperar é Ganhar, com R\$ 10 milhões em prêmios.
- Reconhecimento no ranking GPTW Melhores Empresas para Trabalhar na América Latina.
- Ano Internacional das Cooperativas.





Inauguração da filial da
Cresol Confederação, em
Francisco Beltrão (PR)



CRESOL

